

Incondicional

SÉRIE CALOR LATENTE LIVRO 3

✦ KACAU TIAMO ✦

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

INCONDICIONAL

KACAU TIAMO

Copyright © 2015 Kacau Tiamo

Capa: Jéssica Gomes

Revisão: Cely Vianna

Diagramação Digital: Katia Caumo

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

SUMÁRIO

[Agradecimentos](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois.](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Epílogo](#)

[A Autora](#)

[Contato](#)

[Outras obras na Amazon](#)

[CALOR LATENTE](#)

[INEVITÁVEL](#)

[CONTO CAMINHOS DO CORAÇÃO](#)

**“Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou,
descobriu um tesouro”**
(Eclesiástico 6,14)

Agradecimentos

Obrigada a todas as leitoras que me incentivaram com seus comentários e leituras no wattpad. Em especial às minhas "tops comentaristas" Andreia Filipa (com direito a participação especial), Susana Silva e Marisa Tiago que mesmo morando em Portugal, acompanharam e fizeram questão de comentar em todos os capítulos ! <3

Minhas amigas do peito, não poderiam faltar aqui também. Graziela Lopes, Andreia Calegari, Helena Costa, Helena Solon, Lilia Britto, Luana Silva, Luciana Rangel, Mônica Menezes, Talita Oliveira, Ionara Carvalho, Elania Rodrigues, Karoline Gomes, F. Bittencourt, Deisi Riewe, Dani de Mendonça, Kelly Faria e Gisele Melo, obrigada por me aturarem dia e noite, vocês moram no meu coração. <3

Cely Vianna, um anjo em minha vida, minha revisora e amiga, obrigada pelo apoio. <3

Pequenas, preparem-se!

Desejo a todas uma boa leitura e apreciem sem moderação :)

Capítulo Um

Essa festa, do melhor amigo do meu irmão, chegou na hora certa.

Estar aqui, no meio de um monte de gente se divertindo e dançando, me faz esquecer um pouco do que eu tenho passado.

Desde que me lembro, estive doente de algum jeito. Ou fraca demais.

Meu irmão é meu porto seguro. Meus pais? Eles precisam de alguém que cuide deles, coitados. Eles não têm mais forças para cuidar de mim, além do que, não tínhamos contado para eles. Meu pai, já com seus setenta anos, tinha uma saúde frágil devido ao diabetes e outras complicações. Quando eu nasci, minha mãe já tinha trinta e cinco anos e meu pai quarenta e dois. Foi uma gravidez complicada, pois minha mãe era considerada muito velha para ter um filho naquela época, há vinte e oito anos atrás. Hoje, graças a Deus, tudo é diferente.

Procuro por Theo e o encontro dançando com uma morena linda. Pelo jeito ele está interessado nela. Isso é bom, muito bom. Theo vai fazer quarenta anos e é um solteirão convicto, sempre acompanhado por belas mulheres, ao mesmo tempo em que é um lobo solitário. Não sei se é por mim ou simplesmente por não ter encontrado a mulher certa ainda.

Ah, lá está meu Dr. Guilherme. Digo meu, porque eu o quero. Nunca quis ninguém em minha vida. Eu aqui falando do meu irmão, mas para mim é ainda pior. Tenho vinte e oito anos e sou ainda mais sozinha. Sou escritora, escrevo romances tórridos e com lindos finais felizes, mas isso tudo é devido a minha imaginação e meus desejos,

que expresso no papel, inventando personagens que amam e são amados.

Uma coisa sobre mim? Sou virgem.

Como uma virgem pode escrever romances eróticos e cheios de sensualidade? Caramba, sou uma mulher! Nunca tive um homem, mas já namorei (apenas dois caras), experimentei orgasmos das mais variadas maneiras, apenas nunca transei. Pode parecer antiquado, mas quero "O" cara para isso. Quero amar de todo o meu coração e me entregar para quem realmente merecer. E puta que o pariu, o meu Dr. Guilherme parece ser esse "cara".

Sabe quando você pensa na pessoa e seu corpo desperta? Da aquela tonturinha gostosa, seus mamilos intumescem e você sente tudo lá por baixo se contrair e umedecer? Pois é. Ele tem esse poder sobre mim. Mas será que ele sabe? Quando penso em um futuro com alguém, é com ele. O simples fato de eu pensar no futuro com alguém já é...

Devo estar dando muito na cara, pois ele está me olhando... Ai meu Deus ele está vindo! E sorrindo. *Humm, esse sorriso me mata!*

Ele chega perto e se abaixa para me dar um beijinho no rosto. Aproveito e inalo seu perfume. Nossa senhora das calcinhas molhadas, proteja a minha!

—Boa noite, Ella. Por que está aqui sozinha? Não está se sentindo bem? — Perguntou, preocupado.

—Estou bem sim. Só não conheço muita gente e quem eu conheço está acompanhado. — Sorri para ele, o tranquilizando.

—Bem, eu não estou acompanhado. — Olha em meus olhos e dou graças a Deus por estar sentada. Aquela tonturinha gostosa que

falei me tomou com força total. —Quer dançar? — Estende a mão para mim. Tímida, estendo a mão e aceito a oferta.

Chegamos à pista de dança e ele me abraça, começando a dançar. Nunca tinha ficado tão próxima a ele. Nós nos conhecemos há muito tempo, ele era amigo do Theo, desde sempre, e eu sempre achei que, para ele eu fosse apenas a irmã doentinha do melhor amigo e que minha paixão por ele era unilateral... Mas olha só! Ou o celular dele era daqueles motorolas super antigos, do tipo "tijolões", ou ele estava excitado. E wow! Tinha um senhor equipamento!

Levantei o rosto para olhá-lo e senti meu rosto queimando. Ele estava me olhando fixo e sorrindo, com cara de safado. Era como se ele tivesse lido meus pensamentos. Desviei o olhar e me afastei de leve. O que eu posso fazer? Sou tímida demais. Minha mente é safada, sexy e pervertida, mas eu mesma sou o contrário.

Meu Dr. Guilherme era uma mistura de Bad Boy com policial linha dura. Só de você olhar, não diria que ele era um médico, mas sim um detetive daqueles, que te faria confessar crimes inimagináveis.

Eu cresci com Theo, Rick, Guilherme e Bruno, amigos desde o fundamental. Imagina o que era crescer no meio desses homens lindos?

No ensino médio eles haviam formado uma banda, com Theo no vocal, Rick na guitarra, Guilherme no contra baixo e Bruno na bateria. Eles eram muito bons! Chegaram a fazer alguns shows na escola e na faculdade, mas depois "ficaram responsáveis" e se focaram em suas carreiras. No entanto, sempre lembravam os velhos tempos como estavam fazendo hoje.

Após a escola, frequentaram a mesma faculdade, porém cursos diferentes. Theo fez propaganda e marketing; Rick, administração e hotelaria, por causa da sua herança; Guilherme medicina e Bruno Educação Física, contudo depois resolveu cursar enfermagem e aqui está ele, feliz da vida. Eram quatro lobos solitários. Rick, pelo jeito, achou a mulher de sua vida. AH! Ele tinha sido tão romântico em seu pedido de casamento que presenciei emocionada e a notícia dos bebês foi a melhor de todas! Era bom ver que ele estava feliz e que estava tomando jeito.

A música acabou e voltamos para a mesa, onde ficamos conversando até Theo vir me chamar para ir embora. Ele tinha que trabalhar pela manhã.

—Não se esqueça da sua consulta na quinta, Ella.

—Não vou deixar que ela se esqueça Guilherme. Vou levá-la. Até mais. — Theo respondeu por mim e eu só assenti com a cabeça. Eles se despediram daquele jeito que os homens fazem, com tapinha nas costas, num abraço de macho. Dei um adeus com a mão e segui meu irmão.

Está se perguntando o porquê da minha consulta? É que eu tenho câncer. Um tipo de leucemia chamada LMA, sigla para Leucemia Mieloide Aguda. Guilherme é meu oncologista. Theo fez questão, pois como ele diz, “ele confia, até de olhos fechados”.

Como falei, sempre fui fraquinha, tendo anemias, infecções e inflamações, sem um motivo aparente. Conforme fui ficando adulta os sintomas foram piorando e fui diagnosticada como reumática, por causa das dores ósseas que eu tinha; depois problemas hormonais, que faziam com que eu menstruasse demais, o que fazia os médicos acharem esta ser a causa da minha anemia, entre outras tantas.

Há um mês fui diagnosticada com leucemia, o que me deixou aliviada, por acharem finalmente o que eu tinha e ter a chance de me tratar, e também apreensiva, por ser câncer. Eu não tinha medo de morrer por isso, só não queria sofrer, pois passar por todo o tratamento era um processo sofrido e doloroso, segundo a minha pesquisa. Mas eu faria o que fosse necessário para vencer a doença.

Chegando em casa, Theo me deu um beijo na testa, perguntou se eu precisava de alguma coisa, deu um boa noite e foi para seu quarto. O coitado trabalhava demais e no último mês, com a descoberta da minha doença ele estava meio recluso.

Fui para meu quarto. Quando comecei a tirar o vestido, senti o perfume do Guilherme na peça. Coloquei com cuidado ao lado do meu travesseiro e fui tomar um banho antes de dormir. Uma de minhas manias. Não conseguia dormir sem tomar pelo menos uma ducha.

Uma música me chamou a atenção e fui atrás do som. Estava vindo do quarto do Theo. Ele estava cantando! Uma felicidade sem tamanho me invadiu. Ele estava apaixonado! Meu Theo estando encaminhado, eu poderia partir em paz.

Tenho noção da gravidade da minha doença e de tudo que pode vir com ela. Eu estava preparada para o pior, sempre fui assim. Acho melhor me preparar para enfrentar um leão e me deparar com um gatinho, do que o contrário.

Voltei ao quarto, me deitei e liguei meu *note*. Mais uma vez Guilherme seria meu personagem principal e pelo menos ali, naquelas linhas, ele seria meu, como e quantas vezes eu quisesse...

Acordei, com o *note* perigosamente na beirada da cama. Acabei adormecendo com ele no colo. *Outra vez*, pensei. Meio sonolenta,

fechei e o coloquei no chão, voltando para o mundo dos sonhos.

Capítulo Dois

Até que essa sala é bem confortável, pensei enquanto observava a sala de espera do setor de oncologia do hospital. Hoje era a minha consulta e eu estava louca para ver o meu Dr. Guilherme. Assim como Theo, eu confiava nele, além do fato de ser completamente apaixonada por aquela coisinha linda, de 1,95m, ombros largos, olhos acinzentados. Meu Dr. Tentação era realmente uma bela visão.

Estava perdida em pensamentos, encarando um quadro que enfeitava a sala, quando senti alguém atrás de mim.

—Bonito, né?

Respirei fundo, sentindo seu perfume e me inclinei um pouco mais para trás, como se estivesse observando melhor a gravura, quando na verdade eu queria mais do calor do corpo dele.

—Impressionante. As linhas, as cores, numa sintonia perfeita. — Respondi e me virei para ele, que me encarou sorrindo.

—Se interessa por arte? — Ele perguntou, meio incerto.

—Me interesse por vários tipos de arte. — Se ele soubesse que a minutos eu estava pensando que ele era uma obra de arte... Sorri com a cara mais lavada do mundo. Ele não podia nem imaginar o que se passava por minha cabeça... o quanto eu o queria. Suspirei.

—Cansou de esperar? Demorei muito para te chamar? — Guilherme disse, olhando o relógio.

—Não, tudo bem. E você ainda não me chamou. — Eu era toda sorrisos. Isso não era certo, afinal eu estava prestes a ter uma consulta sobre o mal que me acometia.

—Bem, então vamos lá. — Ele apontou para a porta, abrindo os braços de maneira teatral.

Entrei em sua sala e ele apontou a cadeira, em frente a sua mesa. Me sentei e ele se sentou à minha frente; começando a fazer as perguntas de praxe, pegou meus exames e olhou atentamente. Pediu para que eu sentasse na maca, olhou minha garganta, meus ouvidos, meus olhos... respirei fundo e preendi a respiração. Ele estava tão perto. Abaixou o aparelho que olhava meus olhos, mas não se afastou, os olhos presos aos meus, dançando de um para o outro. De repente caíram para meus lábios e passei a língua neles, umedecendo.

Guilherme então gemeu baixinho e me surpreendendo, enfiou a mão em meus cabelos, na nuca, me puxando mais para ele e grudou sua boca na minha.

Nem em mil anos eu estaria preparada para tudo o que senti naquele beijo. Sua boca era exigente, me devorando. Sua língua acariciava e explorava os recantos de minha boca, me deixando doida. Então quando ele se enfiou entre minhas pernas, se encostando em mim, Jesus! Senti tudo lá por baixo pulsando, a umidade crescendo, o fogo me consumindo.

Guilherme se esfregou em mim e sua ereção acariciou meu clitóris. A mão livre dele foi para minha cintura, me apertando ainda mais contra ele. Passando a surpresa, meu corpo pareceu reagir sozinho e me vi agarrada a ele, acariciando seus cabelos, escorregando as unhas por suas costas, arrancando um gemido rouco dele. Não conseguia me conter. Meu corpo tinha vida própria e respondia as investidas dele com igual ardor. Fomos de 0 a 100 em segundos.

Parecendo juntar forças sabe Deus de onde, ele separou os lábios dos meus e encostou a testa na minha, respirando ofegante, de olhos fechados.

—Me perdoe Ella. Eu não me contive. Você assim, tão perto... Seus olhos nos meus, sua boca tão tentadora, tão pertinho. — Ele suspirou se afastando e ajustando o membro dentro do jeans.

—Guilherme...

—Você é o fruto proibido Ella. É irmã do meu melhor amigo, basicamente te vi crescer...

—Guilherme, me escute...

—Mas eu sempre te quis. Era estranho, mas mesmo sendo mais nova que eu, era minha tentação, minha perdição... — Ele tagarelava, andando de um lado para o outro na minha frente. — Imagine minha surpresa quando você me deu aquele livro de aniversário, alguns meses atrás. Algumas pessoas ignoram completamente a ficha catalográfica, mas eu criei essa mania ainda na faculdade, por causa de vários trabalhos que tinha que fazer... — Aquilo me gelou por dentro. Ele se virou para mim e veio mais perto, colocando os dedos em meu queixo, levantando meu rosto para olhar em meus olhos. — Eu li o seu livro. E desde que percebi que seu personagem principal era muito parecido comigo, minhas fantasias em relação a você só pioraram.

Meu Deus! Nunca pensei que iriam ler a porcaria da ficha catalográfica do livro! Cacetada! Lá tinha todas as informações reais, nome completo e ano de nascimento. Engoli em seco e sem desculpas, o encarei.

—Ele... Sou eu? — Perguntou, próximo demais para que eu pensasse em alguma coisa para dizer. Apenas assenti com a cabeça.

Não conseguia desviar o olhar, ele me mantinha de alguma forma, presa a ele.

—Você realmente pensa tudo aquilo de mim? Comigo? — Ele estava meio sem chão, perdido.

—O que eu mais quero em minha vida. — Confessei num fiapo de voz.

—Por Deus, Ella. — Ele me abraçou. Forte. Senti a ereção dele em mim, enorme e pulsando. Com um suspiro, ele me beijou novamente.

O que eu mais queria era que ele me fodesse. Forte. Ali mesmo, sentada, daquele jeito. Caramba, eu nunca quis tanto uma coisa dessas na minha vida e já havia esperado tanto tempo... Pelo jeito ele também queria, pois suas mãos vagaram pelo meu corpo, explorando, me deixando mais louca por ele do que eu já estava.

De repente a realidade caiu sobre mim. Estávamos nos agarrando ali, no consultório dele, com alguns pacientes esperando do lado de fora.

—Guilherme... Eu quero muito, esperei tanto tempo.... mas estamos no seu consultório... Pode entrar alguém. — Fui falando entre beijos.

Ele se afastou um pouco e deu uma última pressionada de seu corpo contra o meu.

—Você está certa. Vamos continuar seu exame. — Foi auscultar meu coração. — Humm, seu ritmo cardíaco está acelerado... Isso não é bom... — Ele disse rindo, dissipando a tensão. —Pode se levantar.

Guilherme voltou para a mesa dele e o segui, sentando na cadeira que ele havia me apontado antes. Me passou um remédio, para

começarmos o tratamento, sem que houvesse a necessidade da quimio. Se esse não adiantasse, então não teria jeito.

—O que acha de nos encontrarmos no final de semana? No sábado está bem pra você? Podemos pegar um cinema e depois jantar. O que acha? — Levantou-se e veio para meu lado, me oferecendo a mão para que eu ficasse de pé.

—Acho ótimo. — Guilherme me abraçou e me beijou de leve.

—Mal posso esperar. Te apanho às sete. — Me afastei e ele pegou minha mão, indo comigo até a porta do consultório. Nos despedimos e quando cheguei na calçada, Theo estava me esperando. Passamos para comprar os remédios e que Deus me ajudasse.

Capítulo Três

Fechei a porta e me recostei nela, incrédulo.

Eu realmente a tinha beijado! Passei os dedos pelos meus lábios que ainda formigavam. Podia sentir a textura da pele dela em minhas mãos.

Quantos anos aguardando pacientemente, mas louco por ela.

Caminhei até a cadeira que eu me sentava todos os dias, atrás daquela mesa e abri a gaveta, retirando de lá uma foto antiga.

Nela estava Theo, Ella e eu. E meu amor estava no meio de nós dois, abraçada aos nossos pescoços. Ali, ela tinha dezessete anos. Confesso que foi a fase mais difícil para mim, pois Ella estava desabrochando e começando a sair com as amigas... Ella sempre teve a saúde frágil e tudo aconteceu tarde em sua vida... Para minha felicidade!

Ela teve apenas dois namorados sérios, mas esses não duraram muito, pois todos os que tentavam acabavam desistindo, pois nosso quarteto era implacável e os pobres coitados tinham que nos aguentar, constantemente. Eu, particularmente, era o pior. Não me orgulho disso.

Quando ela teve seu primeiro namorado sério, eu surtei. Em casa, sozinho, mas surtei. Quebrei tudo o que encontrei pela frente, chorei e fiquei emburrado por dias, não falando com ninguém. Eu sou assim, quando fico contrariado eu me fecho em meu mundo e basicamente não falo muito, só o necessário e olhe lá. Eu tinha que ser o primeiro. Aquele idiota ia tocar, beijar e sabe-se mais o que ele faria com minha Ella.

Sacudi a cabeça, me livrando daquela lembrança. O importante era que eu tinha criado a coragem necessária para dar o primeiro passo.

Jesus, quando eu abri aquele livro e li o nome dela como autora, no verso da primeira página... Meu coração bateu descompassado e comecei a ler... Devorei o livro em três horas, com meus merecidos "tempos" sozinho, para baixar o tesão que a leitura me deu. Tive que me aliviar muitas vezes, principalmente quando percebi a semelhança brutal, daquele cara, personagem principal, comigo. Comecei a fazer mil suposições e pensei em várias maneiras para chegar nela, mas como eu o faria com Theo sempre por perto?

Hoje tinha sido perfeito! E não ser rechaçado foi magnífico. Saber que minhas suposições tinham fundamento e que ele era realmente eu, me fez recordar as cenas do livro e o que ela queria fazer comigo me deixou fora de mim. Se ela não tivesse me parado eu teria feito uma bobagem sem tamanho, a possuindo ali mesmo na mesa de exames, com todos os pacientes lá fora aguardando.

Pacientes... Eu ainda tinha muitos para atender hoje. Suspirando resignado, guardei a foto, me levantei, abri a porta e chamei o próximo.

Meu dia passou num borrão e quando percebi já era hora de ir para casa. Soltei o ar com força e passei as mãos pelos cabelos.

—O que eu vou fazer agora? Theo é capaz de me odiar, se souber que eu beijei a irmã dele dessa maneira. Pior ainda se souber que vamos sair ou o que eu sinto por ela. — Falei baixinho, para mim mesmo. Eu estava em um mato sem cachorro...

Juntei minhas coisas e fui embora. Eu tinha que planejar a noite de sábado.

No sábado as 19h, lá estava eu. Parado em frente à casa do Theo. Se ele saísse eu teria que abrir o jogo com ele. Dei uma buzina e a porta se abriu. Era minha linda Ella.

Jesus , ela estava um arraso, usando um vestido preto. Abriu a porta do carro e entrou. Seu perfume me deixou louco.

—Oi. — Ela disse sorrindo.

—Oi, minha linda. — Peguei a mão dela e dei um beijo. Ella abriu um sorriso devastador.

Liguei o carro e saí dali. Não que eu tivesse medo do Theo, mas era melhor evitar um confronto direto. Pelo menos por enquanto.

Fomos falando amenidades até chegar ao shopping. Parei o carro no estacionamento e quando desliguei o motor, olhei para ela.

—Não saia, vou abrir a porta pra você. — Tirei a chave do contato, saí , dei a volta rapidinho e abri a porta. Ofereci a mão para que ela saísse. Quando a tive de pé na minha frente, puxei-a para dentro do meu abraço e olhando dentro daqueles olhos verdes, encostei minha boca na dela. O simples contato de nossas bocas me deixou duro. Gemi e aprofundei o beijo. Ela colocou a mão em meu rosto e devagar enfiou os dedos em meus cabelos, me arrepiando. Quebrei o contato, antes que a jogasse no banco de trás e perdesse a cabeça.

—Vamos andando ou vamos perder o filme. — Fechei a porta e acionei o alarme.

Hein? Com aquele beijo, quem queria ver filme?

Respirei fundo, tentando me acalmar. Ok, vamos assistir ao bendito filme, afinal, era para isso que ele tinha me chamado para

sair, cinema e jantar. Quem sabe no jantar... Eu poderia ser o prato principal? Ri do meu pensamento idiota. Ele pegou minha mão e fomos andando assim, de mãos dadas e bem distantes um do outro.

Lá dentro, ele comprou as entradas, pipoca e refrigerante para nós dois. Entramos na sala de exibição e nos sentamos, bem no meio. Respirei fundo novamente. Não iria rolar amasso no cinema. Não sentando nas poltronas do meio!

O filme começou, o tempo foi passando e nada... Olhei para ele, que estava realmente interessado no filme, comendo sua pipoca e rindo das cenas mais engraçadas. Bem, se era para ser assim, que fosse. Comecei a prestar atenção no filme e acabei me divertindo bastante. Quando o filme acabou, ele me abraçou pela cintura e fomos andando até a churrascaria, ali mesmo no shopping.

Chegando lá, o maitre nos levou à mesa que já estava reservada para nós. Ele puxou a cadeira para que eu me sentasse.

O jantar transcorreu bem, nós conversamos e ri de suas piadas. Ele só pegou na minha mão quando a sobremesa chegou. Aqueles olhos lindos, cinzas me encararam.

—Preciso saber o que fazer. Vamos contar para o Theo que estamos juntos?

Engoli em seco. O Theo seria um problema. Ele era muito possessivo e não iria aceitar essa coisa entre nós.

—Humm, acho melhor esperarmos um pouco. Vamos levando por enquanto. —Sorri para ele, na esperança de que ele aceitasse.

—Ok, eu estava pensando a mesma coisa. — Puxou minha mão e levou até a boca, beijando de leve. Esse toque me causou um arrepio e me mexi na cadeira, inquieta. Ah, como eu queria aquela boca em outra parte do meu corpo. Entreabri os lábios, puxando um

pouco mais de ar para meus pulmões. Ele me deixava pegando fogo, sem esforço algum.

Ele suspirou e largou minha mão, colocando-a gentilmente na mesa. Comemos a sobremesa, ele pagou a conta, depois o estacionamento e fomos de mãos dadas até o carro. Abriu a porta para mim, esperou que eu entrasse e a fechou. Encostei a cabeça no banco e suspirei. *Acho que aquele beijo é tudo o que eu vou ganhar hoje.* Pensei, resignada.

Ele entrou, deu a partida e saímos. Em minutos chegamos a minha casa. Ele puxou minha mão e beijou novamente.

—Te vejo terça?

—Com certeza.

—Até lá então, minha linda. Espera.

Guilherme saiu e abriu a porta para mim. Me deu um beijo no rosto e fui andando até a porta de casa. Coloquei a chave na fechadura e olhei para ele. Me assustei, pois ele estava bem atrás de mim. Abri a boca para gritar de susto e ele se aproveitou disso, sua boca caindo sobre a minha.

Ele me apertou contra a parede e o beijo pegou fogo. As mãos dele percorreram minha cintura e subiram, acariciando. Chegou até minhas axilas e continuou, elevando meus braços. Prendeu minhas mãos, segurando com uma só, enquanto a outra voltou a percorrer meu corpo, moldando-se em meu seio. Gemi deliciada pela sensação daquela mão grande me apalpando. Guilherme pressionou seu pau deliciosamente duro contra meu corpo. Senti minha calcinha molhar, o calor em meu corpo tornando-se insuportável. A boca dele liberou a minha e escorregou pelo meu rosto, mordiscando a pele, até chegar a minha orelha.

—Passei a noite louco por isso. — Sussurrou em meu ouvido.
—Não quero me aproveitar de você, minha linda. Prometo que eu vou devagar.

E sempre! Completei em pensamento. Se ele soubesse o quanto eu o queria... Essa maldita timidez.

Soltou minhas mãos e massageou meus braços, me dando um último beijo.

—Nos vemos na terça... E por tudo que é mais sagrado, coloque um biquini enorme. — Disse ele, rindo baixinho. —Até, bons sonhos.

Virou-se e foi até o carro, parando na porta, me mandando um beijo com a mão. Abri a porta e entrei em casa. Só aí, escutei o carro ligando e partindo.

—Como foi seu encontro?

Dei um pulo e meu sorriso morreu. Theo estava ali, perto do sofá, parado, me olhando com uma cara nada boa.

—Foi bom. — Respondi, já indo para o meu quarto.

Não estava a fim de um papo cabeça com ele e pelo o que eu conheço do meu irmão, era o que aconteceria a seguir. Entrei no quarto, feliz por ter conseguido escapar da inquisição do Theo sobre minha noite.

E essa do meu Dr. Tentação? Não querer se aproveitar de mim? Eu queria, mais que tudo, que ele se aproveitasse e mais de uma vez! Bem, tinha sido a primeira vez que saíamos juntos. "*Paciência Ella!*", disse para mim mesma. Mas será que eu tinha tempo para ser paciente? Eu sabia o que me aguardava e em breve os remédios fariam efeito sobre meu corpo... Não iria pensar nisso.

No final, a noite tinha sido boa, tínhamos aproveitado a companhia um do outro de uma maneira deliciosa. A coisa entre nós

era gostosa e a conversa fluía naturalmente. Nada daquele papo clichê dos outros carinhas que passavam o tempo inteiro babando e tentando me levar para a cama, bem pelo contrário, Guilherme fez questão de que aproveitássemos à noite sem essa coisa de sexo pairando sobre nós.

Tirei a roupa e minha blusa estava com o cheiro dele. Coloquei ao lado do meu travesseiro. Iria dormir agarradinha nela, sentindo o perfume do meu Dr. Tentação. Isso já estava virando um hábito. Pela segunda vez em poucos dias, eu ia dormir agarrada a uma peça com o cheiro dele... Meu homem cheiroso.

Capítulo Quatro

Hoje acordei cedo para os preparativos da virada de ano. Tinha hora marcada no salão, ia fazer um pacote completo. Depilação, unhas, corte e hidratação. Theo tinha me dado uma bronca, por fazer isso tudo para passar a virada do ano ao lado de uma fogueira na praia. Disse a ele que eu era uma mulher e com tudo isso acontecendo eu queria estar bem comigo mesma. O que não era mentira. Só omiti a parte de que meu Dr. Tentação poderia passar as mãos em meus cabelos, em minhas pernas... Se eu desse sorte, em outra partezinha de meu corpo, que estaria muito bem depilada, por via das dúvidas. Ri de mim mesma, mas a esperança é a última que morre.

Depois de tudo, ele me buscou e fomos comer alguma coisa rápida, antes de irmos às compras.

Rick, Jess, Camy, Cris, Erik e Layla chegaram às três da tarde. Nossas coisas já estavam no carro. Theo perguntou por Pam e Rick disse que ela iria passar com as amigas, em alguma casa noturna. Ela havia se mudado para cá há uns seis meses, quando transferiu a matriz de sua empresa para nossa cidade. Ele ficou todo triste, tadinho, creio que ele achava que iria passar a virada com ela.

Guilherme logo chegou e partimos. Para completar o quarteto dos lobos solitários, faltava Bruno, mas ele iria mais tarde, pois havia sido escalado para dar plantão no hospital.

Algumas horas depois chegamos à praia, na casa dos meus pais, que nos esperavam no portão.

—Meninos, que saudade! — Minha mãe veio nos abraçar. —Vocês estão lindos! — Disse ela, se dirigindo a Rick e Guilherme. —Vejo que você se ajeitou na vida hein, menino. — Ela apertou a bochecha do Rick, que se abaixou e deu um beijo na bochecha dela.

—Vamos nos casar e teremos bebês. — Ele falou todo feliz.

—Que felicidade meu filho, que Deus abençoe. Bebês! Filhos é uma dádiva.

Minha mãe e seu jeitão.

Rick riu com gosto e apresentou Jess, os meninos e Cris.

—Vamos entrando. Está faltando um, cadê o Bruno?

—Ele já vem mãe, está trabalhando, vai chegar pra fogueira. — Theo respondeu e começou a descarregar nossas coisas.

Cada um colocou suas coisas nos quartos, Guilherme e Bruno ficariam no quarto antigo de Theo com ele, Camy e Layla ficariam comigo em meu quarto, Cris e Erik na sala, Rick e Jess no quarto de hóspedes.

Saí, me sentei na rede da varanda e fiquei observando o mar.

Aquela faixa de areia enorme, as ondas do mar quebrando na praia, em uma espuma branquinha... Ah, o barulho do mar era tão relaxante. Os lobos foram armar a fogueira, com a ajuda de Cris e Erick e, em pouco tempo ela estava pronta; eles levaram os bancos de madeira e colocaram em volta.

Por volta das dez horas, meus pais chamaram todos para o último jantar do ano.

Quando estávamos todos sentados à mesa, meu pai se levantou e começou a falar.

—Bem, esse ano está acabando, mas terminando com grandes novidades! Nosso Rick vai se casar e ter filhos. O apressadinho vem

logo com dois e, pelo o que eu soube são idênticos. Parabéns menino. Demorou, mas fez direitinho hein?— Todos rimos, Rick se aproximou de Jess e deu um selinho rápido. —Espero que mais de vocês tomem jeito nesse ano que se inicia. — Ele deu uma piscada para meu irmão e Guilherme. Eu também queria que ele se ajeitasse... Comigo! —Bem, vamos comer! E que Deus nos abençoe. — Ele completou depois que minha mãe o olhou. Eles sempre se comunicaram por olhares. Acho que isso acontece, depois de tanto tempo juntos.

Como sempre, quando todos nós nos encontrávamos, o jantar foi divertidíssimo. Logo depois, Theo pegou seu violão, Guilherme pegou o cooler com as cervejas e fomos todos para a praia. Rick acendeu a fogueira.

Nos sentamos em volta dela, Theo começou a dedilhar o violão.

Jorge e Matheus.

Ele devia estar sentindo falta de alguém, no mínimo da Pam, prima do Rick. Ele parecia caidinho por ela.

—E pra deixar acontecer, a pena tem que valer, tem que ser com você. — Ele começou a cantar e Rick se juntou a ele, olhando para Jess. Ah, era uma serenata! *—Nós, livres pra voar, nesse céu que hoje tá tão lindo, carregado de estrelas, e a lua tá cheia refletindo o seu rosto...* — Nos juntamos a eles, não dava para estar à beira de uma fogueira com um violão e não cantar! *—Dá um gosto de pensar, Eu, você e o céu e a noite inteira pra amar...*

A essa se seguiram *Duas metades, A gente nem ficou* (essa com olhares muito significativos entre Layla e Erick), *Logo eu, Jeito carinhoso, Por que...* Essa eu cantei para o meu Dr. Tentação.

—Eu acho que estou gostando de você, mas você não percebe, por quê? Eu vejo o tempo passando e cada vez me apaixonando mais, mas você não percebe. Por quê? Invente uma história, me diz qualquer coisa, mas fala comigo. Gosto de ouvir tua voz, de olhar teus olhos... tão lindos. — Guilherme me olhava com olhos brilhantes e fez um sinal com a cabeça, para que eu o seguisse.

Ele se levantou e foi andar pela praia. Esperei um pouco e me levantei também... Chegando próximo a água, abaixei para pegar uma conchinha e olhei para a fogueira... Estavam todos tão envolvidos pela música que não notaram a nossa saída, então fui atrás do meu Dr. Tentação.

Ele estava parado, alguns metros a minha frente. Cheguei perto e ele estendeu a mão, que apertei entre as minhas.

— Oi, minha linda. — Ele sussurrou e me puxou para um beijo.

Quando nossos lábios se tocaram, meu corpo todo respondeu, ficando alerta. O beijo se aprofundou e meus dedos se perderam nos cabelos dele. Guilherme me puxou para mais perto e suas mãos percorreram minhas costas, em direções opostas, uma me segurando pela nuca e outra em minha bunda, me apertando contra ele.

—Estava louco para te beijar, te sentir pertinho de mim. Tava doído de saudade.

Voltou a possuir minha boca, me deixando mole e quente. Muito quente.

— Vamos mais longe deles. Quero matar toda essa saudade...

Puxou-me pela mão e saímos correndo pela praia.

Corremos como duas crianças pela praia, Guilherme e eu, rindo, felizes.

Quando estávamos em uma distância segura, paramos, sem fôlego.

Ele emoldurou meu rosto com as mãos e juntou seus lábios aos meus. Ah, como eu gostava dos beijos do meu Dr. Tentação. Nunca eram iguais.

Enrolei meus dedos em seus cabelos e acariciei sua língua com a minha. Ele me puxou para mais perto de seu corpo grande e me senti totalmente protegida entre seus braços.

Seus lábios correram pelo meu queixo, distribuindo beijos pelo meu rosto.

—Minha linda, ficar sem você é como ficar sem respirar. Preciso de você, de seu cheiro... — Ele roçou o rosto no meu e cheirou a curva do meu pescoço. — O que eu faço? Quero te ver todos os dias, estar com você, sentir você assim, presa em meus braços, coladinha em mim.

Um arrepio me percorreu. Eu queria tudo aquilo também. Sempre quis e agora que se tornou realidade, era como uma obsessão.

—Eu sempre quis estar assim. Durante anos esse foi meu desejo de ano novo. — Confessei baixinho.

—Sério? E esse ano qual vai ser seu desejo? Agora que já me tem como queria? — Disse, com uma risada.

Ri por dentro. Eu o queria muito mais do que apenas me abraçando e beijando.

—Não te tenho como eu queria. Ainda. Você sabe disso. — Olhei em seus olhos e o divertimento sumiu de seu rosto, substituído por um tesão puro.

—Ah, eu faço uma ideia. Li seus livros. — Seus olhos brilharam com uma emoção desconhecida e senti sua ereção pulsar em minha

barriga. Ele devia estar se lembrando das cenas que leu.

—Então? — Perguntei, esperançosa. Quem sabe...

—Então? Um dia você vai me ter como deseja. Como eu desejo. Quero tudo.

Mal acabou de falar e me beijou possessivamente. Foi me abaixando e deitamos na areia. Suas mãos percorreram meu corpo, acariciando, sua boca na minha, me enlouquecendo. Sem fôlego, gemi quando a mão dele se encaixou em meu seio e apertou de leve.

—Seus seios foram feitos para minhas mãos. Se encaixam tão bem. — Sussurrou em minha boca.

Deus como eu queria esse homem! Sua boca escorregava pela minha pele, arrancando pequenos gemidos de minha garganta, gemidos que eu não conseguia conter. O tesão e a vontade em mim eram tão grande... A boca dele percorrendo meu pescoço, sugando de leve, me consumindo em beijos deliciosos. E aquele corpo grande sobre o meu, roçando sua ereção entre minhas pernas, acariciando meu clitóris, que latejava. Uma tontura gostosa me tomou, uma necessidade dele... Gigantesca! Enganchei minhas pernas em sua cintura e o apertei mais contra mim.

—Ella... — Guilherme gemeu meu nome. —Ah, que delícia...

Guilherme me beijava sem pudores, com fome. Senti seu corpo estremecer e sua postura mudou. Ele pareceu retomar o controle, coisa que eu não queria que acontecesse, nem de longe. Ele suspirou e seus beijos ficaram mais calmos.

—Temos que ir minha linda. Já, já alguém vem nos procurar. —Deu um último beijo em minha boca e me deixei cair na areia,

frustrada. —Não fique assim. Vai ser um inferno quando Theo descobrir sobre a gente. Conhece seu irmão.

Nisso ele tinha razão. Fiquei calada e assenti com a cabeça. Se eu abrisse minha boca, eu iria suplicar para que ele não parasse e me possuísse ali mesmo na areia e que se danasse o resto. Se ele dissesse não, eu iria me arrepender pelo resto da vida e não seria capaz de encará-lo novamente.

Ele se levantou e me estendeu a mão. Tirei a areia da roupa e sacudi os cabelos. O bom é que era noite, eu poderia me deitar novamente próxima a fogueira e ninguém iria perceber nada. Voltamos para a casa dos meus pais. Fomos de mãos dadas um pedaço do caminho.

—Minha linda, vou contornar a casa pela calçada. Assim chego pelo lado oposto. Feliz ano novo. Que seja o nosso ano e que você fique curada o mais rápido possível. Ouvi dizer que seu médico é um dos melhores. — Ele piscou para mim.

—É sim, o melhor e mais gostoso, que tem um beijo que me tira do sério. Nos vemos daqui a pouco. Feliz ano novo pra nós. — Outro beijinho e ele se foi.

Fiquei olhando-o andar, até ele sumir ao longe. Andei mais um pouco e me sentei na areia. Comecei a pensar na vida, em minha doença, em nós dois.

Eu tinha que dar um jeito de conseguir o que queria, antes que fosse tarde demais. Então resolvi que para o próximo ano eu faria dos momentos entre nós dois, os melhores possíveis. Tentaria ao máximo. Uma hora ele cederia.

Estava tão imersa em meus pensamentos que não percebi Theo chegando.

—Ei, princesa.

Dei um pulo e gritei, tamanho foi meu susto.

—Praga, quer me matar do coração! — Joguei um punhado de areia na direção dele e sorri.

—Achei que você tinha saído para andar com Guilherme, mas ele chegou sozinho, vindo do lado oposto do que vi você indo e disse que não tinha te visto. Fiquei preocupado. Está tudo bem?

—Está sim Theo, só estava pensando na vida. — Dei um sorriso amarelo para ele.

—Venha, vamos voltar para a fogueira. Bruno já chegou e perguntou por você. Vamos nos divertir. Nada de tristezas hoje.

Me levantei, tirei novamente a areia da roupa e o abracei pela cintura. Meu irmão... O que seria de mim sem ele?

Fomos andando abraçados até a fogueira. Agora quem comandava o violão era Rick. Adorava as músicas e o jeito que ele tocava. Enquanto meu irmão era todo Brasil, Rick era internacional! Ele estava tocando e cantando *Nickel Back – Far away*, Jess escutava com lágrimas nos olhos. Depois *The Calling – Wherever you Will Go*. Jess se levantou e foi para o lado dele. Ela o olhava com tanto carinho que o amor entre eles era palpável. *Extreme – More than words* foi a última que ele tocou e passou o violão para Erik. Puxou Jess para o meio de suas pernas, a abraçou por trás e ficou acariciando sua barriga. Eles eram tão lindos de se olhar!

Meu olhar correu para Guilherme, que conversava com Bruno. Ele levantou os olhos e me encarou. Olhou para Theo, que estava do meu lado e voltou a me olhar. Meu corpo acendeu.

Nesse momento meus pais saíram da casa. Meu pai carregando um balde com espumantes, minha mãe uma bandeja com taças.

—Meninos, está quase na hora! Bruno, vá lá para acender os fogos! — Meu pai disse alto.

Fogos! Teríamos fogos esse ano! Com certeza obra do Bruno. Ele era meio doido.

Cada um dos lobos recebeu um espumante e o restante, taças. Apenas Bruno correu para a praia com um isqueiro na mão.

—Contagem regressiva! — Meu pai disse e olhou para o relógio. —Preparem as garrafas meninos! 5... 4... 3... 2... 1! Feliz Ano Novo! — Meu pai estourou a rolha de sua garrafa, seguido por mais três estouros. Taças foram cheias e começou o foguetório. Lindo e emocionante! Senti uma mão em minha cintura e era meu Dr. Tentação.

—Que esse ano, seus desejos se realizem. — Ele disse ao meu ouvido e deu um beijinho rápido em meu rosto.

Ficou parado ao meu lado olhando os fogos e eu achei que se não tivesse aquele barulho todo, todos ouviriam meu coração batendo descompassado e louco. *Sim, esse ano, meus desejos seriam realizados...* Aproveitei que todos estavam fascinados olhando para o céu e discretamente apertei a bunda dele. Ele me olhou surpreso.

—Que os seus se tornem realidade também. — Falei sorrindo. Os olhos dele brilharam. *Sim, desejos seriam realizados.* Voltei minha atenção para os fogos e me perdi em pensamentos.

Após os brindes e felicitações de ano novo, Guilherme pegou o violão e voltamos para a fogueira.

Começou com *Turma do pagode – Lancinho*. A letra toda sugestiva, passou para *Grupo Revelação – Relaxa*. Depois uma música que eu nunca tinha escutado, que dizia "*Você tá afim de mim, e eu afim de você, mas pra tudo dar certo, ninguém pode*

saber. Você vai se amarrar, confie no que eu digo, você vai pirar, com o romance escondido... Romance escondido, vou te deixar louca, você vai ver, quando eu beijar a sua boca. Romance escondido, noite de mil beijos, lance sem limites, mas fica em segredo”...

Era pra mim! Eu era o romance escondido dele!

Meu reveillon nunca tinha sido tão bom! Esse ano prometia, mesmo com toda minha doença, eu sentia nos ossos que seria o meu ano.

Capítulo Cinco

8 meses depois.

O tempo realmente passa muito rápido. Meu desejo de ano novo, até agora, não tinha passado disso mesmo. Um desejo.

Meu namoro com Guilherme, era lindo. Nós saíamos, passeávamos por todos os lugares, creio que havíamos jantado em todos os restaurantes da cidade e visto todos os filmes que entraram em cartaz nesses últimos meses. Mas nós ainda não tínhamos saído do zero a zero.

Nesses meses, minha saúde tinha tido altos e baixos.

Havia começado a quimioterapia, um tratamento alternativo com Tirosina Quinase, para que meus cabelos não caíssem. O que era ótimo para minha alta estima.

Hoje eu estava particularmente ruim. Eu tinha uma enfermeira particular, Ana, que ficava comigo enquanto Guilherme estava no hospital e Theo trabalhando. Ela era uma alma boa, uma pessoa carinhosa e extremamente cuidadosa.

Toda vez que passava por uma sessão de quimio era isso. Eu não aguentava mais as dores em meus ossos, nem vomitar como uma louca. Acho que não tinha mais nada dentro de mim e iria vomitar minhas entranhas.

Ana já tinha me ajudado com o banho e eu estava na cama do Theo (pois havia acontecido um pequeno acidente na minha), curtindo minha miséria, quando ele chegou.

—Você está bem, meu amor? Precisa de alguma coisa? Está com dor?

Se eu estava com dor? Caramba, parecia que meus ossos eram de vidro e iam se partir a qualquer momento.

—Estou bem, Theo. Fique sossegado. O que você vai fazer hoje? Não fique em casa cuidando de mim, pelo amor de Deus! Vá passear, dar uma volta... Basta eu, doente e entrevada nessa cama.

— Tentei convencê-lo a sair. Ultimamente ele estava muito preocupado comigo e passava o tempo todo cuidando de mim. O coitado merecia espairar um pouco e hoje era sexta-feira.

Com um pouco de conversa e uma chantaguzinha emocional eu consegui, mas só depois que eu assistisse a um filme com ele. Ele me pegou no colo sem esforço e me levou para o sofá, deitando minha cabeça em seu colo. Colocou um filme e começou a cantarolar, fazendo cafuné em meus cabelos. Logo eu estava adormecida.

O sábado foi um pouco menos cansativo. Guilherme passou o dia me ligando, querendo saber como eu estava. Sinceramente, eu não queria que ele me visse nesse estado deplorável.

À noite eu estava me sentindo bem melhor. Tão melhor que mandei uma mensagem para ele.

“ Meu Dr. Tentação, você vai ao churrasco do Rick amanhã? ”

Esprei alguns minutos e a resposta dele chegou.

“ Como você está se sentindo, minha linda? Só vou se você for.”

Eu estava me sentindo um pouco mal ainda, mas com certeza amanhã eu estaria melhor. Assim eu esperava. Então respondi.

“ Amanhã vou estar melhor. Eu vou sim. ”

“ Nos encontraremos lá então. Estou com tanta saudade de você... ”

“ Daremos um jeito de matar essa saudade. Até amanhã. ”

“ Até. Boa noite e sonhe com os anjinhos. ”

Joguei o celular de lado e fui tomar o suco de graviola que Ana tinha feito para mim. Segundo ela, era um santo remédio.

Voltei para meu quarto, me recostei na cama e peguei meu *note*. Hoje iria ter meu Dr. Tentação do jeitinho que eu queria... pelo menos em meu livro. Suspirei e comecei a escrever.

Espreguicei-me e bati o braço no *note*. Ai Deus, eu havia dormido enquanto escrevia, outra vez. Peguei o pobrezinho, fechei o programa, salvando as alterações e olhei a hora.

Caramba, eu estava atrasada.

Levantei e fui procurar por Theo.

Olhei a casa inteira, mas nem sinal dele. Ana estava na sala e então perguntei para ela, se tinha visto ele por aí. Ela me respondeu que ele tinha saído já fazia algum tempo. Que saco!

Liguei para ele.

—Eita, nem para perguntar se eu ia junto! — Já saí brigando com ele, nem deixei que falasse direito. —Vou me arrumar e pegar um táxi.

—Nem pensar. Se arrume que dentro de quinze minutos estarei passando aí para pegar você. — E desligou. Bem típico dele. Homem mandão.

Tomei um banho rápido, dispensei a enfermeira pelo resto do dia e quando ele chegou, eu já estava na sala esperando.

Estava ansiosa para ver o Guilherme. Minhas mãos coçavam de vontade de tocar nele... Sem falar de outras partes de mim que estavam latejando de vontade... um estado quase natural ultimamente. Era pensar nele que sentia tudo lá por baixo se apertar e umedecer.

A casa de Jess e Rick era bem próxima à nossa e em 10 minutos nós chegamos.

Fomos entrando e demos de cara com Jess e uma morena, que eu sabia ser a prima do Rick, aquela que havia dançado com Theo na festa. Ele nos apresentou e ela saiu meio atrapalhada, seguindo Jess escada acima.

Saímos na área da piscina, onde acontecia o churrasco. Logo avistei Guilherme, que estava conversando com Rick próximo a churrasqueira.

Jess chegou e sentou-se na cadeira ao lado de Rick, que afagou o barrigão dela. Eles eram tão lindos juntos! Começamos a conversar, banalidades.

—Vocês me desculpem, vou ao banheiro. Acho que alguma coisa não me fez bem. — Theo falou, olhando para Rick, que sorriu.

—Você é de casa, já sabe onde fica tudo. Não fique com vergonha homem, vá lá!

Theo me deu um beijo e foi entrando na casa.

Continuamos ali, o cheirinho da carne me deixando com fome! Isso era um verdadeiro milagre. Comi alguns pedaços, que Rick colocou em meu prato.

Foi quando uma coisa estranha aconteceu. Rick e Guilherme tiraram os celulares do bolso no mesmo momento. Olharam a tela e se olharam, sorrindo um para o outro.

—Minha linda, tudo liberado. Theo está saindo e não volta. Pedi para que eu te levasse para casa depois. — Ele sorriu para mim, um sorriso de molhar a calcinha. Como se a minha precisasse disso para ficar encharcada. —Quer ir passear?

Olhei para o Rick e para ele novamente. Apontei discretamente para ele.

—Não vai ter problemas? Com ele?

—Rick tem um detector de corações apaixonados bem ali, ao lado dele. Não tem como esconder as coisas dela. — Tornei a olhar para eles. Jess sorriu para mim, Rick balançou a cabeça e levantou as mãos.

—Aqui não passa nada! — Disse ele, rindo.

—Bem, se é assim, o que estamos esperando? Vamos lá!

Levantei-me, dei um beijinho na Jess e no Rick. Guilherme me estendeu a mão e eu a agarrei, feliz da vida.

Entramos no carro e saímos sem destino.

—Quer conhecer minha casa? —Ele perguntou, incerto.

Aquela pergunta me gelou por dentro. Era o que eu mais queria. Mas também temia. Balançando a cabeça afirmativamente, sorri para ele.

—Quero sim!

—Não vá reparar no lugar. Sou um homem sozinho... — Ele pegou minha mão e beijou meus dedos.

Fiquei sem palavras, só sorrindo como uma boba.

Chegando ao apartamento dele, percebi que era só papo sobre reparar. O espaço era impecável. A sala ampla e bem decorada, com uma sacada enorme.

—Sente-se vou pegar um suco pra você. Graviola?

Eu ri e confirmei.

—Sim lindinho, pode ser. — A Graviola e seus poderes curativos...

Sentei-me e fiquei esperando. Ele colocou um DVD para nós e sentou-se ao meu lado, me entregando o copo.

Vi que iríamos ficar só no filme e abraços. Então, tomei coragem e falei.

—Guilherme, desculpa, mas eu preciso saber. Estamos saindo já há alguns meses e o máximo que você tentou foi umas carícias mais safadinhas aqui, pela parte de cima. Você não me quer? Não que eu esteja me oferecendo, nada disso, mas somos adultos e isso me faz pensar que eu devo ter alguma coisa muito errada... — Minha voz foi morrendo e abaixei o olhar, sem conseguir olhar para ele.

Guilherme colocou os dedos embaixo de meu queixo e levantou meu rosto, seu olhar se fixando no meu.

—Nada disso, minha linda. Eu te quero, muito! Deus sabe o quanto. Mas eu te respeito. Não estou com você para me aproveitar. Entende? Eu não quero ser mais um na sua vida. Eu quero ser o cara. A pessoa certa para você, o homem que vai mudar a sua vida. Quero você pra mim. Para sempre.

Aquelas palavras me emocionaram e eu não teria momento melhor para contar para ele...

—Humm Guilherme, você, de modo algum seria mais um na minha vida. Preciso te contar uma coisa e, Deus me ajude que você não saia correndo. — Respirei fundo, coloquei o copo na mesinha à minha frente e larguei a bomba. —Eu sou virgem.

Seus olhos se arregalaram e ele me encarou incrédulo.

—Como? Por quê? — Ele engoliu em seco. —Deus Ella! — Guilherme me abraçou forte.

—Eu... você pode achar meio antiquado, mas eu sempre fui apaixonada por você e os outros, não sei, não me parecia certo...

Ele me afastou e voltou a olhar em meus olhos. Os dele brilhando com uma emoção desconhecida.

—Você é apaixonada por mim? —Perguntou baixinho.

—Sempre fui. Você sempre esteve por perto e era meu sonho adolescente... depois meu desejo adulto. Hoje essa paixão ficou mais forte... Não Gui, eu não sou apaixonada por você. — A decepção tomou conta de seu semblante. Sorri com a mudança.

—Eu não sou apaixonada por você. Eu te amo. Muito.

Novamente eu o deixei sem palavras e incrédulo. Um sorriso enorme se formou naquela boca linda e seus olhos ficaram marejados.

Capítulo Seis

Quando você acha que tudo em sua vida está se ajeitando e você já sabe todas as respostas, ela vem e te tira o chão, te obrigando a rever tudo o que você achava certo.

Eu estava preparado para qualquer coisa vinda dela, mas *virgem*? E saber que ela havia se guardado para mim me deixou sem chão, depois saber que ela me amava... Caramba!

E aqui estava eu, olhando para ela como um bobo, com os olhos cheios de lágrimas.

—Se você soubesse, minha linda, o que *EU* sinto por você... é mais do que paixão, do que amor... Quando você estava com seus quinze anos, eu percebi que era apaixonado por você, mas não achava certo. Você era muito nova e a irmãzinha do meu melhor amigo. Então cuidei de você, e junto com Theo, afastava todos os caras. Não me orgulho disso, mas tenho tomado conta de você à distância esse tempo todo. Sou fascinado, obcecado por você. Amo você, mais do que a vida. — A abracei forte, beijando a pele delicada do pescoço. —Se eu te contar uma coisa, não vai achar que eu sou um louco e fugir para as montanhas? — Disse, me afastando e olhando dentro de seus olhos. Ela estava boquiaberta me olhando, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto lindo. —Amor, não chore. Tudo isso, esse amor todo me parecia meio louco e impossível.

—Nós perdemos tanto tempo!

—Não amor, não perdemos. Tudo acontece no tempo certo. — Beije seus lábios de leve. Eu estava tão excitado que perderia o

controle, se aprofundasse o beijo. —Me deixe te mostrar uma coisa. É um de meus segredos, o mais secreto. Espere aqui.

Levantei-me e fui até meu quarto. Peguei meu tesouro e voltei rapidinho para a sala.

—Aqui, olhe. — Entreguei para ela e fiquei observando.

Ela olhou para o álbum antigo que tinha nas mãos e me olhou, incerta. Dei um sorriso encorajador e ela abriu.

Seus olhos se arregalaram ao ver a primeira foto. Era de nós cinco. Ela, Theo, Rick, Bruno e eu. Até aí tudo bem, mas nós tínhamos dezoito anos e ela seis, ainda uma garotinha. Na época uma pentelha, que vivia atrapalhando nossos ensaios, mas o xodó de todos. A partir daí eram fotos dela crescendo, sempre rodeada por nós.

Ela olhava atentamente, sorria às vezes, me olhava incrédula em outras. Como agora.

—Gui! Como você tem essa foto?

Era uma foto dela dormindo, como um anjo, que tirei no ano passado.

—Foi um dia, em que cheguei na casa de seus pais e você estava dormindo no sofá. Estava tão linda! Então, rápido para que ninguém me pegasse, eu tirei a foto com meu celular. Você vai encontrar várias desse tipo.

—Você é doido! — Ela riu de mim e continuou a folhear o álbum.

Eu tinha consciência desse meu lado *Voyeur*, mas eu não podia evitar.

—Se eu não podia ter você, então teria fotos suas. — Disse, me desculpando.

—Lindinho, essa é a declaração de amor mais linda que já vi. Nunca, nem em meus livros, eu imaginaria uma coisa assim. — Ela colocou o álbum na mesinha e se levantou. Fiquei olhando e prendi a respiração quando ela montou em meu colo. O calor de sua boceta em meu pau me fez estremecer. Ela encaixou nossos corpos e se apertou contra mim.

Caralho, em quarenta anos eu nunca tinha ficado tão excitado. Nem tão duro. Nem tão sem saber o que fazer, afinal Ella era virgem.

Ella olhou em meus olhos e depois para minha boca, que abri para dizer que esperasse, mas ela colocou o dedo em meus lábios.

—Shhh. Não diga nada. Eu te amo, Guilherme Santos. — E me beijou. Um beijo avassalador. Seus seios em meu peito, os mamilos duros roçando em mim... A abracei, colocando uma mão em seus cabelos e a outra logo acima de sua bunda, a apertando contra meu pau, que precisava de alguma fricção.

Parecendo ler meus pensamentos, Ella começou a rebolar bem devagar. Sua boca não dava trégua e eu sentia minhas bolas pesadas, retraídas. Meu pau doía de tão duro. Sentia a quentura e a umidade da boceta dela em mim. Quando ela gemeu em minha boca, meu controle foi para o espaço.

Puxando seus cabelos, fiz com que ela levantasse a cabeça e ataquei seu pescoço, lambendo a pele alva e mordiscando a curva de seu ombro.

—Eu te quero, Gui.

—Ella, depois que você for minha, realmente minha, não vou esconder de mais ninguém nossa relação. Sou extremamente possessivo. Esse foi um dos motivos por me segurar tanto com você.

—Não tenho dúvidas quanto a te querer, te amar mais que tudo. Sou sua há tanto tempo... quero ser totalmente e agora. Não queria que Theo soubesse, pois não sabia o que sentia por mim e se não desse certo entre nós, não queria a amizade de vocês abalada ou desfeita, por minha causa. — Ela falava, mas não parava de se mexer e se esfregar em mim. Fechei minha boca em seu seio por cima da blusinha que ela usava, fazendo-a gemer, ofegante.

—Te quero onde ninguém nunca esteve. Dentro de mim!

—Segure-se. — Disse, antes de me levantar, com ela enganchada em minha cintura.

Levei-a para meu quarto e a deitei na cama. Afastei-me e arranquei a camiseta que vestia, jogando no chão. Arranquei os tênis, com os pés e a olhei, procurando qualquer vestígio de dúvida em seus olhos. Mas o que vi foi uma mulher ofegante, sexy pra caralho, que me observava com olhos cheios de fome.

Abri minha calça e puxei para baixo. Meu pau pulou, empinado e duro, eu não usava cueca, nunca. Ella me olhou e lambeu os lábios. Aquilo fez meu pau tremer e pulsar.

Ella engatinhou até a beirada da cama, ficando de quatro na minha frente.

—Quero sentir seu sabor. Quero te chupar. Nunca fiz isso com ninguém.

Eu tinha a mulher mais sensual do mundo! Como negar qualquer coisa, com ela falando assim? De qualquer maneira, Ella não me deu escolha e mal acabou de falar, segurou meu pau pela base e me olhando, passou a língua pela cabeça. O prazer foi tamanho que tive que me segurar para não gozar. Contei até 10, de trás para frente, tentando me concentrar.

Mas então ela me levou todo para dentro daquela boquinha quente. Senti a garganta dela pressionar a ponta e gemi alto. Ela ficou ali, brincando com a língua na base, me enlouquecendo. Me tirou, devagar e de olho em mim. Não podia fazer mais nada, além de olhar meu pau sumindo e aparecendo, naquela boca.

Não suportando mais aquela tortura, agarrei-a pelos cabelos e a beijei. Minhas mãos vagaram por baixo de sua blusa e abri seu sutiã, liberando seus seios. Retirei as duas peças, jogando em cima da pilha de roupas no chão.

—Tão lindos. Feitos para as minhas mãos. Você foi feita pra mim, todinha.

A deitei e abocanhei um seio, enquanto abria seu jeans e o puxava para baixo. Fui beijando sua barriga e retirei o jeans, deixando-a só de calcinha.

—Como eu queria guardar esse momento, para sempre. — Disse, me afastando e a comendo com os olhos.

—Pode tirar foto, se você quiser, para guardar com seus tesouros. — Ella colocou um dos braços embaixo da cabeça e segurou o seio com a outra mão, fazendo pose.

Mais do que depressa, agarrei o celular e registrei o momento. Não o guardei, apenas deixei ao lado, na cama.

Abaixei-me entre suas pernas e chegando bem perto de sua calcinha, inspirei seu cheiro. Ella gemeu e beijei sua coxa. Fui lambendo a pele e chegando cada vez mais perto de sua boceta. Deus, o cheiro dessa mulher devia ser engarrafado e vendido como afrodisíaco.

Com a língua afastei a calcinha e lambi sua pele lisinha. Gemi ao perceber que ela era totalmente depilada.

Ella se entregava sem pudor, gemendo de prazer.

Levantei a cabeça e a encarei. Enganchei os dedos na peça delicada e forcei, arrebetando a renda fina. Peguei o celular e ela sorriu. Tirei uma foto da peça destroçada e afastei seus lábios, revelando o botão de seu clitóris, inchado. Lambi e gememos juntos. Que gosto delicioso ela tinha! Chupei e lambi até tê-la se contorcendo embaixo de mim. Então, delicadamente coloquei um dedo dentro dela. Ella resfolegou e prendeu a respiração. As paredes de sua vagina apertaram meu dedo de uma maneira que senti em meu pau, o aperto. Coloquei mais um, a abrindo um pouco e senti a barreira de sua virgindade.

—Rafaella Torres, prepare-se... você vai ser minha, agora e para sempre. — Disse, montando seu corpo e aninhando meu pau em sua entrada apertadinha. —Me avise se for demais, eu paro quando você quiser.

Fui penetrando aquele corpo delicioso que estremecia de tesão em meus braços. Mordi o lábio, me segurando. Ella tinha a boceta mais apertada do mundo. Eu ia me retirando de seu corpo, para abri-la mais com meus dedos antes de continuar, mas minha capetinha tinha outras ideias. Enlaçando meu corpo com as pernas, Ella me puxou contra o seu e entrei todo de uma vez, escorregando em sua boceta molhada.

Senti quando sua barreira foi rompida. Ella gritou e sua boceta se contraiu fortemente, me fazendo ver estrelas. Quente como o inferno! Gemeu, um gemido rouco e arrastado de puro tesão e gozou, estremecendo embaixo de mim, me ordenhando e apertando de um jeito, que gozei junto com ela. Nossos nomes, sussurrados, no meio do prazer absoluto que nos pegou de surpresa. Dei um

tempo para ela recuperar o fôlego, mas não saí de seu corpo, para que ela se acostumasse com meu tamanho.

—Valeu a pena esperar por você, meu Dr. Tentação.

—Humm.. eu mal comecei, minha Pequena.— Com essas palavras, me movi, saindo quase todo e entrando devagar. Ela devia estar dolorida.

—Mais, me fode com força! — Ela pediu, com aquela cara de tesão.

Prendendo-a embaixo de mim, levantei seus braços e segurei suas mãos, acima da cabeça.

—Agora... você ... me ... pertence. — Disse entre uma estocada e outra.

Soltei suas mãos, elevei sua bunda e meti fundo, arrancando um grito dela.

Um sorriso de satisfação surgiu em seus lábios.

—Você é tão gostoso... — Arranhou minhas costas e gemi, levando a cabeça para trás. Ela se aproveitou e mordeu meu pescoço exposto.

—Putaquepariu, morde mais! — Me ouvi pedindo.

Ela mordida meu pescoço, meu ombro... Me elevei, apoiando as mãos na cama, metendo mais rápido. Ela ronronou de prazer, embaixo de mim e lambeu meu mamilo, contornando com a língua e mordendo de leve.

—Se continuar assim, Pequena, vou gozar antes do que eu queria.

Suas unhas percorreram minha pele e prenderam meu mamilo, causando uma dor leve e deliciosa, que foi direto para minhas bolas, que se retesaram na hora.

—Goza, meu tesão. Goza em mim. Me leva com você. — Ela sussurrou em minha boca e me beijou. Seu corpo tenso sob o meu, tremia. Sua boceta me apertava e pulsava. Ela estava quase lá. Me afastei e, empunhando meu pau, esfreguei a cabeça em seu clitóris.

—Goza, Pequena. Quero ver você gozando. — Sussurrei em seu ouvido. Aumentei a intensidade das carícias e quando a respiração dela falhou, meti forte, fazendo-a gozar alucinadamente. Mais algumas estocadas e eu estava feito. Tirei de dentro dela e gozei sobre sua barriga.

—Todinha minha. — Disse sem fôlego, espalhando minha porra sobre a pele branquinha dela.

Me chame de homem das cavernas, mas vê-la assim marcada por mim, me deixava além de satisfeito, me fazia completo e muito, muito feliz.

—Muito melhor do que em meus livros...

Me deitei ao lado dela, puxando-a para perto de mim.

—Devo confessar que tenho ciúmes dos mocinhos dos seus livros.

—Acaricieei os cabelos dela e preendi uma mecha entre os dedos.

—Ei, sabe que sempre é você? Posso mudar o nome, a cor dos olhos ou dos cabelos, mas eles sempre são e vão ser você... Assim como elas também, sempre foram e sempre serão... eu.

Me beijou e se recostou em meu peito. Logo a respiração dela se acalmou e fiquei ali, deitado ao lado dela, guardando seu sono.

Capítulo Sete

Estar aqui, nua, recostada no peito do homem da minha vida, era a melhor coisa do mundo.

Meu Deus, que delícia era fazer amor com ele. Se alguma espera na vida tem sentido, essa havia sido uma delas. Com certeza havia sido a escolha certa, o meu homem, o meu momento.

Pensando bem agora, um fato estranho me passou despercebido. Eu gozei com a dor.

Será que eu tinha um “Q” de masoquista em mim? Ou a plenitude do preenchimento, da penetração foi o que me fez gozar? Humm, eu teria que tentar muitas vezes mais para tirar essa dúvida de mim. No meio de tantos pensamentos, adormeci aquecida nos braços do meu amor.

Toques suaves como pluma em meus seios, me despertaram.

—Acordou, Bela Adormecida? — Gui perguntou, passando a língua pelo meu mamilo.

—Como não acordar desse jeito... AH! — Gemi alto, quando ele apertou os dentes em volta.

—Você está muito dolorida?

—Só um pouco, quase nada. — Respondi, mexendo as pernas.

—Isso pode ser resquício da morfina que você tomou para as dores, depois da quimio. Não estranhe... amanhã você vai me sentir em você, a cada passo que der. Por agora, vamos aproveitar esse efeito?

Meu Dr.Tentação desceu os lábios pela minha barriga, chegando a meu sexo.

—Gui, não... Deve estar uma bagunça aí embaixo.

—Bagunça? Está uma lambança, mas é só você e eu. Parte minha e sua, misturadas. Isso incomoda você? — Ele me perguntou, já colocando a língua para fora, provando da lambança em meu corpo.

Se eu me incomodava? De maneira alguma. Aquilo era excitante demais. O tesão em seu rosto, a vontade e a fome em seus olhos, me enlouqueciam. Incapaz de responder, apenas sacudi a cabeça.

Guilherme me brindou com um sorriso e sua língua endiabrada me levou ao paraíso. Aquele homem era tudo o que pedi a Deus.

Ele foi subindo pelo meu corpo e grudou seus lábios nos meus.

—Diga que me quer dentro de você. — Ele sussurrou, rouco, em minha boca.

—Quero... Te quero todinho em mim. — Respondi sem fôlego.

Meu sexo ainda pulsava, com os resquícios do orgasmo, quando ele me penetrou.

Todo.

De uma vez.

Gememos juntos. Os movimentos de Guilherme estavam longe de serem gentis. Ele era um garanhão gostoso, todo meu!

—Vira essa bunda pra mim, minha Pequena.

Ele se deitou ao meu lado e, obediente, me virei. Gui puxou minha perna por cima do corpo dele e voltou a se enterrar em meu corpo. Ele era tão grande e forte... meu corpo parecia um brinquedo em suas mãos.

Entrava e saía devagar, enquanto me beijava. Sua boca escorregou pelo meu rosto e chegou ao meu ouvido.

—Pequena, prepare-se.

Sem me dar tempo para pensar, Gui colocou o braço sob meus ombros e segurou meu pescoço, sua outra mão foi para meu sexo, acariciando meu clitóris enquanto metia com força e num ritmo alucinante.

—Que coisa louca... minha Pequena gostosa... aperta meu pau assim... — Ele sussurrava ao meu ouvido, enquanto me comia com vontade, sua mão descendo e apertando meu seio.

Um orgasmo relâmpago me pegou desprevenida e gritei.

—GUI!

Agarrei-me em seu braço, meu corpo convulsionando, tremendo. Nunca pensei que isso seria realmente possível, gozar tão forte a ponto de perder o controle do meu próprio corpo.

Ele continuou dentro de mim, entrando e saindo devagar.

—Amo você, minha Pequena. Amo observar você gozar... imaginei de mil maneiras, mas nenhuma chegou aos pés da realidade... Mais uma vez...

—Não sei se eu consigo nem respirar, quanto mais gozar outra vez... — Deus, minha voz estava arrastada e meu corpo completamente sem forças.

—Vou te provar que tudo é possível.

E com muito amor e bem devagar, ele provou. Meu orgasmo foi completamente diferente dos outros que tive, mas não menos impressionante. Meu corpo era refém de suas vontades. Com ele eu me sentia viva, mesmo agora, exausta a ponto de não conseguir mover meus braços, mas viva e completamente satisfeita.

Um celular tocando me acordou.

Eu estava sozinha na cama e do banheiro vinha um barulho de água.

Gui apareceu na porta, completamente nu, andando despreocupadamente. Veio até mim e me beijou, antes de pegar o celular.

—Dr. Santos. — Ele atendeu, sua voz firme e imperiosa. —Ele está indo para o Hospital? Ou já está aí? Certo, preparem o centro cirúrgico, então. Estou indo.

Desligando o celular, ele me olhou, triste.

—Acabou nosso tempo, Pequena. Venha, vamos tomar um banho. O dever me chama.

Levantei-me e olhei para a cama, os lençóis manchados com o sangue da minha virgindade perdida e bagunça dos travesseiros. Nunca me esqueceria daquilo. O que quer que fosse que o destino tivesse me preparado, essa imagem nunca sairia da minha cabeça, nem ele nu, ao meu lado, nem a maravilha da nossa primeira vez juntos.

Gui, parecendo entender o que se passava pela minha cabeça, deu alguns passos para trás e tirou uma foto da cama. Virou o celular para mim.

—Sorria, minha Pequena. MINHA Pequena.

Aquele jeito possessivo dele falar me fez sorrir, um sorriso safado com certeza.

—Linda! — Ele me estendeu a mão e jogou o celular sobre a cama.

Peguei sua mão e o segui para o banheiro.

Pouco tempo depois estávamos em frente a minha casa.

—Amanhã eu venho aqui, quando sair do hospital e teremos uma conversa com o Theo. — Me deu um beijo. — Já estou com saudade. Eu ficaria o resto do dia e a noite, e o resto da vida agarrado a você... — Ele cheirou meus cabelos e riu. —Você devia ter lavado os cabelos, está com cheiro de fumaça do churrasco ainda.

—Não se preocupe com isso. Que dê tudo certo com a cirurgia. — Dei mais um beijo e saí, fechando a porta do carro. Ele abriu o vidro e me chamou.

—Ella... não esqueça que eu te amo... mais que a vida. —Mandou um beijo e fiquei ali, parada, olhando o carro se afastar.

Suspirei e entrei em casa. Estava fechando a porta quando Theo apareceu, só de toalha e com cara de sono.

—Oi, princesa, já chegou? — Ele me abraçou e me deu um beijo na cabeça, como sempre fazia.

—Nossa Theo, estava uma delícia. Guilherme é muito engraçado e prestativo. O churrasco estava muito bom. — O abracei, feliz. Eu estava tagarelando, como sempre. Melhor fechar o bico, antes que falasse algo que não devia. —Vou tomar um banho e tirar esse cheiro de fumaça de mim.

Escapei dele rapidinho e fui para meu quarto. Deitei-me e um sorriso bobo apareceu em meus lábios. Como eu estava feliz. Não, feliz não era a palavra. Estava radiante, realizada!

Puxei meu *note* e abri. Eu estava no clima para um belo capítulo super hot. Minhas leitoras iriam amar, com certeza. Elas nem faziam ideia da minha doença, poucas pessoas sabiam e assim iria ser. Para elas eu seria sempre a escritora doidinha e sem limites.

Estava começando a escrever, quando Theo bateu em minha porta.

—Maninha, vou ter que sair, não sei que horas volto. Fica com o celular por perto, se precisar de mim, é só ligar. Você está bem?

—Estou super bem, Theo. Vai sossegado. — Atirei um beijo para ele, que assentiu com a cabeça, saindo apressado. Credo, pela cara dele, a coisa não era boa.

Aproveitando a interrupção, fui até a cozinha, fiz um lanche e peguei um pouco de suco de graviola. Voltei para meu quarto e comi enquanto escrevia mais um capítulo...

Capítulo Oito

A campainha tocando, me acordou. Levantei meio tonta e olhei a hora no celular. Cinco e quarenta da manhã. Quem seria a essa hora? A campainha não parava de tocar.

—Estou indo! — Gritei.

Abri a porta e me senti empalidecer. A polícia, na minha porta!

—Em que posso ser útil?

—Senhora Rafaella Torres?

Ai Jesus... Meu nome completo, isso nunca foi bom sinal.

—Sou eu.

—Precisamos que a Senhora venha conosco até a emergência. Agora. Se a Senhora puder nos acompanhar...

—O que aconteceu? Quem está na emergência? — Meu Deus... Será que alguma coisa aconteceu com Guilherme?

—O Senhor Theodoro Torres sofreu um acidente. Uma colisão.

Uma tontura me tomou e me segurei na maçaneta. Meu Theo! Meu Theozinho estava machucado... Colisão... Mil imagens passaram pela minha cabeça...

—Vocês me dão um minuto? Vou me trocar e já vamos. — Respirei fundo e reuni toda a coragem necessária para encarar, o que quer que fosse.

Me troquei rapidinho, voltei para a sala e acompanhei os policiais até a viatura. Em minutos, chegamos à emergência. Eles me levaram, hospital a dentro, até uma saleta. Bateram na porta e a abriram, para que eu entrasse.

MEU DEUS!

Lágrimas quentes escorreram por meu rosto e, levando as mãos à boca, sufoquei um soluço. Meu Theo estava em uma maca, com a roupa toda rasgada e ensanguentada, em seu rosto um punhado de gaze estava sobre seu olho, com sangue minando à superfície. Meu irmão, minha rocha, daquele jeito, todo esfolado, machucado, tão... frágil!

Cheguei perto dele e me abaixei para ver se ele respirava. Alívio me invadiu ao sentir sua respiração. Fraca, mais presente.

—Não tem ninguém que possa me dizer como ele está, o que ele tem, como vai ser? Preciso de informações! — Falei, me virando para o policial que estava parado na porta ainda.

—Vou chamar alguém, Senhora. A Senhora está bem?

—Sim, na medida do possível. — Puxei uma cadeira e me sentei ao lado do Theo. Eu nem sabia se poderia tocá-lo, não dava para saber a gravidade de seus ferimentos.

O policial saiu da sala e me lembrei de Guilherme. *Minha nossa! Como posso ter esquecido? Ele poderia me dizer seguramente o estado de Theo.* Cacei meu celular na bolsa e liguei para ele.

—Oi, Pequena, bom dia. Por que está me ligando tão cedo? Caiu da cama?

Não consegui dizer nada e comecei a chorar.

—Onde você está, Ella? Diga pra mim amor, o que está acontecendo?

—Estou na emergência. Em uma saleta no final do corredor. — Foi tudo o que consegui falar, meio entrecortado por fungadas e soluços.

—Certo, eu estou chegando. Se acalme, Pequena. — Sua respiração estava pesada e dava para perceber que ele estava

correndo pelos corredores. A ligação caiu e encostei a cabeça na cama de Theo, tentando me recompor.

Minutos depois a porta se abriu e Guilherme entrou feito um foguete, me abraçando.

—Ah, pequena, que susto! Achei que tinha acontecido alguma coisa com você. — Ele segurou meu rosto e me deu um beijo rápido.

—Theo sofreu um acidente, ninguém me diz nada, a polícia acabou de me buscar em casa...

Guilherme retirou o estetoscópio do pescoço e auscultou o peito de Theo, de leve.

—Espere que vou pegar a ficha dele. Se acalme.

—Ah, se acalme! Bem que eu estou tentando... — Murmurei para mim mesma.

Guilherme saiu e retornou trazendo vários envelopes e uma prancheta. Tirou as chapas de raio-x dos envelopes e colocou em um aparelho luminoso que tinha na parede oposta à maca onde Theo estava e olhou para uma delas com atenção, tirando e colocando outra em seguida. Repetiu o processo com outras e leu a ficha médica dele.

—Ella, pode ficar sossegada. O estrago foi mínimo. Ele não chegou a quebrar nada, só trincou a fíbula e o rádio. Fora alguns esfolados e hematomas. O mais complicado é o corte em seu supercílio. — Ele olhou para mim e repetiu. —Trincou só a perna e o braço, não chegou a quebrar. Pode sossegar o coraçãozinho.

Ele me abraçou e me entreguei ao abraço do meu homem. Ele acariciou meus cabelos, secou minhas lágrimas e me deu um beijinho rápido na boca.

—Ei, eu vi isso! Será que alguém pode me explicar que cacete tá acontecendo aqui?

A voz de Theo, nos surpreendeu e nos afastamos, como se um choque elétrico tivesse nos atingido.

—Guilherme, quer por favor, me explicar? — Theo nos olhava, com seu olho bom, mas todo seu espanto e irritação estavam estampados ali.

—Eu a amo, Theo. Não tem o que explicar. — Guilherme disse com uma voz tranquila, passando o braço pelos meus ombros e me puxando para ele.

—Guilherme, nós sabemos que você não ama ninguém, você se aproveita das mulheres, transa com elas, as deixam apaixonadas por você, para depois dar o fora nelas, com a maior cara de pau.

—Sim, era o que eu fazia e não me orgulho disso. Mas fazia porque elas não eram a minha Pequena aqui. Sempre fui louco por ela e as outras nunca conseguiram ser nada, além de um prêmio de consolação chinfrim. Eu tentava, mas, meu amor por ela, me impedia de me aproximar ou ficar muito tempo com alguém. Agora, que ela é minha, minha vida está completa e eu não vou deixá-la ir. Nunca. — A serenidade de Guilherme era assustadora. Bem, estando nos braços dele, eu percebia que aquele tom era apenas fachada. Meu amor estava quente e um pouco trêmulo. Creio que era o piloto automático do médico dentro dele, que se controlava para dar as notícias para os pacientes...

Abracei-me a ele e recostei-me em seu peito, sorrindo para o Theo.

—É isso aí maninho... e eu também não vou deixá-lo ir.

Theo passou a mão pelo rosto.

—Vocês dois são adultos. Para o seu bem Guilherme, não faça minha irmãzinha sofrer ou vai se ver comigo. Caralho, por que não me contaram? Há quanto tempo isso está acontecendo?

—Desde um pouco depois do Natal. — Eu disse, baixinho.

—NATAL! Porra! Vocês tão de brincadeira comigo. — Ele tentou se levantar e gemeu de dor. Me desvencilhei do abraço do meu Dr. Tentação e corri até ele.

—Theo, você não está bem, fique quieto. Não se mexa.

—Tá bem, essa conversa não acabou, você teve sorte por eu não poder me mexer ou eu teria voado em você, antes de perguntar qualquer coisa. — Ele disse apontando para Guilherme e passei a mão em seus cabelos, para acalmá-lo.

—Nós íamos te contar hoje Theo, Gui ia passar lá em casa mais tarde. — Olhei para Guilherme pedindo ajuda, mas ele estava parado de braços cruzados encarando Theo, que o encarava também. —Ah, não. Parem com isso os dois. Sem essa coisa de macho Alpha. Sou bem grandinha para tomar minhas próprias decisões.

—Hum, por enquanto, assunto encerrado. Por enquanto! Agora me digam, cadê a Pam? Tô pedindo para ligarem pra ela desde que acordei.

—Vou ligar para o Rick, ele vai achá-la rapidinho. — Guilherme respondeu.

—Certo. Quero meu neném comigo.

—Neném, é? — Debochei dele.

—É, olha quem fala, *minha Pequena*. — Ele retrucou, seu humor melhorando um pouco. Guilherme riu e chegou por trás de mim e me abraçou.

—É minha Pequena, por que ela é pequenininha... — Disse beijando meus cabelos.

—Vocês até que formam um casal bonito. Meu melhor amigo e minha irmã. Quem diria...

—Descanse Theo, na sua ficha está anotado gesso para perna e braço, além de alguns pontos no supercílio. Deixe-me ver como está isso aí. — Gui me soltou e se debruçou sobre Theo, tampando meu campo de visão. —Hum, está bem, isso foi feio. Vou conseguir um cirurgião plástico para você ou a cicatriz vai ficar muito grande. Vou mexer meus pauzinhos e já volto. — Me deu um beijo nos cabelos e um apertão no ombro do Theo e se foi.

Meu Dr. Tentação estava com uma cara de cansado, mas também, depois de tudo o que fizemos, ele veio direto para o hospital e estava aqui até agora.

—Maninha, você tem certeza do que está fazendo? Guilherme não é o docinho que aparenta. Eu sei do que ele é capaz, nós já saímos e fizemos loucuras juntos. Ele é como eu, Rick e Bruno e nós não somos normais. Não na cama com uma mulher ou num relacionamento.

—Theo, o que você está querendo me dizer? Diga logo.

—Nós temos gostos peculiares. — Ele fechou os olhos e confessou num fiapo de voz. —Nós somos Dominadores. Mestres.

—Dominadores, do tipo chicote, venda e sexo bruto? — Um arrepio de excitação correu pelo meu corpo.

—Não é bem assim, mas sim. Somos possessivos, mandões e queremos ser obedecidos. É isso que quer pra você, maninha? — Theo estava genuinamente preocupado.

—Seja lá o que ele for, eu o quero. Desde sempre eu o quis. Me apaixonei por ele durante a minha adolescência e o amo como nunca amei ninguém. E Theo, eu sei o que quer dizer ser um *Mestre*. Eu estudei sobre isso para um dos meus livros. E sinceramente, a ideia só me faz querê-lo ainda mais.

Theo respirou fundo e passou a mão pelo rosto, exasperado.

—Você não entende Ella. Uma pesquisa em livros não é o mesmo da coisa sendo vivenciada na carne. Temos necessidades e queremos ser atendidos. Prontamente. Ou achamos uma maneira de punir. De qualquer jeito. — Ele me olhou e vi ali que ele estava atormentado com a ideia.

—Obrigada por deixá-la a par disso tudo, Theo. — Guilherme estava parado na porta.

—Eu não podia deixar que ela entrasse nessa sem saber onde estava pisando.

—Alguém avisou a Pam? Não. Alguém avisou a Jess? Não. E sabe por quê? Isso é uma coisa que não se sai falando aos quatro ventos. É íntimo e pessoal.

—Você não ia contar a ela? — Os dois se encaravam, pareciam dois boxeadores se encarando antes da luta.

—ELA já sabe de tudo, por ela mesma. — Respondi.

Theo virou a cabeça rápido, em minha direção. E olhou para Guilherme com fogo no olhar.

—Você já se aproveitou dela, seu filho da puta! Você *comeu* minha irmã! — Theo chegou a levantar as costas da maca para partir para cima de Guilherme, mas entrei na sua frente.

—Acalme-se Theo! Pelo amor de Deus, estamos dentro de um hospital! E o que Gui e eu fizemos ou deixamos de fazer,

sinceramente não é da sua conta. Caramba, eu já tenho quase trinta anos, pare de me tratar como uma criança. E descanse, você sofreu um acidente há pouco tempo. Olhe o que você fez!

O ferimento de seu supercílio estava sangrando muito agora, o sangue escorrendo do curativo.

—Não se preocupe. Eu ajeito isso. O cirurgião já está vindo, liguei pra ele. Em minutos ele estará aqui. — Gui abriu um armário, retirou um saquinho de gaze, esparadrapo, algodão e com um líquido para limpar o ferimento e se enfiou na minha frente. —Vou trocar esse curativo e estancar o sangramento.

Tentei olhar o que ele fazia. Ele me olhou, sério e disse: —Não.

Aquilo foi suficiente para que eu me afastasse e não tentasse mais olhar.

—Caramba! — Theo falou baixinho, admirado.

—Cale a boca, Theo. — Guilherme respondeu, sorrindo.

—Realmente, se a coisa está assim, eu realmente não precisava dizer nada mesmo. Desculpe me meter. Só quero que ela seja feliz.

—Eu também. E fique sossegado, vou me empenhar para isso, todos os dias.

—Eu sei. Seja bem-vindo à família, cunhado.

Me sentei e sorri, feliz. Até que enfim ele tinha aceitado.

Capítulo Nove

O cirurgião plástico logo chegou e depois de uma anestesia local, ele mostrou à que veio. Logo depois chegou Bruno, que para sacanear Theo, o enfaixou exageradamente. Eles brincavam, mas Theo nos assustava às vezes, quando simplesmente apagava.

O médico responsável por ele, resolveu deixá-lo em observação por 24 horas, por conta dos desmaios. Deram remédios para a dor e o pobrezinho só chamava pela Pam. Ele estava realmente apaixonado por ela. O transferiram para o quarto e fiquei com ele, Guilherme sempre comigo. A essa altura, eu estava exausta.

—Agora que estão todos bem e Theo acomodado, vou para casa, mais tarde eu volto. Quer que eu traga alguma coisa? Vou mandar trazerem comida e suco de graviola para você. — Abri minha boca para dizer que não precisava, quando ele me cortou. — Nem pense em recusar, essa semana tem mais uma sessão. Você tem que ficar forte. — E chegando bem pertinho, ele sussurrou em minha orelha. —Você tem que estar forte, para mim também. — Me beijou e se foi.

Theo estava apagado na cama. Fui ao banheiro e depois de usá-lo, lavei as mãos e me olhei no espelho. Olheiras enormes circundavam meus olhos. Eu estava parecendo um zumbi. Voltei para o quarto e me acomodei na cadeira. Não era muito confortável, mas ficaria ali mesmo. Estava quase cochilando quando bateram na porta e entraram com meu almoço.

—Senhorita, o Dr. Santos mandou entregar.

Agradei e tirei a tampa da bandeja. O cheiro estava maravilhoso! Aquilo abriu meu apetite, comi um bom bocado daquilo tudo e tomei

o suco.

—Pam? Maninha, conseguiram falar com ela? — Farejando o ar ele disse: —Opa, dá um pouquinho pra mim? Estou morrendo de fome.

—Acordou, Bela adormecida? — Brinquei com ele, me lembrando que Guilherme me disse a mesma coisa apenas algumas horas atrás.

—Por que estou aqui ainda? — Perguntou.

—Você vai ficar em observação, porque está desmaiando, Theo. O médico ficou preocupado. — Comecei a dar garfadas do purê de batatas para ele.

—Só vou deixar você me dar comida na boca, porque não consigo levantar. — Ele disse, com a boca cheia.

—Sim, sim, eu sei. — Ri dele e continuei enchendo sua boca com o que não consegui comer. Eu sabia que, quando chegasse a comida dele, ele comeria tudo também. Theo tinha um apetite de leão. Também, pelo o que ele gastava, com os treinos, as aulas de boxe, as corridas com Rick, além de cuidar de sua agência de publicidade, tinha que comer muito bem mesmo.

Logo após devorar o restante da minha comida, ele dormiu novamente. Os remédios para dor deviam ser fortes. À primeira vista, ele parecia ter sido atropelado por um caminhão; as bandagens exageradas do Bruno, aumentavam em dez vezes a dramaticidade da coisa. Com o olho bom arroxeadado, o outro totalmente tampado, com bandagens em sua cabeça, braço e perna engessados, dava dó de olhar.

Me acomodei na cadeira de novo e cochilei. Algum tempo depois um barulho me acordou. Olhei em volta e Pam estava ao lado da cama do Theo.

—Oi, Pamela... Theo só faz te chamar, que bom que você pode vir. — Sorri para ela. Eu estava muito cansada e aquela cadeira não tinha ajudado em nada para melhorar minha situação.

Ela me contou que queria ter podido chegar antes, mas por um problema de saúde, não conseguiu. Me mostrou uma bombinha para asma e sorriu. Levantei-me e fui para o seu lado. Ela estava visivelmente abalada com o estado do Theo.

—Ele teve sorte, muita sorte... um carro acertou o dele de lado, no cruzamento, bem na porta do motorista. Ele estava quase chegando em casa... — Me emocionei ao imaginar o carro se chocando contra o dele e deixei as lágrimas rolares, silenciosas. —Meu irmão gosta muito de você Pamela, não disse mais nada, só seu nome. — Uma aumentadinha na coisa não faria mal e eu não iria contar do arranca rabo que tinha acontecido entre Theo e Guilherme.

Pamela me olhou, incrédula.

—Theo é muito especial para mim também Ella, você não imagina o quanto...

Nossa, saber que ele era correspondido me deixou muito, muito feliz mesmo. Ele merecia a felicidade... e eu não sabia o que poderia acontecer comigo daqui pra frente. Não me contendo, a abracei.

—Fico tão feliz em saber disso, Pam. Posso te chamar de Pam, né? Já que vamos ser irmãs! — Eu estava tremendo, talvez pelo cansaço... ou sei lá. Pam me perguntou se eu estava bem, depois de me estudar por um momento. Eu estava nervosa e feliz com tudo isso e comecei a tagarelar, como sempre acontecia.

—Theo não te contou, né? Eu tenho LMA, um tipo de leucemia e a quimio acaba comigo. Estou na lista de transplante de medula,

mas até agora não acharam nenhum doador compatível.

—Deus, Ella! — Pam ficou super abalada, me puxou para um abraço. Eu não esperava por essa reação da parte dela e me emocionei outra vez. Minhas emoções estavam a flor da pele!

—Meu medo era deixar Theo sozinho. Mas parece que ele encontrou alguém para cuidar dele. — Confessei. Certas coisas eram melhor serem ditas logo de uma vez. Sussurrei para ela. — Ele parece estar bem apaixonado por você. Segredo. — Pisquei para ela. —Vou te deixar com ele e vou comer alguma coisa. Ele está fora de perigo, fique tranquila. Isso tudo assusta, mas ele não chegou a quebrar nada, foram só alguns “trincados”. O pior foi sua cabeça, tomou alguns pontos na testa e supercílio. Esse teatro todo de bandagem é coisa de um enfermeiro engraçadinho. Theo teve sorte por ter um carro alto. Já falei que ele teve muita sorte, né? — Caramba eu estava tagarelando mais do que de costume. Ela sorriu, divertida. —Quando fico nervosa saio tagarelando, liga não. — Fui andando, em direção à porta. —Vou ver se encontro meu Dr. Guilherme. — Dei um tchau e saí.

Dei de cara com Rick e Guilherme, conversando baixinho, do lado de fora da porta.

—Ei, vocês dois! O que que estão fofocando? — Eles me olharam, sérios. Ai caramba. —Retificando, o que os Senhores estão confabulando?

—Ella, pare com isso de Senhores, se não quiser ficar com a bunda doendo de tanta palmada! — Gui falou, sorrindo e estendeu a mão para mim.

—Esse Theo é um bocudo mesmo! Não tinha nada que ficar falando da vida alheia.

—Tudo bem Rick, não era nada que eu mesma já não tivesse percebido, depois de tantos anos convivendo com quatro homens mandões e possessivos. Relaxa. Isso não muda nada o que sinto por vocês três e pelo meu Dr. Tentação aqui.

Rick começou a rir e Guilherme olhou feio para ele.

—Contenha-se homem, você está em um hospital! — Ele advertiu Rick.

—Esse apelido, meu Deus, tenho que contar pra Jess. Ela vai adorar isso!

—Quer ir tomar um café com a gente? Já está na hora de alimentar a minha Pequena aqui.

—Não, podem ir. Vou dar um tempo para os dois lá dentro e já, já eu entro, para ver como o Theo está e levar Pam pra casa.

—Até mais, então. — Gui deu um aperto no ombro de Rick, daquele jeitão deles e eu dei um tchauzinho com a mão. Ele me segurava firmemente pela cintura, meu corpo preso ao dele. Um tesão sem tamanho tomou conta de mim, mas como estávamos no hospital, me segurei.

—Está com fome? — Ele me perguntou e eu só neguei com a cabeça. Se falasse qualquer coisa ele perceberia que eu estava louca para ser fodida.

—Então, venha comigo para meu consultório. Tenho uma coisa pra você.

—Certo. — Caminhamos abraçados pelos corredores, e logo chegamos ao setor de oncologia, que estava vazio.

—Por que está tudo vazio assim?

—Minhas consultas foram remar cadas, por causa da cirurgia que durou a noite toda. Venha. — Ele me puxou para dentro e fechou a

porta. Andamos pela recepção e entramos em seu consultório. Ele acendeu a luz e fechou a porta atrás de si.

—Vem aqui, Pequena. — Ele me puxou e perdi o fôlego, ao me encostar nele. Seu pau estava duro como pedra e pulsando de encontro à minha barriga. —Eu posso sentir seu cheiro, você está louca para ser fodida. E eu estou louco para te foder.

Olhei em seus olhos acinzentados e meu corpo incendiou. Ele tomou posse de minha boca e amoleci em seus braços.

Ele abriu minha calça e colocou a mão por dentro, me acariciando. Abriu os lábios de meu sexo e tocou minha carne, já úmida. Gemeu em minha boca e abaixou minha calça. Tirei com os pés, junto com a sapatilha.

—Eu te quero aqui. — Ele me levantou e me sentou na maca, que estava toda arrumada. —Desde nosso primeiro beijo eu não penso em outra coisa. Abra as pernas pra mim.

Fiz o que ele pediu. Dando uns passos para trás, ele tirou o celular do bolso. Esse lance das fotos era tão excitante. Me apoiei nos braços e abri um pouco mais as pernas. Ele tirou a foto e para atiçá-lo, coloquei a mão em cima da calcinha, me acariciando. Ele lambeu os lábios e tirou mais fotos.

Sorri e me apoiando na parede, fechei os olhos, acariciando meu seio, enquanto afastava a calcinha e enfiava um dedo em mim. Ouvei seu gemido e o barulho do celular tirando as fotos. Segundos depois senti sua boca em meu clitóris. Ele retirou minha mão dali e chupou meu dedo.

—Eu te quero amor, agora. Quero seu pau em mim, forte e fundo.

—Ella, você me tira a paz. — Ele disse, abrindo o zíper de sua calça, sem deixar de me chupar. —Me deixa louco.

Segurando por baixo de meu joelho, ele me puxou para frente e se meteu em mim. Todo de uma vez.

Eu gemia, entregue à sua posse. Guilherme me beijava a boca, sussurrava delícias em meu ouvido que me faziam arrepiar, sem perder o ritmo. Me fodia com maestria, as vezes rebolando, quando metia fundo, me fazendo perder o fôlego, tocando partes dentro de mim que me levavam a beira do êxtase.

—Ah, Gui, isso é tão booom... — Gemi, agarrada a seus ombros. —Me come. Mais rápido. Daquele jeito. — Disse, entre uma respiração e outra.

E ele fez. Começou a meter em mim naquele ritmo alucinante. Agarrei minhas pernas em volta de sua cintura e senti meu corpo ficar tenso, um arrepio por dentro me deixou insana e gozei, gritando o nome dele. Ele continuou a meter forte e rápido, fazendo meu orgasmo durar até o dele chegar. Sua boca em meu ouvido e sua respiração ofegante faziam minha pele ficar permanentemente arrepiada e com sua mão agarrando meus cabelos, ele urrou de prazer, se derramando dentro de mim.

—Muito melhor do que em minha imaginação. — Ele sussurrou em meu ouvido e me beijou. Um beijo profundo e delicioso. —Se agarre em meus ombros.

Mal acabou de falar, ele me segurou pela bunda e saiu andando comigo, ainda metido até as bolas dentro de mim. Me levou à um banheiro anexo ao consultório. Era um banheiro completo, com chuveiro!

—Como eu nunca vi esse banheiro, Gui?

—Ele é disfarçado. A porta de entrada é igual às portas dos armários. Eu passo muito tempo aqui, então preciso de um lugar

para tomar um banho quando preciso. — Tirou minha camiseta, a calcinha e meu sutiã. Colocou uma touca em meus cabelos e ligou a água. Ele estava totalmente vestido ainda, com exceção de seu pau magnífico, que estava à mostra. Tirou rapidinho suas roupas e entrou comigo no chuveiro, me lavando toda.

—Se você chegar naquele quarto com meu cheiro em você, Theo é capaz de ter um ataque. Ele aceitou bem, mas tem coisas que ele não precisa saber.

Deixei que ele me lavasse até que estivesse satisfeito. Depois me secou e recolocou meu sutiã e camiseta.

—Acho que você terá que ficar sem calcinha. — Ele pegou a minha e enfiou no bolso.

—Vai guardar de recordação?

—Sim, vou guardar seu cheiro comigo. — Ele disse na maior naturalidade.

—Ok, então. — Sorri, feliz. Meu Dr. Tentação pervertido. E gostoso. E todo meu!

Ele saiu e foi buscar minha calça que ficou no chão do consultório e colocou em mim também, assim como minhas sapatilhas.

—Pronto?

—Pronto, agora está lavadinha e vestida. Minha Pequena. — Beijou minha boca e olhou fixo em meus olhos. —Minha!

Então ele pegou uma toalha e se secou, colocando as roupas.

—Venha, tenho uma coisa pra você, não era mentira.

O segui para o consultório, ele abriu o armário atrás de sua mesa e tirou uma caixa de dentro da sua maleta e estendeu para mim.

Abri a caixa, com cuidado e dentro havia uma gargantilha em ouro, com um pingente, um ponto de luz. Não, ele não estava me

dando um colar com um diamante. Não podia ser. Fiquei sem fala diante da delicadeza da gargantilha.

—Uma pedra preciosa, para a minha preciosa. Nada é mais importante pra mim, do que você, minha Pequena. Amo você.

—Gui, é lindo. Tão delicado e tão perfeito! — Olhei para ele, com lágrimas nos olhos. Seu gesto me deixou sem chão. —Coloca pra mim?

Ele veio e colocou em meu pescoço.

—Oficialmente minha. — Se abaixou e beijou a pedra em meu colo. Me olhou sorrindo, um sorriso capaz de iluminar um estádio de futebol.

—Obrigada, amor. É lindo.

—Quer descansar um pouco? Temos uma sala para os médicos.

—Não precisa, vamos voltar para o quarto do Theo. Já faz tempo que saí.

Voltamos abraçados até a porta do quarto. Ele me beijou novamente.

—Fique bem. Qualquer coisa me ligue.

Concordei com a cabeça e fiquei olhando ele se afastar. Entrei no quarto, com a certeza de estar com a palavra FELICIDADE, estampada em letras garrafais em minha testa. Theo me olhou e sorriu também. Isso tudo estava indo muito bem. Ele estava melhorando e graças a Deus não se machucou muito com o acidente, já seu carro não tinha dado a mesma sorte, havia sido perda total.

Cheguei perto dele e acariciei seus cabelos. A vida tinha muitas surpresas, mas com calma tudo se ajeitava. Me deitei no sofá-cama que estava arrumado, afofei o travesseiro e exausta, adormeci.

Capítulo Dez

Deixei Ella no quarto do Theo e desci para pegar meu carro. Só iria trabalhar no outro dia pela manhã, passaria o tempo armando uma cena para ela. Já que Theo tinha dado com a língua nos dentes, eu poderia soltar meu lado obscuro com Ella e com certeza a surpreenderia. Minha Pequena tinha a mente aberta e pelos livros que escrevia, estava louca para provar de tudo.

E eu faria o meu melhor. Um sorriso sinistro surgiu em meu rosto. Eu estava com saudade daquilo.

Estava absorto em meus pensamentos quando meu celular vibrou.

—Dr. Santos. —Atendi, já sabendo que poderia ser algo urgente.

—Ei, Gui, beleza?

—Fala, Brunão. O que aconteceu?

—Sabe a Pam do Theo? Então, ela e uma amiga, que é bem gostosa por sinal, resolveram se cadastrar para serem doadoras de medula. Falei pra ela que nós agilizaríamos o processo. Dá sua carta branca?

—Pode fazer. Estou saindo do hospital...

—Então passa aqui no hemocentro e já assina as autorizações. Sei lá, vai que uma das duas é compatível? Pam parecia tão certa nisso que, sei lá...

—Estou indo. — Desliguei, virei para o lado oposto e logo cheguei ao hemocentro, onde ele me esperava com os papéis.

—Não custa, né? — A chance de compatibilidade seria uma em um milhão, ou mais... Assinei os papéis e entreguei a ele.

—Mantenha-me informado.

—Vá descansar, você está com uma cara terrível. — Disse ele, dando um tapinha em meu ombro.

—Faça-me um favor, mande um prato especial para Ella, no jantar. Ela precisa de nutrientes.

—Pode deixar, fique sossegado. Daqui a pouco meu plantão termina, mas eu me encarrego disso.

Dei um tchau com a mão para todos e fui para casa. Eu estava realmente esgotado, a cirurgia havia sido estressante e muito complexa. Cheguei em casa, arranquei a roupa e me atirei na cama, dormindo quase no mesmo instante que minha cabeça tocou o travesseiro.

Cheguei ao hospital bem cedo, Theo teria alta por volta das oito. Queria ter um tempo com minha Pequena e quem sabe acordá-la com um beijo, um desejo que sempre tive.

Deus, quantas vezes eu a tinha visto adormecida e havia ficado louco para acariciar seus cabelos, seus seios que subiam e desciam, ao ritmo de sua respiração... beijar aquela boca deliciosa e vê-la despertar com um sorriso...

Meu pau latejou. Disfarçadamente, o ajeitei e continuei a caminhar pelos corredores, ainda vazios, devido ao horário.

Cheguei à porta do quarto e entrei sem bater, com todo o cuidado. Não queria que Theo acordasse e melasse tudo.

O quarto estava à penumbra, vi Ella deitada no sofá-cama. Devagar a peguei no colo e saí com ela pelos corredores, até a sala de descanso dos médicos. Entrei em um dos quartos, coloquei-a

delicadamente na cama e tranquei a porta. Não queria que ninguém nos incomodasse.

Me deitei ao seu lado, acariciei seu corpo e beijei de leve sua boca, mas ela não se mexeu. Então a cutuquei.

—Ei, minha Pequena... acorda. — Ela só resmungou, como fez durante todo o percurso até ali. —Vou arrancar suas roupas e te foder gostoso, até você gritar, se você não acordar.

Um sorriso safado surgiu em seus lábios, mas ela não abriu os olhos.

—Você quer ser fodida, né?

—Uhum... — Ela apenas murmurou, sorrindo.

Meti a mão entre suas pernas e apertei.

—Não brinque comigo, Rafaella. Sou bem capaz de fazer o que disse.

—Eu acordo e você me fode forte, igual? Eu mordo a mão para não gritar. — Ela disse abrindo os olhos minimamente.

—Minha Pequena, só quero que você acorde ao meu lado. — Apertei meu corpo ao dela, para que ela sentisse minha ereção, dura como pedra. —Mas não posso negar que a ideia de te foder, aqui no quarto de descanso, me excita.

—Acordar sendo pega e saindo escondido do quarto do meu irmão foi uma delícia. — Ela riu de mim.

—Te quero pra mim. Ao meu lado. Acordando comigo, dormindo em meus braços. Todos os dias.

—Um dia amor, um dia será assim. — Me beijou de leve. —Não vou te beijar, estou com um hálito horrível.

—Tome, ando com isso no bolso sempre, por causa dos pacientes. — Retirei uma caixinha de lâminas refrescantes do bolso.

—Às vezes fico horas sem comer e não posso atender os pacientes com bafo de bicho morto.

Coloquei uma lâmina em minha boca e uma na dela.

—Isso me deu uma ideia. Não vou te foder, mas vou te degustar, minha Pequena.— Arranquei sua calça, descendo-a até os tornozelos, abri suas pernas e lambi.

Ele me lambeu e gemi quando ele assoprou e gelou tudo por ali. As lâminas eram mentoladas.

Com uma perícia, que eu não queria saber de onde veio, ele me levou ao êxtase. Subiu pelo meu corpo, puxando e recolocando minha calça e me beijou a boca. Possessivamente.

—Não podemos demorar, Theo vai ter alta. Se você não estiver lá, ele tem um treco. — Me ajudou a levantar e me abraçou, colocando o rosto em meus cabelos. —E eu tenho que trabalhar. Quando eu sair, passo na tua casa e te pego. Pode ser? Ficamos juntos um pouco...

—Está bem, meu Dr. Tentação. Mande-me uma mensagem quando estiver chegando.

—Fechado.

Fomos abraçados até o quarto do Theo. Chegando à porta, ele me deu mais um beijo de arrepiar os cabelinhos da nuca e se foi. Quando entrei, Theo já estava acordado e nosso café da manhã já estava lá.

Comemos e logo ele teve alta. Recebi uma mensagem do Gui, dizendo que era melhor que eu fosse para a casa dele e o esperasse lá; Pam ia ficar cuidando do Theo e que Bruno nos aguardava na frente do hospital.

Bruno ajudou Theo a sair da cadeira de rodas e o colocou no carro. Entrei no banco de trás e ele deu a partida. Me deixou primeiro na casa do Gui.

—Não pense que eu gosto disso, mas não há o que eu possa fazer. Melhor com ele, que eu conheço desde sempre, do que com qualquer um por aí. — Theo disse, com uma carranca, estendendo a chave do apartamento.

—Não se preocupe, maninho, ele sabe cuidar de mim. — Dei uma piscada para ele e entrei no prédio, sem olhar para trás.

Cheguei ao apartamento dele e fiquei sem saber o que fazer. Fui para o quarto e me atirei na cama. Os lençóis tinham o cheiro dele. Liguei a TV e fiquei vendo um filme que estava passando. Pouco depois, Bruno mandou uma mensagem, para eu descer, pois Theo havia mandado algumas roupas para mim e meu *note*.

Desci correndo.

—Seu irmão mandou. Disse que você está com essa roupa desde ontem. — Ele riu, ao me dar a bolsa.

—Ah, Bruno, você estava tão bonitinho com minha bolsa no ombro! — Ri junto com ele. Chegava a ser cômico, um homem daquele tamanho, todo musculoso, com uma bolsa feminina. —Valeu, eu preciso mesmo de um banho.

—Vá lá, suba e fique quietinha, Chaveirinho. Amanhã tem a quimio. Descanse e coma direitinho. Até mais. — Ele me deu um beijo no rosto e bagunçou meus cabelos. Eles todos eram assim, eu era a mascote do grupo dos lobos. Entrei no prédio e só então Bruno se foi.

O que eles não sabiam, é que eu tinha tomado um banho delicioso com meu amor. Então, deitei na cama e continuei vendo o

filme. Deixaria o banho para mais tarde, antes do Gui voltar para casa.

Na hora do almoço Guilherme mandou que entregassem comida para mim... com suco de Graviola. Ri quando vi o suco. Meu Dr. Tentação, sempre preocupado.

Depois do almoço, abri meu *note* e comecei a escrever... Me perdi na escrita e em meu mundo de fantasia. A preocupação com a quimio e com minha doença, esquecida por enquanto. Ainda bem que coloquei o celular para despertar ou então Gui ia chegar e me ver com a mesma roupa ainda. Eca. Isso não podia!

Fechei o *note* e corri para o banheiro. Como ainda tinha uma hora para que ele chegasse, enchi a banheira e me larguei lá.

Humm, isso é tão bom!

Já estava com as pontas dos dedos enrugadas, quando escutei um barulho vindo do quarto. Esvaziei a banheira e tomei uma ducha, me lavando rapidamente.

Enrolei-me em uma toalha e fui devagar até a porta, abrindo uma frestinha. O que eu vi, me deixou sem fôlego e com a boca aberta!

A ideia de trazer minha Pequena para meu mundo, não saía da minha cabeça. Atendi meus pacientes da melhor maneira possível, mas sem muita conversa. Sempre deixava e incentivava, que eles se abrissem e conversava sobre seus medos e expectativas.

Mas hoje não.

Eu tinha alguém me esperando em casa!

A coisa toda começou a tomar forma em minha cabeça e assim que atendi o último paciente, fugi do hospital. Correndo.

Cheguei na *sexshop*, em cima da hora, eles estavam quase fechando. Por sorte consegui entrar e comprei tudo o que precisava. Eu estava eufórico com a perspectiva de dominá-la. Fazia tanto tempo!

Cheguei em casa e estava um silêncio total.

Fui andando e olhando por todo lado. Enfim cheguei ao meu quarto e escutei o barulho de água no banheiro, não água corrente, mas da banheira. Ela ficaria por lá algum tempo, o suficiente para que eu arrumasse tudo.

Quando acabei de arrumar as coisas, tirei a roupa, coloquei minha calça de couro preta e de chicote em punho, esperei de pé, em frente à porta do banheiro. Minutos depois, ela abriu a porta devagar, espiando pela fresta da porta, que se abriu, revelando uma mulher espantada, de boca aberta.

Senti meu sorriso crescendo, assim como meu pau. Ela estava linda, só enrolada na toalha, com os cabelos molhados. Seus olhos se prenderam em minha calça de couro negro. Vendo-a assim, cabisbaixa, fez meu tesão ir às alturas.

Ela engoliu em seco e olhou para a cama e seus olhos se arregalaram mais ainda.

Meu Deus!

Lá estava ele, diante de mim, só com uma calça preta de couro.

NOSSASENHORADASCALCINHASMOLHADAS!

Levantei a vista por seu corpo e a cama chamou minha atenção.
WOW!

Aquele não podia ser o mesmo quarto em que eu passei o dia todo.

A iluminação, toda feita só pelas velas, grossas e baixas, com laços de fitas vermelhas. A cama, arrumada com lençóis de cetim negros, e por cima dele, pétalas de rosas. Um leve aroma de canela se espalhava pelo ar.

—Vai me obedecer? — A voz dele estava diferente, um tom mais firme, que me arrepiou. Assenti com a cabeça e ele chegou perto de mim, levantando meu rosto, com um dedo em meu queixo. Seus olhos, dançando nos meus.

—Sim.

—Me dê suas mãos. — Ele retirou algemas do bolso. Estendi as mãos para ele, que fechou uma aljava em cada pulso.

Se abaixou e tomou posse da minha boca, me deixando tonta de tesão. Sua língua invadindo, duelando com a minha e explorando. Me senti ardendo de desejo, meu corpo todo alerta, meus seios doloridos, com os mamilos duros... borboletas voavam em meu estômago e sentia meu clitóris pulsando.

Deus, esse homem me deixava louca por ele, com um único beijo! Um beijo e aquela calça... Humm.

Num puxão, minha toalha foi atirada para longe, deixando meu corpo úmido e nu em seus braços. Então, me pegou no colo e me levou para a cama, sem tirar a boca da minha. Colocou-me recostada na cabeceira de ferro e levantou meus braços, prendendo cada aljava a uma barra decorativa.

Libertou minha boca e fiquei ofegante, olhando em seus olhos acinzentados, que estavam com um brilho diferente. Então, me puxou para baixo, até eu ficar com os braços esticados e presos, sem poder me mexer.

Sua boca voltou para a minha e escorregou pela minha pele, chegando ao meu ouvido.

—Você fica tão gostosa assim, algemada a minha cama. — Sussurrou em meu ouvido e foi descendo aquela boca deliciosa, passando a língua pelo meu seio, que se enrolou no bico e chupou forte. Tão forte que cheguei a gemer de dor, uma dor gostosa que teve contato direto com minha virilha, então ele o prendeu entre os dentes e me olhou. Abri a boca para puxar mais ar para meus pulmões e ele mordeu. Uma pontada de dor me fez gritar e gemer, deliciada.

Ele sorriu e continuou a descida pelo meu corpo, mordiscando o caminho até meu sexo. Eu sentia a umidade escorrendo, minha excitação indo a níveis inimagináveis.

Ajoelhou-se entre minhas pernas e as abriu. Levantou uma das mãos e acariciou meu sexo. Seus olhos presos aos meus, evidenciavam o desejo, e um lado obscuro em seu rosto me enlouqueceu.

Eu não conseguia ficar parada diante daquele olhar e daquela mão me acariciando. Eu queria mais e comecei a me contorcer em busca de um contato maior.

Ele apenas riu de mim e continuou com a tortura. Apenas um dedo escorregou entre minhas dobras e se afundou em meu corpo. Tudo por dentro se apertou e quase gozei com a intromissão brusca.

Sem pressa, seu dedo entrou e saiu de mim, se retorcendo por dentro, encontrando pontos que me faziam perder o fôlego e gemer alto. Então quando eu estava quase lá, ele retirou o dedo de mim e o lambeu.

—Seu gosto é delicioso...

Instantaneamente eu abri minha boca e ele atendeu, enfiando o dedo nela. Chupei seu dedo como faria com seu pau, olhando para ele com todo o tesão que eu estava sentindo. Só então ele esboçou uma reação, respirando fundo.

Retirou o dedo da minha boca e escutei um click baixo em algum lugar. Olhei em volta e ele explicou.

—Coloquei no automático, a cada pouco tempo uma foto é tirada.

Ele se levantou e voltou com uma venda, colocando sobre meus olhos.

—Apenas... sinta. — Sua voz imperativa, não dava lugar para nada, então obedeci.

Senti um toque leve em meu pescoço, que seguiu o mesmo caminho de sua boca... atormentando meus mamilos, meu umbigo... descendo pelas minhas pernas e brincando com meus pés... Após isso, um objeto frio passou pela minha pele, brincando em meu sexo... e ele o introduziu dentro de mim. Eu me contorcia, gemia e ronronava.

Então uma picada de dor em minha coxa, me fez gritar.

—Não se mexa ou vai ter que arcar com as conseqüências.

Tentei me segurar, juro por Deus que tentei.

Mas ele ligou o objeto dentro de mim, que começou a vibrar de leve. Aquilo era uma tortura deliciosa.

Então ele começou a acariciar meu corpo, mais forte, massageando meus músculos. Quando eu estava molinha e relaxada, vieram as chicotadas em minha barriga... tão leves, que me deixava formigando onde tocava. Sentia as pontas do chicote em minha pele e me vi pedindo por mais.

—Gui... mais, mais forte... eu não vou quebrar...

Ele subiu e deu umas chicotadas leves em meus mamilos. Aquilo fez com que eu gritasse de prazer e as paredes de meu sexo se apertarem, expulsando o vibrador de dentro de mim.

—Nunca senti tanta inveja de um objeto... Vou te foder tão gostoso, Pequena.

Ele recolocou e aumentou a vibração e, o que apenas formigava, começou a ficar insuportável de segurar e o orgasmo ali, se formando, aumentando ... eu gemendo alucinada, pedindo por ele.

—Quero você... quero seu pau em mim... por favor...

Ele parou com os estímulos, retirou o vibrador de mim e também com as chicotadas. Meu peito arfava, minha boca estava seca e eu já não sabia mais o que queria... se queria agarrar ou bater nele.

Senti a cama balançar e ouvi seus passos no corredor.

Hein? Ele vai me deixar aqui, assim, amarrada e louca de tesão?

—Guiii... — Seu nome saiu de meus lábios como uma súplica.

Não demorou e ele voltou ao meu lado. Ouvi um barulho de um papel sendo rasgado e pensei: *Agora ele vai me comer!*

Ledo engano!

Me beijou novamente e senti uma coisa gelada em minha pele... rodeando meus mamilos, escorregando pela minha barriga e enfim em meu sexo. Meu clitóris pulsava e o frio nada fez para amenizar meu tesão. Ao contrário, ele só piorou quando colocou aquilo dentro de mim.

Agora era real, eu iria desmaiar de prazer.

O gelo entrava e saía, sentia-o derreter e escorrer pela minha bunda... Então ele retirou minha venda e olhou em meus olhos. Levantou o gelo que passava em mim e vi que era um picolé, cilíndrico. Enfiou na boca, chupando o picolé derretido.

—Hum, morango.

Puxou o que restava, do palito, e voltou para meu sexo que estava em chamas. Me chupou com aquele picolé na boca, me olhando, colocando o pedaço para dentro de mim e chupando meu clitóris.

—Goza pra mim, quero seu gozo em meus dedos... em minha boca. Goza, Pequena.

Estar ali a mercê dele, com todos aqueles estímulos era a coisa mais deliciosa do mundo e quando ele meteu dois dedos dentro de mim, não me aguentei e gozei em sua boca, me contraindo contra seus dedos, gritando de prazer.

Seu rosto era satisfação pura! Tão lindo!

Ele, então, lambeu todo meu corpo, limpando o doce do picolé com a língua, enquanto eu recuperava o fôlego. Abriu a calça e seu pau pulou para fora, duro e empinado. Lindo! Delicioso...

—Agora vou te comer, minha Pequena.

E se meteu em mim, de uma só vez, fundo. O choque entre nossos corpos me deixou louca de novo, ele entrava e saía devagar, ajoelhado ente minhas pernas, elevando minha bunda, para chegar mais fundo. Eu me agarrava à grade da cama, louca para agarrar ele.

—Que tesão... linda pra caralho... e toda minha... — Ele grunhia em meio às estocadas profundas.

Meu sexo apertava seu pau e eu podia sentir todo o contorno da cabeça, empurrando dentro de mim. Minhas pernas começaram a tremer...

Daquele jeito, devagar e fundo era muito bom, mas me vi querendo meu Dr. Britadeira outra vez. Aquilo devia estar na minha

cara, pois ele se abaixou sobre meu corpo e soltou minhas mãos, acariciando meus ombros, sem parar de meter em mim. Então rolou, me sentando sobre ele.

—Cavalgue meu pau. Ele é todo seu... — Seus olhos acinzentados pareciam em chamas... O desejo estampado em seu rosto.

Instintivamente comecei a rebolar e quando dei por mim estava quase pulando em cima dele, que me puxou para cima de seu peito, me prendendo num abraço de urso, e o outro braço sobre minha bunda.

—Pequena, prepare-se.

Ah, como eu adorava escutar isso!

Em seguida, meu Dr. Britadeira apareceu, metendo rápido e fundo, me roubando o ar e a sanidade, me levando ao êxtase pela segunda vez e se derramando em mim, urrando de prazer, com os olhos fechados e apertando a cabeça para trás, no colchão.

Deitei em seu peito e a exaustão tomou conta de mim.

Pouco depois, senti suas mãos acariciando meus cabelos e levantei o rosto, para olhar em seus olhos. Ele me beijou a testa.

—Gostou, Pequena?

—Uhum. — Foi a única coisa que consegui articular.

—Uhum é sim ou uhum é mais ou menos?

—Uhum é caraca, amei isso e quero de novo!

Ele riu e me deu um tapa na bunda. Instintivamente meu sexo se contraiu, o apertando.

—Meu Deus, assim você acaba comigo. — Me puxou mais para cima, desconectando nossos corpos. —Não posso abusar muito de você. Amanhã você tem...

Coloquei um dedo sobre sua boca. Não queria falar daquilo. Queria esquecer minha doença ou a quimio. E ele me fazia esquecer de tudo, quando estávamos juntos.

—Eu entendi. — Me olhou concordando e eu escorreguei para seu lado, me aconchegando nele.

—Estamos melados. Vamos tomar uma ducha. — Ele disse, pulando da cama e arrancando a calça.

Eu não tinha forças sequer para ficar em pé, então estendi os braços para ele, que me pegou no colo e levou para o chuveiro. Me lavou e tomou uma ducha rápida. Enrolou-me em uma toalha e me pegou no colo novamente, me colocando sentada em uma poltrona.

Eu só admirava seu corpo nu, os músculos flexionando, enquanto ele trocava a roupa de cama por uma limpa.

Me pegou como uma boneca e deitou-me na cama, para só então se enxugar e deitar ao meu lado. Adormeci aconchegada em seu peito.

Pouco depois acordei e ele estava ali ainda, ao meu lado, falando ao celular.

—Está bem Theo, sem problemas. Fique sossegado, eu faço qualquer coisa por ela. — Ele sorriu e continuou. — Sim, eu sei que você não queria isso. Mas como você mesmo sempre diz, acostume-se a isso. — Gui gargalhou e escutei Theo xingando do outro lado. —Até mais, Theo. Qualquer coisa que precisar... ligue para o Bruno, vou estar ocupado. — Gui riu alto e Theo esbravejou do outro lado, o que serviu para que meu lindo risse mais ainda. — Tchau, Theo. Mande um beijo pra Pam.

Desligou e me olhou com aqueles olhos... Senti o fogo se espalhando por meu corpo outra vez.

—Theo perguntou se teria problema, você dormir aqui em casa hoje e eu te levar ao hospital amanhã. Ele está de cama e não tem como te levar.

—Dormir aqui? — Foi a minha vez de rir, feliz. —Dormir em seus braços? Ô meu Deus, que esforço eu vou ter que fazer.

Rimos como duas crianças. Começamos a nos beijar novamente e senti seu pau, duro em meu corpo.

—Não posso me aproveitar mais de você... Mais tarde. Está com fome? Você precisa se alimentar bem...

—Gui, eu sei disso tudo. Sei o que vai ter amanhã, sei também que o médico está falando mais alto e que você se preocupa com meu estado. Mas eu quero ter uma noite normal, como todo mundo, sem que minha doença paire sobre mim. Quero te amar e ser amada, como se não houvesse amanhã. Você faz isso por mim? — Perguntei, fazendo minha melhor cara de súplica. —Vamos jantar uma pizza nada nutritiva e com muuuuito queijo, beber refrigerante bem gelado... Me entende? Eu quero aproveitar, com tudo o que tenho direito, essa minha noite com você. Amanhã... vai chegar e realmente não quero pensar nisso tudo.

Os olhos dele ficaram marejados e vi seu pomo de adão subir e descer, quando ele engoliu em seco. Então, apenas concordou com a cabeça e me abraçou, beijando meus cabelos. Pegou o celular e pigarreando, pediu uma pizza, metade quatro queijos e metade calabresa, com borda recheada com catupiry e um refrigerante.

—Pronto. Tudo pela minha Pequena. Vamos nos fartar com essa pizza. — Me olhando com a maior cara de safado, completou. —E com esse corpo delicioso.

Pulou em cima de mim e eu ri, feliz.

Capítulo Onze

Sempre depois da quimio eu caio durante um ou dois dias. Só que dessa vez foi diferente. Meu Dr. Tentação ficou comigo, cuidando de mim. Ele segurava meus cabelos, sobre o vaso sanitário, enquanto eu deixava meu estômago escapar pela minha boca. Nojento demais.

Depois, me dando banho e me colocando na cama. O coitado seguiu esse ritual algumas vezes durante o dia e a noite de hoje. Meus ossos doíam terrivelmente, até minha pele estava dolorida e sensível ao toque.

Ele me acariciava os cabelos e isso doía terrivelmente. Eu queria e precisava de contato físico, de mimo, mas a dor estava insuportável. Eu estava tensa, todos os músculos do meu corpo estavam retraídos, na esperança de que assim, a dor pelo menos diminuísse. Então me vi implorando por morfina.

—Pequena, o uso constante pode causar mais mal do que bem. Pode afetar seu coração e causar outra doença. — Disse, cauteloso, ainda acariciando de leve minha cabeça.

—Eu não aguento mais. Quero muito ficar perto de você, aceitar seus carinhos e cuidados, mas é dolorido demais. Respirar está doendo... Toda noite peço a Deus que coloque um anjo em meu caminho, que seja compatível e que acabe com meu sofrimento e minha dor... — Disse, num fiapo de voz.

Era perceptível que tudo isso mexia profundamente com ele. Principalmente quando ele veio me dar a morfina. Vi que suas mãos estavam trêmulas ao segurar a minha, para achar minha veia,

colocando o acesso do soro. Em minutos já estava recebendo meu anestésico e sabia que mais um pouco a dor sumiria... não os enjoos. Eram horríveis, mas a dor era o que mais me incomodava.

—Pronto meu amor, já vai aliviar. — Me beijou no rosto e me colocou no colo.

Observar o soro pingando tão devagar era angustiante, mas tinha que ser assim, pois a morfina, aplicada muito rápido, causava enjoos e eu já os tinha, sem precisar dessa ajuda extra... mas logo a morfina fez efeito e as dores sumiram... Assim que relaxei, moleza e exaustão tomaram conta de mim e adormeci em seus braços.

Algum tempo depois, acordei. Estava deitada na cama dele, com ele ao meu lado, ressonando baixinho. Eu tinha perdido a noção do tempo. Olhei em minha mão e o acesso do soro não estava mais lá. Mexi minhas pernas, toquei minha pele e a dor também não estava mais presente. Suspirei, aliviada.

Era um alívio danado, saber que ele estava ao meu lado. Passar por tudo isso ao lado de quem a gente ama... e que nos ama também. Amor esse, demonstrado em cada carinho, cada gesto paciente enquanto cuida de você. Isso realmente é incrível.

Hoje me dei conta de que poderia sempre contar com ele, em cada momento de minha vida, sendo ele bom ou mau. Ele era forte o suficiente para aguentar o meu pior, sem desabar. Sabia cuidar de mim, como ninguém, afinal essa era a especialidade dele.

Percorri seu corpo com o olhar. Ele estava só coberto pelo lençol, aquele volume todo me deixou querendo. Mas eu tinha a noção de que estava fraca demais para sexo. Acho que desmaiaria facinho, se tivesse um orgasmo leve.

Devagar saí da cama e fui ao banheiro fazer xixi. Lavei as mãos e fui andar um pouco. Estava com um comichão pelo corpo, precisava me mexer urgentemente. Parecia que se não mexesse as pernas, eu teria um treco.

Fui até a cozinha, abri a geladeira procurando por algo para beber, sentia a boca seca, depois de tudo. Um sorriso gigante tomou conta do meu rosto ao ver o suco de graviola. Ele pensava em tudo. Servi um copo e fui para a sala. Olhei pela sacada e a rede me chamou a atenção. Não pensei duas vezes... me deitei ali, com as pernas soltas, de cada lado da rede e fiquei olhando para o céu, que estava limpo e lotado de estrelas.

Embalei a rede devagar e fiquei bebericando meu suco, pensando na vida.

Eu definitivamente , não quero morrer.

Sabia que, se não aparecesse um doador compatível, rapidamente, era o que ia acabar acontecendo.

Eu tinha descoberto as delícias do sexo e do meu Dr. Tentação Britadeira. Só de lembrar, ele metendo forte e rápido... Hummm... meus pelinhos da nuca se arrepiaram.

Eu tinha que pensar em outra coisa. Ele não iria me comer enquanto não estivesse bem e mais forte. Precisava de descanso e nutrientes, segundo suas próprias palavras. E um doador.

Meu Deus, pela milésima vez eu imploro... Coloque um anjo em meu caminho, um anjo compatível.

O comichão em minhas pernas diminuiu e me acalmei. Terminei o suco, fui até a cozinha e lavei o copo, colocando-o no escorredor. Voltei para o quarto e me acomodei em seus braços. Fiquei olhando ele adormecido por um longo tempo, até que dormi outra vez.

Duas semanas se passaram.

Minha amizade com Pam nasceu e floresceu. Ela era um amor e muito preocupada. Não uma preocupação por eu ser a irmãzinha doente do namorado, mas uma preocupação genuína. Nesses dias em que ela ficou em casa, cuidando do Theo, conversamos muito e por várias vezes, eu a peguei me olhando como se quisesse me contar alguma coisa e não conseguia. Será que ela e Theo tinham aprontado? Será que ela estava grávida? Só com o tempo eu saberia.

Hoje Theo iria retirar os gessos e por esse motivo, eu passaria o dia com meu amor e deixaria os pombinhos à sós.

Fazia alguns dias que nós não ficávamos um tempo sozinhos... Ele estava cheio de plantões e cirurgias. Coitado, ele trabalhava muito. Teria que me acostumar com isso, se quisesse ficar com ele. *Mulher de médico é isso aí.* Ri do meu pensamento. Para que a gente pensasse no futuro, primeiro eu teria que *ter* um futuro. Essa semana eu não tinha feito a quimio, teria minha semana de descanso daquela coisa toda...

Meu celular vibrou e era uma mensagem do Gui.

“Pequena, coloque um biquíni. Vamos à praia, curtir um dia de preguiça. Te pego em meia hora.”

Ah, eu adorava o mar! Rapidinho coloquei um biquini e arrumei uma bolsa com tudo o que precisaria. Se bem que conhecendo o Gui, ele certamente já estava com uma mala pronta com tudo o que eu pudesse vir a precisar. Em meia hora, ele buzinou e eu saí.

Entrei no carro e tive que respirar fundo.

Ele estava lindo!

Óculos de sol, barba por fazer, camisa pólo preta e bermuda jeans. Minha boca ficou cheia d'água. Eu não estava acostumada a vê-lo assim, todo casual, pois ele era sempre tão sério.

—Me dê sua boca. Preciso sentir seu sabor. — Ele se inclinou, colocando os óculos na cabeça, seus olhos acinzentados estavam quase negros. Ele entreabriu os lábios e esperou.

Um calor tomou conta de meu corpo. Jesus!

Me apoiei em sua perna, colocando a mão perigosa e propositalmente, perto de seu pau e me inclinei em sua direção.

Ele enfiou os dedos devagar em meus cabelos e gemeu de leve antes de tomar minha boca, num beijo terno, que foi aprofundando até consumir cada resquício de lucidez da minha mente. Sua mão em meu pescoço, apalpava e apertava de leve.

Eu estava derretendo por ele, meu corpo pulsava de desejo, um tesão louco tomando conta de mim. Meus seios pareciam que iam explodir, meus mamilos virados em duas pontas duras, que empurravam o tecido do meu biquini, meu sexo se apertava de vontade, a umidade tomando conta e me preparando para ele...

Sem fôlego, ele se afastou de mim, encostando a testa na minha.

—Que saudade que estou de você. — Ele pegou minha mão e colocou sobre seu pau.

Duro.

Pulsando.

Minha perdição.

Gemi e apertei de leve, passando as unhas por cima dele todinho. Gui puxou uma respiração profunda.

—Vamos, antes que eu mude de ideia sobre dirigir até a praia.

Sorri e me ajeitei no banco.

O percurso até a praia foi muito gostoso, fomos cantando, conversando, trocando carícias e olhares safados. Em pouco tempo estávamos parando em frente à um hotel, lindo.

—Vamos passar a noite aqui. Amanhã na hora do almoço nós voltamos.

—Ah! Que delícia! Vou dormir agarradinha em você. — Disse saindo do carro antes dele. Eu adoro o mar! Estava louca para ver as ondas quebrando na areia.

Rindo, ele saiu do carro, carregando minha bolsa de praia e uma mala de mão. Entregou a chave do carro ao manobrista e fomos fazer o *check-in*. Pegamos a chave e subimos para o quarto, colocamos as coisas para dentro, pegamos o essencial e saímos novamente.

—Vamos comer alguma coisa e depois vamos ver o mar. — Ele me conhecia tão bem!

Fomos até o salão de café da manhã. Nossa, quantas delícias! Vários tipos de frutas e sucos, iogurtes, pãezinhos diversos e muitos bolos. Hummm... hoje eu estava com fome, o que era uma raridade. Ele me observou comendo, com um ar de triunfo no rosto.

—O que foi? Por que está com essa cara?

—Nada não, eu sabia que o ar marinho te faria bem. — Disse, colocando um pedaço de melão na boca. —Isso aqui está realmente uma delícia. — Sorriu para mim, aquele sorriso safado que, com certeza, fazia as mulheres quererem arrancar as calcinhas e jogar para ele, gritando.

Acabamos de comer e saímos de mãos dadas até a praia privativa do hotel. Aquilo parecia um sonho! A areia clarinha, o mar era como uma piscina, com a água verdinha e com pequenas ondas

quebrando na areia. O cheiro e o barulho do mar, me deixavam relaxada. Respirei fundo e Gui me abraçou por trás.

—Obrigada, amor. Como eu precisava disso!

—É meu dever saber o que você precisa e garantir que esteja satisfeita. — O tom de sua voz me deixou molhada de novo. Era o mesmo que ele usou comigo, no dia da calça de couro.

—E o meu dever, qual é? — Perguntei, divertida.

—Seu dever é respirar. Confiar que eu farei tudo por você. Seu corpo e sua confiança são o que tenho de mais valioso. O melhor presente que você pode me dar. — Me beijou os cabelos e pressionou o queixo em minha cabeça.

Ficamos olhando o mar, até que o rapaz do hotel terminou de montar o guarda sol e colocar as espreguiçadeiras para nós. Gui começou a retirar minha roupa e aquele maldito tesão se apoderou de mim novamente. Estávamos bem isolados na praia, haviam poucas pessoas ali e bem distante de nós.

Ele então, passou protetor por todo meu corpo, incluindo o peito do pé e minhas orelhas. Era tão eficiente no que fazia! Então me auxiliou a deitar na espreguiçadeira, retirou da sacola um chapéu e óculos escuros e me deu.

Ficou de pé na minha frente, tampando o sol. Retirei os óculos que tinha acabado de por e olhei para ele, pronta para fazer um comentário espertinho, quando percebi o que ele faria. Me olhando com aqueles olhos lindos, ele retirou lentamente a camiseta, revelando seus músculos bem trabalhados. Wow, eu tinha que agradecer ao Rick por pegar no pé de todos eles e fazer com que malhassem.

Fiquei salivando, louca para lambar aquele peitoral todinho. A mão dele foi para o botão da bermuda e engoli em seco. Deixou a bermuda escorregar pelas pernas, revelando uma sunga preta. Seu pau estava todinho delineado na sunga. Queria me abanar, porque de repente ficou muito abafado. Para piorar minha situação, ele passou a mão pela extensão do pau, indo e voltando.

Com muito esforço, consegui parar de olhar para aquela delícia e olhei para seu rosto. Satisfação era o que se via ali. Um sorriso e uma cara de safado, que acabavam comigo.

—Quer fazer amor no mar?

Opa! Só se for agora.

Me levantei na hora e ele riu de mim.

—Passe protetor em mim? — Ele estava de brincadeira! Eu o queria dentro de mim e já! E no mar! Um arrepio de antecipação passou pelo meu corpo.

Capítulo Doze

Passei protetor em todo seu corpo, até em seus pés. Guilherme tinha pés lindos! Deixei o pescoço e seu rosto sem, pois, pretendia lambar, beijar e mordê-lo enquanto me possuía no mar.

Assim que acabei, limpei as mãos na toalha. Fiquei frente a frente com ele, que se abaixou, me abraçando pela cintura, e me beijou. Sua língua na minha me deixou arrepiada. Me levantou nos braços e o agarrei pelo pescoço, passando as pernas pela sua cintura.

Um tesão gigante me consumia, meus mamilos pareciam que iam furar o biquini. Dando vazão aos meus desejos, me aconcheguei em seu pescoço e lambi. Gui gemeu baixinho e senti seu pau se mexer. Comecei a rebolar devagarzinho, enquanto ele me levava para o mar. Fui subindo e arrastando a língua em sua pele até chegar em seu ouvido.

—Estou louca para te sentir dentro de mim, metendo forte.

Em resposta, gemeu e me beijou com desespero. Eu estava tão doida com o beijo, que não percebi a água fria nos envolvendo. Sua mão escorregou da minha cintura para minha bunda e contornou a borda do biquini, passando por baixo dele e roçando meu ânus.

—Sou louco para comer sua bundinha, tão linda, redondinha, parece um coração invertido. — Um arrepio de prazer me percorreu.

—Esse coração, assim como o meu, são seus. Quando quiser... — Olhei em seus olhos e o que vi neles foi tesão. Tesão em seu estado mais puro. Seu pau confirmou, se mexendo, em espasmos, apertado contra meu corpo.

Seu dedo rodeava e pressionava, sem me penetrar, me deixando doida para que ele o fizesse. Se eu não estivesse na água, minha excitação estaria escorrendo pelas minhas pernas.

Afastei-me, somente o suficiente para libertar seu pau e o aninhei entre minhas pernas, indo e voltando, sentido-o se arrastar pelo meu sexo. Meu olhar preso ao dele... Gemi louca de tesão. Eu precisava dele dentro de mim, senão enlouqueceria. Minha respiração ofegante, denunciava minha excitação. Se abaixando um pouco, Gui percorreu meu pescoço com a boca, lambendo e mordiscando, até chegar em meus seios, mordendo meus mamilos por cima do biquini, um após o outro. Eu só fazia gemer e rebolar nele, que aproveitando a mudança de posição, fez com que seu pau apertasse em minha entrada, por cima do biquini, penetrando minimamente, mas me fazendo salivar por mais. Ele ia e vinha, pressionando...

Eu estava toda arrepiada. Seu dedo não dava trégua em minha bunda, atijando e me fazendo desejar. Com o nariz e a boca, ele fuçou em meus seios até que um mamilo escapou e ele chupou, com força, me deixando insana.

—Me come, amor... não aguento mais essa tortura... preciso de você... dentro de mim... por favor... — Eu falava entre gemidos, me apertando contra seu pau, querendo senti-lo fundo em mim.

Os dedos que estavam atijando minha bunda, afastaram o biquini, abrindo meus lábios, para que seu pau escorregasse para dentro de mim.

—Você está tão apertada, Pequena. Um tesão... Ahh. — Me beijou intensamente, sua língua fodendo minha boca, como seu pau fazia embaixo. Aos poucos ele foi entrando, a cada arremetida ele ia um

pouco mais fundo. Fechei os olhos, entregue a sensação daquele pau me preenchendo e me segurando para não gozar. Um orgasmo gigantesco se formava, meu corpo queimava de prazer, minha respiração ofegante em sua boca o fazia gemer.

Suas mãos foram para minha cintura e me puxaram para ele, que entrou todo, fundo, me fazendo gritar de prazer e meu corpo estremecer.

—Pequena, prepare-se.

Jesus, como eu adorava escutar isso! Me agarrei em seus ombros e abri meus olhos. Seus olhos acinzentados estavam negros, a pupila dilatada ao extremo, coroada por um halo cinza. Seu rosto, uma máscara de prazer. Estremeci com a intensidade de seu olhar e suas mãos me apertaram mais forte a cintura, me impulsionando contra ele. Forte, rápido... muito rápido.

Ah... Que delícia, meu Dr. Britadeira!

O orgasmo me atingiu como um raio, quase me partindo em duas. Gritei seu nome, com um gemido arrastado e rouco, meu corpo todo estremecendo fortemente, meu sexo ordenhando-o, implorando pelo seu gozo, que veio em seguida, me aquecendo por dentro.

—Te amo... Te amo... — Ele sussurrou, me apertando a ele, após um orgasmo alucinante.

—Eu também amo você... mais do que eu consigo expressar. — Senti meus olhos marejados. Wow aquilo foi bom demais... intenso demais... simplesmente WOW!

Ficamos nos beijando, por mais um tempo e ele saiu de dentro de mim, arrumando meu biquini e a sunga.

Devagar saímos da água, a praia, que tinha apenas algumas pessoas bem distantes de nós, agora estava deserta.

—Vamos tomar uma ducha e ir almoçar? Conheço um restaurante de frutos do mar, que tem uns camarões gigantes!

Sorri abertamente e feliz. Ele me conhecia como a palma da mão!

Juntamos nossas coisas e de mãos dadas, voltamos para o quarto. Uma ducha rápida e logo estávamos a caminho dos camarões gigantes. Ops, do restaurante.

Chegando lá, o maitre nos levou a uma mesa perto das janelas, de onde dava para ver o mar. Me sentia renovada pelo cheirinho da praia, a proximidade do mar... e louca pelos camarões!

—Você está com uma cara hoje, amor... feliz, relaxado... O que aconteceu?

Ele me olhou e sorriu. Felicidade pura iluminou seus olhos, que estavam cinzas, clarinhos e radiantes.

—Estamos comemorando, Pequena. Comemorando a vida! — Segurou em minhas mãos e levantando uma delas, levou aos lábios e beijou meus dedos.

Sorri de volta. Realmente, hoje eu nem me lembrava de estar doente. Estava feliz, me sentia bem e capaz de enfrentar o mundo, desde que ele estivesse ao meu lado.

Gui fez nosso pedido, sabia muito bem que eu estava salivando pelos camarões desde que ele os mencionou. Acho que lembrando do que eu disse outro dia, ele pediu um refrigerante para mim e uma cerveja para ele. *Nada de suco de Graviola hoje!*

Logo chegou a comida e me esbaldei nos camarões, sob o olhar atento de Gui, que observava e sorria. Hoje ele estava realmente de muito bom humor.

—Coma bem, Pequena. É tão bom ver você com esse apetite!

—Também, depois um banho de mar delicioso... Isso abre o apetite de qualquer um. — Sorri para ele.

—Coma. Depois vamos dar uma volta e descansar um pouco. O que acha de irmos dançar hoje à noite?

O olhei espantada! Caramba! Ele estava inspirado mesmo.

—Não me olhe com essa cara. Hoje não preciso me preocupar em ser chamado as pressas para o hospital. Deixei um substituto no meu lugar, para qualquer eventualidade. Sou só seu hoje, Pequena. Todo seu.

Minha mente, nada santa, já formulou mil e uma ideias para quando estivéssemos dançando a noite. Um sorriso safado apareceu em meu rosto.

—O que essa cabecinha está pensando? Pela sua cara, deve ser alguma coisa muito boa.

—Nem te conto, amor. Nem te conto! — Rimos e continuamos a devorar a comida, que estava deliciosa. Gui pediu a conta e fomos andar à beira mar.

—Quero comprar um vestido lindo pra você, para hoje à noite. O que acha? — Ele perguntou, enquanto andávamos abraçados pela areia.

Um vestido deixaria minha ideia ainda mais gostosa. Aceitei e voltamos para o hotel, pegamos o carro e fomos às compras.

Capítulo Treze

Passamos por várias lojas no shopping. Ele se deliciava ao me ver provar as roupas. Acabamos comprando um vestido cinza escuro, lindo e um sapato de salto alto preto. Quando eu provei, percebi que ele olhava para meus pés, babando. Com certeza estava pensando em me comer só com eles. Se ele não pensou, com certeza isso estava na minha cabeça. Aquele olhar foi o que me fez escolhê-los.

Voltamos para o hotel.

Assim que entramos no quarto, ele me prendeu à parede e me beijou. Seu beijo foi intenso e me deixou entregue e pronta. Minhas mãos se embrenharam em seus cabelos e o puxei para mais perto, aprofundando ainda mais nosso beijo.

Suspirei deliciada quando senti que ele abria meu jeans e metia a mão dentro. Abrindo meus lábios, escorregou o dedo e o meteu dentro de mim. Me apertei em volta dele e estremei.

Sua língua e seu dedo começaram a me foder, devagar e profundamente, me tirando do sério.

—Geme, Pequena. — A voz dele, autoritária me excitou e senti minha umidade aumentar, banhando seu dedo e outro se juntou a ele. Apertei meus seios contra seu peito. Comecei a rebolar em sua mão, gemendo baixinho em sua boca implacável.

Deus, eu beijaria aquela boca eternamente. Meu Dr. Tentação sabia beijar!

Sua boca percorria minha pele, meu pescoço, mordiscando meu queixo, enquanto me comia com os dedos.

—Amor...

—Diz, Pequena.

—Eu preciso... de seu pau dentro de mim. — Gemi sem fôlego. Estava quase gozando, mas queria gozar com ele metido bem fundo, dentro de mim.

—Me diz... como me quer

—Te quero fundo, forte! Vem amor, me fode... por favor... agora... eu preciso. Ahhh GUI!

Ele mexeu os dedos dentro de mim, me fazendo estremecer e gritar de prazer.

Tirou os dedos de dentro de mim e murmurei em protesto. Eu estava tão alucinada que queria tudo. Aquela sensação de vazio era frustrante.

Abaixou minha calça junto com a calcinha e abriu seu zíper.

Apoiou as mãos em minha bunda, me levantando e me abaixou em seu pau, de uma só vez, fazendo-nos gritar com a sensação.

—Prende as pernas em minha cintura. — Ordenou e eu obedeci.

Seus dedos vagaram pela minha bunda, acariciando e chegando aos nossos sexos, acariciando-nos. Senti que ele espalhou minha umidade até minha bunda e pressionou um dedo em meu cuzinho, que piscou ao contato.

Ele gemeu e seu gemido rouco me levou à beira do orgasmo. Ele não deu trégua e senti quando a ponta me penetrou. Um fogo me consumiu e arfei, encostando a cabeça na parede.

Nossa!

Tesão puro me consumiu.

Gemi alto, extasiada.

Quando seu dedo saiu e entrou de novo, mordi meu lábio, me segurando.

—Quer que eu pare? — Ele sussurrou em meu ouvido.

Parar? Nunca!

—Não, amor. Põe mais. Quero mais, quero tudo.

Ele encostou a testa na minha e fechou os olhos, diante do que falei. Seu pau tremeu dentro de mim.

—Mais amor, mais rápido. Mete em mim. Sem dó.

Ele estremeceu todo e gemeu, seu dedo ia mais rápido em minha bunda e seu pau, mais fundo em meu sexo, me fazendo delirar de prazer.

—Diz, amor. Diz o que eu amo ouvir.

Ele me olhou, nossos olhos se prenderam.

Ofegante, ele ordenou:

—Pequena, prepare-se.

Sorri e me segurei mais forte em seus ombros.

Ele meteu o dedo, fundo em minha bunda, e começou com seus movimentos fortes, rápidos e super profundos, me levando à um êxtase intenso, gritando e convulsionando em seus braços. Sentia cada contorno de seu pau dentro de mim, enquanto meus músculos internos se contraíam fortemente em volta dele.

—Ah Pequena, vou gozar! — Então, com um grunhido animal, senti ele se derramando dentro de mim.

Ele continuou metendo em mim, mesmo após ter gozado intensamente.

—Adoro meter em você. Quente, molhada e apertada. Meu paraíso. — Sussurrou em minha boca. Sorri, satisfeita.

Sem sair de mim, me levou para a cama.

—Descansa, para mais tarde.

Me aninhei em seus braços e adormeci...

Não sei quanto tempo eu dormi.

Despertei com o barulho da câmera do celular.

Sorri.

Meu Dr. Tentação Britadeira Pervertido estava tirando fotos!

—Vamos, Bela Adormecida. Um banho, um jantar e vamos nos acabar, de tanto dançar.

Ele me pegou no colo e me carregou para o banheiro.

Amava o jeito dele me carregar. Me sentia protegida e amada. E eu via, em seu olhar, a satisfação que ele sentia em fazer isso.

Deixei que me lavasse.

Me excitasse, com aquelas mãos passeando pelo corpo...

Me secasse delicadamente. Era visível o prazer que ele sentia em fazer isso.

Quando ficamos prontos, eu estava tão excitada que, jantar e dançar eram as últimas coisas que se passavam por minha cabeça. *Esse homem me deixa pegando fogo.*

Fomos a uma cantina Italiana e comemos uma lasanha. Hoje a comida tinha outro sabor e eu estava faminta. Como no almoço, ele ficou me olhando comer, com um sorriso no rosto.

Depois fomos à um barzinho, com música ao vivo. Os caras tocavam muito bem.

Gui pediu uma cerveja e eu uma caipirinha de Vodka.

—Caipirinha? Pequena, você tem certeza?

—Sim, Gui. Vou comemorar com você. — Ele não ficou muito feliz com isso, mas não me impediu. Ficamos sentados, lado a lado, de mãos dadas, bebendo e conversando. Acabei com minha caipirinha e me senti meio tonta, mas estava feliz, rindo das bobagens do Gui.

—Vamos dançar, Pequena.

Me levantei e agarrada à mão dele, fomos para a pista. Eu me sentia leve e com um fogo do cacete. Quando ele colou o corpo ao meu, eu não pensava em mais nada, a não ser fazer ele ficar tão doido quanto eu.

Enquanto dançava, me roçava nele. Meus seios em seu peito, minha barriga em sua ereção... Eu não dava trégua e na segunda música ele já estava ofegando de leve e me olhando com aqueles olhos de lobo, querendo me comer.

Puxei-o para mim e nossas bocas ficaram a centímetros uma da outra. De leve, percorri os lábios dele com a língua, chupando o inferior. Com um gemido necessitado, ele atacou minha boca, suas mãos, até que enfim, percorreram meu corpo. A pista estava cheia e à penumbra. Aproveitando-se disso, ele vagou a mão para baixo da minha saia.

—Continue com essa provocação, Pequena. Continue e vai pagar caro, aqui mesmo, no meio dessa gente toda. Te faço gozar aqui. — Seus olhos demonstravam seu tesão... sua boca, quando se apossava da minha, demonstrava seu tesão... seu pau, pulsando em minha barriga, ataçava o *meu* tesão.

—Continue a me beijar assim, dançando desse jeito comigo, meu Dr. Tentação, que não será necessário nem que me toque para eu goze. Estou louca de tesão, de vontade de você. — Disse me esfregando na mão dele, ao ritmo da música.

—Meu Deus, eu criei um monstro. — Voltou a possuir minha boca. Sua mão saiu de baixo da minha saia, subindo pela minha cintura, me abraçando forte. Disfarçadamente, me enganchei em sua perna, dançando e me esfregando em sua coxa.

—Rafaella, não me provoque. — Sua voz imperativa me arrepiou e estremei. Meu nome, dito daquele jeito... Um fogo subiu pelo meu corpo, senti meu clitóris latejando e minha umidade crescendo... Gemi em sua boca.

—Jesus, Ella! — Ele parou de dançar e me puxou pela mão. Chegamos ao bar e ele estendeu a mão para o barman.

—Henrique, a chave.

—Sim, Senhor Santos.

Chave?!?

Estarrecida e muito, muito excitada, vi o barman colocar uma chave negra na mão do Gui.

—Você pediu por isso, Pequena. Eu não esperava usar isso tão cedo com você. Venha.

Me puxou até a porta, ao lado do palco e entrou, me levando com ele.

MEU DEUS!

Capítulo Quatorze

Eu olhava para tudo, estarecida.

À minha frente, casais se beijavam, e se tocavam sem o menor pudor. Gui apertou de leve minha mão, me tranquilizando.

Tesão...

Fogo...

Olhava para os casais se pegando pelo corredor e tudo se apertava dentro de mim. Meus olhos se acostumaram com a semi-escuridão do lugar e percebi que não era só um corredor... Havia várias cortinas pelas paredes.

Gui, atento em mim, percebeu meu olhar. Parou em frente a uma delas e abriu.

Lá dentro, três pessoas se acariciavam.

MEU DEUS!

Ele se abaixou e me beijou de leve.

— Bem-vinda, Pequena. — Largou a cortina e continuou a me levar pelo corredor.

Mais à frente havia portas, no lugar das cortinas. Ele abriu uma delas e me espantei com a decoração do lugar. Parecia com o consultório dele. Apenas lembrava. A luminosidade fraca, deixava tudo com ar de sonho. Ali dentro um casal brincava de médico e a mulher gemia, enquanto o homem a examinava intimamente.

Gui fechou a porta e mais a frente abriu uma outra. Nessa, o cenário era diferente. Prosseguimos, enquanto ele abria várias portas e me mostrava o interior. Em cada uma um cenário diferente, casais, trios e grupos realizavam suas fantasias por ali.

Eu estava tonta de tanto tesão. Sentia minha excitação escorrendo pelas pernas, pensando no que me aguardava.

No final do corredor, paramos em frente de uma porta negra como a chave dele. Ele colocou a chave e girou.

Engoli em seco.

Meu corpo tremia de leve, tamanha era minha excitação.

Antes de abrir a porta ele se virou para mim e me olhou nos olhos. Ah... aquela cara!

—Confia em mim? — Incapaz de falar qualquer coisa, apenas assenti. —Feche os olhos, Pequena.

Obedeci e fechei meus olhos. Ele me pegou no colo e entrou comigo. Escutei a porta se fechando e ele trancando.

—Bem-vinda, ao nosso quarto do prazer. Abra os olhos. — Ele sussurrou em meu ouvido, mordendo a pontinha.

Respirei fundo, me segurando para não gozar. Abri meus olhos, devagar, encontrando os seus, bem próximos aos meus.

Uma luz tênue, direcionada apenas para as paredes, iluminava o quarto de paredes negras. Ele me colocou no chão e me virou, de frente para o quarto.

Meus joelhos fraquejaram ao me deparar com tudo aquilo.

Gui riu baixinho e me abraçou mais forte pela cintura. Sua mão subiu, me amparando contra ele e agarrou meu seio, apertando o mamilo entre os dedos.

—Hoje, você é minha menina. Você quer isso? — Ele disse, lambendo meu pescoço.

Gemi em resposta e senti seu sorriso em minha pele.

—Responda.

—Sim. — Consegui falar baixinho.

Ao meu lado, havia uma armação de ferro, em forma de X, com as extremidades e o centro, estofados em couro negro, com amarras pendendo em todas as extremidades... do outro um espelho tomava a parede e, do teto próximo ao espelho, pendiam correntes.

À minha frente, uma cama com dossel, estava arrumada com lençóis brilhantes e negros. Algemas, ligadas a correntes, descansavam em cada canto. Ao lado da cama, havia uma prateleira de onde pendiam vários tipos de chicotes, palmatórias, máscaras, vendas e mordanças. Em cima dela, vários brinquedos sexuais, de todos os tipos, cores e tamanhos.

—Todos são novos. Mandei que comprassem para você.

Meu corpo tremia incontrolavelmente. Estava louca por tudo aquilo.

Tentei falar, mas minha boca tremia. Passei a língua pelos lábios e olhei para ele. Em meu olhar, mil perguntas.

—Esse bar é meu e de Bruno. Essa parte é restrita. Apenas um grupo seleta sabe sobre ela. Relaxe e não se assuste. Esse, sou eu.

—Não estou tremendo por estar assustada, Gui. Estou excitada e louca para ser sua menina. — Minha voz, vinda não sei de onde, estava rouca e sexy, mal a reconheci. Ele sorriu, aquele sorriso safado e seus olhos faiscaram. —Tem carta branca. Confio em você, com a minha vida.

Então ele girou comigo e me mostrou a parede atrás de nós. Estávamos no meio do quarto e gemi ao ver o balanço pendendo do teto. No outro lado havia uma mesa retangular, forrada com couro preto, que parecia ser acolchoada. Sobre ela, uma calça de couro negra!

—Esse será nosso canto do prazer. Só nosso. Quando quisermos brincar, viremos pra cá.

Em um canto, sozinha e destoando completamente do ambiente, estava uma cadeira de madeira. Respirei fundo ao vê-la.

—De todo o quarto, o que te fez suspirar foi a cadeira. Você sabe para que ela serve?

Olhei para ele e confirmei com a cabeça.

—Você foi uma menina má? — Ele me perguntou e meu corpo ficou ainda mais trêmulo em seus braços. —Quer ser castigada?

Arregalei os olhos e entrei em seu jogo.

Neguei.

Ele percebeu minha mudança e sua postura também mudou.

O jogo estava começando.

Ele me soltou e sentou-se na cadeira.

—Em meus joelhos, de bunda para cima.

Suspirei e tentei me controlar. Estendeu uma mão e me apoiei nele. Afastou as pernas e me deitei ali. Meu tronco ficou pendendo, meio que apoiado em uma de suas pernas e minha bunda, empinada em seu colo.

Gemi, deliciada com o contato de sua mão em minha coxa, levantando meu vestido. Eu sabia, apesar de não poder ver, que ele estava olhando minha bunda. Sua mão puxou minha calcinha, enfiando-a ainda mais.

—Tão linda! Vai ganhar seis tapas, nessa bunda de coração. Vou deixar ela vermelha. — E então veio o primeiro tapa. Arqueei o corpo e a dor pinicou minha pele. *Realmente eu não regulo muito bem.* Senti que ele acariciava onde havia batido e logo veio o próximo tapa, do outro lado. Ele acariciou e puxou minha calcinha,

rasgando-a. Abriu um pouco minhas pernas, tocando e abrindo meus lábios.

—Pequena, você é realmente uma menina má. Está toda molhada pra mim. — Seus dedos acariciaram meu clitóris enquanto a outra mão, descia com força em minha bunda.

Gemi alto e ele espalhou minha umidade até meu ânus. Estremeci e segurei o orgasmo que queria me consumir. Outro tapa se seguiu e então ele meteu os dedos em mim. Um em meu sexo e outro no meu buraquinho de trás. Começou a me foder com os dedos, duplamente.

Eu gemia à cada estocada de seus dedos. Mais um tapa se seguiu e quase enlouqueci de prazer.

—Goza, Pequena. Dê pra mim. Goze em meus dedos.

Seu sexto e último tapa me atingiu forte e gozei, com um grito de puro êxtase.

Gui me pegou nos braços e me levou para a cama. Abaixou as alças do meu vestido e abocanhou meu mamilo, chupando e mordiscando.

Eu arfava, me recuperando do orgasmo devastador que experimentei com os tapas.

Sua boca escorregou pelo meu corpo e, se detendo em meu umbigo, ele enfiou a língua. Estremeci.

Meu tesão não dava trégua e a tonturinha da caipirinha me deixava mais safada.

Gui pegou meu tornozelo e prendeu uma algema nele. Repetiu o mesmo com minha outra perna... puxou e ajustou as correntes, para me manter imóvel e aberta para ele.

—Fique sobre os cotovelos e observe. Vou te saborear, Pequena. Adoro teu sabor... — Chegando com o rosto perto do meu sexo, ele inspirou. —Seu cheiro me embriaga. Sou viciado em você. — Sua língua saiu para me cumprimentar.

Tocou minha pele e me arrepiei.

Com os dedos ele abriu meus lábios, expondo meu clitóris à sua exploração. Devagar ele lambeu, chupou, mordiscou e assoprou. Com o fogo crescendo em mim, gemidos escapavam, sem controle. Agarrei meus seios, apertando os mamilos como ele faria.

Deus, eu ia enlouquecer!

Com o orgasmo apontando em meu corpo, minhas pernas queriam se fechar, mas era impossível.

Ele estendeu o braço e alcançou um dos brinquedos e colocou devagar dentro de mim. Ele era fino e estranho, mas com a minha excitação no limite, eu não me importei. Ele deu uma lambida molhada em minha bunda, levantou a cabeça e me olhou.

Retirou o brinquedo de dentro de mim e o escorregou até meu buraquinho traseiro. Brincou com ele por ali, rodeando e pressionou, entrando a pontinha. Sua outra mão foi para meu clitóris, circulando-o. Seus olhos presos em meu rosto.

Eu arfava, louca de tesão. Ele pressionava e retirava um pouquinho, entrando mais a cada tentativa, até que entrou todo.

—Agora vou te foder, Pequena. — Abriu a calça, retirando seu pau lindo e duro para fora. Ajoelhou-se na cama e elevando meu corpo, me penetrou devagar.

O brinquedo em minha bunda e ele se enfiando em mim... Fechei os olhos e mordi o lábio. Não existia sensação melhor no mundo!

Ele se meteu todo. Saiu devagar, deixando a pontinha, e me olhou.

—Eu não posso mais me segurar. Vou foder você com força. Me avise se for demais. — E se meteu todo de uma vez, me fazendo gritar de prazer.

Ele ia tão fundo! Me pressionei contra ele e rebolei, fazendo com que ele gemesse alto. Suas mãos me apertaram o quadril e me puxaram de encontro as suas estocadas poderosas.

Abri a boca, pedindo um beijo. E lá veio ele.

Apoiou os cotovelos na cama, me prendendo entre seus braços, tomando minha boca, possuindo e absorvendo meus gemidos.

Me contorcia, rebolava e gemia. Estava completamente fora de mim.

—Pequena... — Nossos olhos se prenderam e ele sorriu, com cara de safado. — Prepare-se.

Meu Dr. Britadeira!

Seus movimentos aceleraram e o orgasmo gigantesco tomou conta de mim. Gritei seu nome, chorando de prazer. Ele mordeu meu ombro e gozou, o calor dele se espalhando dentro de mim.

Devagar ele voltou a se ajoelhar, retirou o brinquedo da minha bunda e soltou meus tornozelos, massageando.

—Pequena, bem-vinda ao meu mundo. — Ele disse, me beijando o nariz e limpando minhas lágrimas.

—Nunca senti uma coisa assim.

—Eu sei. Venha cá. — Se deitou, me puxando para ele. —Estou aqui pra você, Pequena. Vou cuidar de você, te amar e te satisfazer. Sempre. Descanse, minha Pequena. Te amo, mais que a vida.

—Também te amo, muito, muito, muito! — Saciada, como nunca antes em minha vida, relaxei e ainda de sapatos e com o vestido embolado em minha cintura, adormeci em seus braços.

Capítulo Quinze

Minha Pequena só me surpreende!

Juro que achei que ela ficaria surpresa com tudo aquilo, até um pouco amedrontada, mas nunca achei que ela ia se excitar com a cadeira de castigo. Não com tantas possibilidades.

Com certeza Ella era a mulher perfeita para mim. Há tempos não me sentia tão satisfeito e feliz.

Cheguei mais perto de seu corpo. Corpo esse que agora me pertencia. Eu a tinha de corpo e alma. Minha.

Como queria poder dar a notícia a ela. Mas não podia, eu havia prometido. Suspirei, pensando no futuro.

No nosso futuro, juntos.

Meu celular tremeu, despertando. Já era hora de voltarmos para o hotel. Passando os dedos pelo cabelo dela, a chamei.

—Bela adormecida... acorde. — Sacudi levemente seu corpo.
—Vamos Pequena...

Ella resmungou alguma coisa, me fazendo sorrir.

—Vamos... acorde, temos que voltar para o hotel.

Seus olhos se abriram devagar e um sorriso surgiu naquela boca linda.

—Está bem, já acordei. Quando voltaremos pra cá?

—Quando você quiser. — Seus olhos brilharam. —E eu puder.

—Está bem. Então assim que você puder, me avise. Quero provar tudo aqui.

—Meu Deus! Vamos provar de tudo aqui sim, meu monstrinho insaciável.

Ela riu. Seu riso tomou o quarto e tudo o que eu mais queria era fazê-la provar de mais coisas. Mas eu já havia abusado muito dela hoje. Mesmo com os cochilos e toda a comida. Não podia me esquecer da condição da minha Pequena.

—Vamos então. Prometo que voltaremos logo.

Nos levantamos e eu ajeitei o vestido dela. Quanto a calcinha, essa ia para a coleção. Fui até a cadeira e, juntando os pedaços, coloquei no bolso.

—Você está guardando minhas calcinhas destruídas?

—Aham. Todas bem guardadinhas, junto com as fotos. Em meu cofre. Estão bem protegidas.

Ella riu novamente. Minha Pequena estava feliz e isso me fazia muito mais feliz.

Gui tinha me deixado em casa há apenas algumas horas, mas já sentia uma falta tremenda dele.

Deitei-me e fiquei lembrando da noite anterior. Aquilo tudo parecia ter saído de um sonho meu. Sempre tive um desejo secreto de conhecer um lugar como aquele.

E o quarto? Tudo perfeito. Me senti tão bem lá. É, uma coisa era certa. Ele era perfeito para mim. Cada detalhe dele. Suspirei, completamente apaixonada.

Cida fez uma comida deliciosa hoje. Comi muito bem. Meu Dr. Tentação ficaria orgulhoso.

Após o almoço, peguei meu *note* e me perdi no mundo da fantasia, escrevendo meu livro.

De repente, um movimento me chamou a atenção e olhei para a porta do quarto. Lá, meu lindo me olhava, com cara de apaixonado.

—Oi, Pequena. Você fica tão bonita assim, perdida em pensamentos e escrevendo. Seus dedos voam pelo teclado.

Coloquei o *note* de lado e estendi os braços para ele, que veio se deitar ao meu lado.

—Que coisa boa ter você assim, na minha cama. — Disse, me aconchegando ao seu peito.

—Hoje, podemos ficar sossegados. Theo tentou te ligar, para avisar que iria dormir na casa da Pam, mas você não atendia. Então me ligou e pediu para que te avisasse. Achei que iria gostar que eu passasse a noite com você. O que acha?

—Uma ideia deliciosa. —Falei beijando seu peito. Era ele chegar perto de mim, o fogo me consumia.

—Certo, mas você precisa descansar pequena. Abusamos muito ontem. Só curtir e dormir.

—Só um pouquinho? Uma vez só... — Fiz carinha de gatinho carente.

—Quem sabe, se você se comportar, comer direitinho... — Ele passou a mão pelos meus cabelos. —Me preocupo muito com você, Ella. Te quero bem, o mais saudável possível. E vou te encher o saco, para que coma direito, tome seu suco... e não essas porcarias açucaradas que tem por aí.

—Certo, eu sei disso.

Ele deu um sorriso e me beijou, rapidamente. Liguei a televisão e coloquei no canal de filmes. Nada mais gostoso do que poder ficar com ele assim, só para mim. Pensei em fazer pipoca, mas ele não iria gostar disso. Se bem que pipoca é de milho e milho é saudável. Ri de mim mesma.

—Gosto de te ver feliz assim, Pequena.

—É só ter você perto de mim. Não preciso de mais nada para ser feliz. — Levantei meu rosto, oferecendo meus lábios para um beijo. Ele me deu um selinho e ajeitou meu corpo mais perto do dele.

—O que você espera do futuro?

Caramba, essa pergunta me deixou sem saber o que dizer.

—Ah, eu procuro não pensar no futuro. Não, no meu estado. Pensar no futuro estando gravemente doente e sem perspectiva de melhora, não é uma coisa boa, Gui. Por isso só penso no agora, no presente. Se eu gostaria de casar, ter filhos e isso tudo? Claro que sim, que mulher não gostaria... mas hoje, isso não faz parte dos meus pensamentos. Fico muito feliz e agradeço a Deus a cada noite quando me deito, pelo dia maravilhoso que tive e a cada dia em que eu acordo, por estar viva.

—Uhum. Eu entendo... Mas você se casaria comigo? — Ele perguntou e me encarou, esperando a resposta.

—Gui, não sei. Não seria certo eu me casar com você estando assim...

—Ei, eu te amo do jeito que você é. Se está doente ou não, não me importa. Eu te amo e quero você comigo, seja como for.

—Sim, eu sei, mas casamento é uma coisa que se espera que seja para sempre, ter filhos, envelhecer juntos, ver os filhos crescerem, estudarem, casarem, terem seus próprios filhos e então babar nos netinhos... Casar é fazer planos para um futuro... e já te disse que meu futuro é duvidoso. Você, mais do que ninguém, sabe disso.

—Não. O que eu sei é que morro de vontade de te ter perto de mim 24 horas por dia, de saber que você é minha. Quero ter nossa casa e chegar nela após trabalhar o dia todo e ver você ali. Poder te

abraçar e te beijar, sentar no nosso sofá e assistir a um filme assim, abraçadinhos, conversando sobre nosso dia. O que tiver que acontecer, vai acontecer, mas quero que aconteça com nós dois juntos e com a minha aliança em seu dedo e meu nome no seu.

Meu Deus, para tudo! Meus olhos se encheram de lágrimas com a declaração dele. Eu também queria tudo aquilo.

—Com você falando assim...

— Quero você pra mim, só pra mim. Quero que seja minha mulher. — Ele se levantou. —Espere aqui um pouquinho.

Saiu pela porta e esperei, escutando com atenção o que ele iria fazer. Mas a única coisa que escutei foi a porta da casa batendo.

Ele tinha ido embora?

Será que eu tinha sido muito dura com ele, com esse papo de futuro?

Me levantei e fui ao banheiro lavar o rosto. Olhei no espelho e vi um rosto magro, me encarando de volta. O que ele via em mim, agora, para me querer? Enxuguei e voltei para meu quarto.

Dei de cara com ele, sentado em minha cama.

—Você me ama, Pequena? — Perguntou, estendendo a mão para mim e me puxando para o meio de suas pernas.

—Amo, Gui. Muito, muito. Sempre te amei, a minha vida toda a única coisa que fiz foi te amar. Hoje, tendo você assim, amo mais e mais.

Então ele colocou a mão atrás do corpo e, quando a estendeu em minha direção, uma caixinha preta repousava em sua palma.

—Eu te amo mais que tudo na vida Ella. Quero que seja minha mulher e mãe dos meus filhos. — Ele abriu a caixinha, revelando um anel lindo, cheio de pedrinhas. —Casa comigo, Pequena.

—Gui... é lindo! Tem certeza de que você quer se casar comigo? Sabe que mal tenho um futuro...

—Absoluta. Não me importo se você tiver apenas seis meses de vida, ou trinta, quarenta anos, desde que eles sejam ao meu lado, dividindo comigo o seu melhor e seu pior. Quero você comigo, sempre.

—Então sim, amor. Eu quero casar com você e quero tudo isso que você falou! — Com os olhos marejados, Gui pegou o anel e colocou em meu dedo.

Me atirei em seus braços, o derrubando na cama, a caixinha voando longe. Rimos, as lágrimas escorrendo pelos nossos rostos. Felicidade me consumia e com certeza a ele também. Ficamos abraçados e nos beijando um tempão, até que minha barriga roncou.

—Acho que alguém está com fome. Venha, vamos comer alguma coisa. — Ele se levantou, pegando a chave do carro.

—Gui, a Cida deixou o jantar pronto. É só a gente esquentar. — O puxei para a cozinha e fiz nossos pratos, esquentando no microondas.

Pegamos e fomos comer no sofá. Claro, que para beber, ele insistiu no bendito suco milagroso. Não seria o meu Dr. Tentação se não o fizesse.

Após o jantar, lavamos os pratos e ficamos vendo TV. Quando o sono bateu, ele me pegou nos braços e levou para a cama. Tirou minha roupa, me deixando de calcinha e sutiã; tirou sua roupa também e se deitou ao meu lado. Puxou meu corpo, até que eu me encaixasse nele.

—Boa noite, minha Pequena.

—Boa noite, amor.

Ele apagou o abajur e voltou a me abraçar. Em minutos eu estava adormecida.

Capítulo Dezesseis

Guilherme acordou super cedo. Olhei para o relógio e faltavam quinze minutos para às seis da manhã. Tomou banho e se trocou. Na noite passada eu não tinha prestado atenção na mala de mão que ele trouxera para meu quarto, mas pelo jeito, ele pensou em tudo...

—Até mais tarde, Pequena. Eu te ligo. Se Theo não vier para casa hoje de novo, venho dormir com você.

—Está bem, vou esperar e torcer para que ele fique por lá.

Gui me deu um tapinha na bunda, um beijo e se foi. Era muito cedo para eu levantar, então voltei a dormir.

O dia passou rápido. E quando deu cinco da tarde, Theo me ligou, dizendo que Pam queria encontrar com nós dois hoje, que em uma hora ele passava para me pegar.

Tomei um banho e coloquei uma roupa casual, para não dizer o meu básico. Jeans, camiseta e sapatilhas.

Às seis horas, lá estava Theo, buzinando. Peguei minha bolsa e fechando tudo, entrei no carro.

—Tá moreninha, hein? Ficaram na piscina ontem? — Theo foi perguntando.

—Não, fomos à praia. — O olhei. Com certeza ele sabia da existência do bar. E pela sua expressão, ele sabia mesmo!

—Hum e vocês fizeram o quê enquanto estavam lá?

—Entramos no mar, almoçamos, passeamos no shopping, jantamos...

—E só isso? Não foram a nenhum outro lugar?

—Fomos a um barzinho depois do jantar, dançamos um pouco.

Theo bateu com as duas mãos no volante.

—Caralho! Não acredito que ele levou você lá!

—Relaxe, Theo. Somos maiores de idade. O que tem demais?
Estamos juntos faz um tempão...

—Mas, cacete, Ella! Aquilo não é lugar pra você.

—Ah, não? Pois saiba que eu adorei tudo aquilo.

—Me poupe dos detalhes, pelo amor de Deus! Saber que você foi até lá já é perturbador demais.

—Pare de ser moralista, Theo. Isso não combina com você. Não fui sozinha e nem participei dos joguinhos sexuais que estavam tendo por lá. Só conheci o lugar, muito bem acompanhada com meu Gui, que não me largou um segundo. Não faça disso uma coisa maior do que ela é.

Theo bufou e passou as mãos pelos cabelos. Não disse mais nada até chegarmos ao local onde Pam nos esperava.

Ah! O amor! Quando Theo avistou Pam, ele mudou totalmente. O senhor ranzinza sumiu, dando lugar a um bobo apaixonado. Todo o mau humor sumiu. Pam me cumprimentou e Theo a agarrou, dando-lhe um beijo, de tirar o fôlego. Fiz um “rum rum” baixinho, e eles se separaram, felizes.

Me sentei e Theo começou a implicar com o que Pam estava bebendo, mas o que eu gostava naquela mulher, era que ela não se deixava intimidar por ele.

Então, ela me passou um presente, dizendo que era dia de comemorar. Me lembrei do Gui dizendo a mesma coisa.

—Olha só! Eu ganhando presentes! Por acaso é meu aniversário e não estou sabendo? —Sorri para ela, brincando.

—Bem, de certa maneira, sim.

Abri o pacote e retirei uma camisola de algodão, simples e confortável. Olhei para ela, sem entender nada.

—Bem, eu explico. Quando fui ver o Theo no hospital, no dia do acidente e você me contou do LMA, Diana e eu nos cadastramos como doadoras. Bruno ficou cuidando de tudo, agilizou as coisas. Bem, eu sou compatível com você.

Suas palavras foram um baque enorme para mim. Tudo o que eu mais queria ouvir! Senti meus olhos se enchendo de lágrimas e então, ela estava abaixada ao meu lado.

—Bruno disse que é meio como um milagre. E você merece. — Quando ela me abraçou, não contive as lágrimas e chorei que nem criança, em seu ombro. Theo se abaixou ao nosso lado e abraçou à nós duas. Escutei ele dizendo à Pam: *"Nunca vou esquecer esse momento, passe o tempo que passar. Meu Neném dizendo que me ama, e ao mesmo tempo, descobrir que minha princesa tem uma chance de vencer essa doença terrível. Obrigado. Obrigado por fazer parte de nossas vidas, de ser a MINHA vida."* É, meu irmão podia ser romântico quando queria.

Pam, com seu jeito descontraído, se levantou e fez uma brincadeira. Paramos de chorar e começamos a rir.

MEU DEUS, que notícia maravilhosa!

Pam foi o anjo que eu tanto pedia à Deus para colocar em meu caminho. Fiquei olhando para a camisola e pensando no futuro.

Agora tudo fazia sentido!

A nossa viagem, a comemoração do Gui, sua curiosidade sobre o que eu pensava sobre o futuro e seu pedido de casamento... Ele já sabia de tudo! Eu estava alheia aos dois na minha frente, perdida no

meu mundinho particular. Olhava para a camisola e sorria feito uma boba!

Agora eu teria uma chance!

Uma chance de viver!

Viver ao lado do meu Dr. Tentação, pensar em uma vida longa e próspera, com tudo o que eu sempre quis... uma casa, filhos... vê-los crescer... Nossa!

—Pam, faço minhas as palavras do meu irmão. Obrigada por estar em nossas vidas. Obrigada, obrigada, obrigada! — A abracei outra vez e por pouco não recomeçamos com a choradeira.

Com o descanso da quimio, meu apetite estava voltando. Tudo estava muito gostoso! O pãozinho, as costelinhas apimentadas... Humm, de lambar os dedos!

Na saída, Theo me disse que iria passar a noite com a Pam, se não tinha problemas para mim. Ri por dentro, mas não deixei que ele percebesse meu alívio por saber disso. Eles então me levaram até em casa e se foram.

Ainda do lado de fora, mandei mensagem para o Gui, dizendo que já estava em casa. Abri a porta e dei de cara com ele, parado no meio da sala, com um buquê de rosas lilases nas mãos.

—Bem-vinda, Pequena! O que acha do futuro agora? — Perguntou com um sorriso enorme nos lábios.

Ele abriu os braços e corri para abraça-lo, me agarrando em seu pescoço e ele me beijou. Ah! Nossa senhora das calcinhas molhadas, que beijo!

Capítulo Dezessete

Dormir agarrada com meu Dr. Tentação por três noites seguidas, em minha cama, foi delicioso. Hoje, Theo avisou que traria Pam para casa, pois ela tinha saído com uma amiga... Então, quando contei para o Gui, ele pediu para que eu fosse ao seu apartamento e dormisse com ele.

Quando falei para o Theo que iria dormir no Gui, ele ficou meio aborrecido, mas logo aceitou e em seguida, saiu com o Bruno. Ai ai, ele estava com uma cara quando saiu, que Meu Deus... Seria bom mesmo estar longe quando ele chegasse com a Pam. Meu irmão é a pessoa mais generosa da face da terra, mas quando se irrita, sai de baixo.

Pouco tempo depois, Gui chegou e fomos para a casa dele. Confesso que eu estava com algumas ideias para essa noite, pois desde que voltamos da praia, nós estávamos sem fazer amor. Meu fogo estava no limite. Gui era muito controlado, mas hoje eu quebraria esse controle.

Chegamos em seu apartamento e ele levou minha mala de mão para seu quarto. Me sentei no sofá e liguei a TV. Fiquei zapeando pelos canais, até encontrar um canal de filmes. Hum... 9 e ½ semanas de amor. Eu amava esse filme, na minha adolescência.

Ele veio se sentar aos meus pés. Tirou minhas sapatilhas e puxou-os para o colo e começou a massagear... Isso era tão bom, que deixei escapar um gemido. Suas mãos subiram, massageando minhas panturrilhas, o calor se espalhando pelo meu corpo.

Por todo lugar em que ele passava as mãos, minha pele latejava. Eu era uma massa de músculos amolecidos e ardentes, esparramada no sofá, à mercê das mãos quentes dele, que agora massageavam meus joelhos. Fechei meus olhos. As imagens da TV, aliadas as mãos dele em meu corpo, não ajudavam em nada para aliviar meu tesão, bem pelo contrário, só me deixavam querendo mais e mais.

Meu vestido não foi barreira para suas mãos, que subiram mais, massageando minhas coxas. Seus dedos varreram o elástico da minha calcinha e gemi. Começou a música de *Bryan Ferry, Slave to Love* e seus dedos passaram por baixo do elástico, tocando a pele úmida do meu sexo. Abri as pernas para ele, sem que me pedisse.

Guilherme gemeu.

—Pequena, o que vou fazer com você? Toda molhada pra mim... Amo quando se entrega dessa maneira...

Gui deitou-se ao meu lado no sofá e tomou posse da minha boca. Aquela música me deixou com mais tesão. Me movi de encontro à mão dele, rebolando e silenciosamente, pedindo por mais.

Seu dedo encontrou meu clitóris e começou a circulá-lo. Senti minha umidade aumentando. Como não perder o controle com um homem desses? Gemi baixinho em sua boca. Seu beijo me enlouquecia, seus dedos, seu cheiro... Humm, meu homem era cheiroso demais.

Minha mão foi para sua ereção e apertei, fazendo-o gemer.

—Ella, você tem que guardar suas forças, tem muitos exames que vai precisar fazer antes do transplante. Começando amanhã cedo... Vamos parar por aqui. — Ele me disse, respirando fundo e visivelmente retomando o controle.

Levantou-se e sentou aos meus pés.

Fiquei sem reação, ofegante, deitada ali.

Caramba! Uma raiva danada tomou conta de mim. Como assim parar, por conta do meu cansaço?

Me levantei e saí pisando duro.

Ah! Ele iria ver uma coisa. Agora quem não queria era eu. E ele iria sofrer essa noite! Ah, se ia! Iria fazê-lo perder esse controle todo...

Peguei meu sabonete líquido, shampoo e condicionador, o hidratante e entrei no banheiro. Liguei o chuveiro e deixei a porta aberta. Arranquei a roupa e quando a água esquentou, entrei e comecei a me ensaboar, fazendo bastante espuma, para que o perfume tomasse conta do banheiro. Fiquei atenta a qualquer movimento na porta. Eu tinha certeza que logo ele viria me ver. Lavei os cabelos, caprichando no shampoo. Queria que meu cheiro se espalhasse pela casa e chegasse até ele.

Tomei meu tempo embaixo da água, aproveitando a sensação da espuma em minha pele, a água quente me acalmando. Fechei o chuveiro e puxei uma toalha para me secar.

Nisso, ele apareceu na porta e ficou olhando. Fingi que não o tinha visto e continuei me secando, depois secando o cabelo, penteando... e peguei o hidratante. Comecei a espalhar devagar pelo meu corpo todo, sob o olhar dele. Me abaixei, de costas para ele, para espalhar o creme pelas minhas pernas e escutei ele gemer baixinho. Terminei de passar e fui para o quarto, tomando o cuidado de esbarrar meu corpo nu, no dele, quando passei pela porta.

Apanhei uma camisola branca de renda, curta e coloquei por cima do corpo, sem mais nada embaixo e fui até a cozinha, com ele em meus calcanhares.

Lá chegando, abri a geladeira e para mexer ainda mais com ele, me abaixei novamente, a fim de procurar alguma coisa no fundo de uma prateleira. Puxei meu suco de graviola e servi um copo.

Guilherme parecia um bicho bravo, de tão ofegante que estava. Ri e meu subconsciente me parabenizou pela minha atuação.

Coloquei o copo na mesinha e já estava indo me sentar no sofá, quando ele me agarrou e puxou para seu colo, me fazendo montá-lo.

Tentei me soltar, sem dizer uma palavra. Ele me abraçou ainda mais apertado e aspirou meu perfume, beijando meu pescoço. Quase me rendi, mas fiquei forte, tentando escapar de seu aperto.

Aquilo tudo estava deixando-o mais excitado, o sentia pulsar no meio das minhas pernas.

—Pare, Pequena. Você é minha. Não resista.

—Foi você quem disse que eu precisava descansar. Pare você, Gui! — Tentei com mais afinco, com braços e pernas, sair de seu abraço. Isso só serviu para deixá-lo ainda mais ofegante e doido para me comer. O calor de seu pau em meu sexo, separado apenas pelo tecido da calça, estava me deixando tonta. A dureza... Ai meu Deus!

Ele prendeu minhas mãos nas costas, segurando com apenas uma mão. A outra desceu pelo meu corpo, levantando minha camisola e se metendo entre as minhas pernas.

—Você está gostando disso tanto quanto eu. Está toda molhada...

—É só porque eu tomei banho agora e não me sequei direito. Me largue, senão eu vou gritar, Gui. Você não pode brincar comigo assim.

Ele abriu a calça e tirou aquela delícia de pau para fora e ficou pincelando em minha carne molhada.

—Me solte. — Continuei me contorcendo em seu colo. Eu estava adorando aquilo e ele sabia muito bem. Com a movimentação toda, meu seio escapou do decote da camisola, ficando bem na cara dele, que não se fez de rogado e abocanhou, chupando e mordendo.

—Vou te comer, meu tourinho bravo. Aqui mesmo e agora.

Fez seu pau escorregar para minha abertura e me apertou a ele, puxando minhas mãos para baixo, entrando todo e bem fundo dentro de mim.

Pronto, a brincadeira tinha chegado ao fim e quando a boca dele tomou a minha, retribui com paixão ao seu beijo. Ele comandava meus movimentos, me puxando para ele, me deixando subir e me puxando novamente.

Estávamos fazendo um amor selvagem no sofá da sala, completamente vestidos, o cheiro de nossos corpos juntos me embriagando.

Então ele parou, metido bem fundo e me olhou. Meu sexo latejava e o orgasmo estava bem ali... Aquele sorriso safado apareceu em seus lábios.

—Pequena... — Mordeu meu lábio e continuou. —Prepare-se.

Gemi em antecipação e fechei os olhos, tentando me controlar, ou iria gozar só com suas palavras.

Ele escorregou um pouco no sofá e começou a meter forte e rápido. Muito rápido. Mordeu meu seio, me fazendo gritar de prazer.

—Goza, Pequena. Dê pra mim, goze.

Deus.... Me segurei, querendo que aquilo tudo durasse mais, mas perdi a batalha para suas estocadas violentas. Com um gemido

arrastado e rouco, gozei intensamente. Ele continuou com seus movimentos, gemendo, deliciado com as contrações de minha vagina que ordenhavam seu pau e, chamando meu nome, se derramou dentro de mim, me apertando a ele.

—Você é uma feiticeira, Pequena. Me tem nas mãos.

—Foi você quem pediu por isso. — Ri dele, dando um beijinho em seu queixo.

—Vamos comer e dormir. Amanhã cedinho você vai comigo para o hospital, começar sua bateria de exames.

Concordei e deixei que cuidasse de mim.

Na manhã seguinte, ele me acordou antes das seis da manhã. Levantei meio grogue e o segui para uma chuveirada. Sem café da manhã para mim, por conta dos exames.

Às seis e meia estávamos entrando no hospital. Ele me levou até sua sala e chamou uma enfermeira para colher meu sangue. Logo ela chegou com uma frasqueira térmica e começou a retirar coisas dos bolsos colocando em cima da mesa de exame.

Acostumada às sessões de quimio, estendi o braço e deixei que ela fizesse seu trabalho. Meu Dr. Tentação, ao meu lado, acariciava meus cabelos, beijando de leve o topo da minha cabeça.

—Te amo. — Murmurei, levantando minha cabeça, oferecendo meus lábios para um beijo. Meu lindo, mais do que depressa, me deu o que eu pedia. Um beijo leve e rápido, mas que transmitiu todo o amor e cuidado que ele tinha comigo.

Depois de coletar alguns frasquinhos, cheios com meu sangue, a enfermeira conferiu meus sinais, como pressão sanguínea e temperatura, anotou tudo e se despediu de nós.

—Agora, o eletro. Vamos Pequena, vou ficar ao teu lado o tempo todo.

Sáímos e andamos pelos corredores de mãos dadas. Eu estava feliz por esse sonho estar se tornando realidade e apreensiva pelo eletro. Tudo tinha que dar certo, todos os exames tinham que estar bons, para que eu pudesse receber a medula da Pam.

Depois de andar por alguns minutos, chegamos à sala e ele me passou um avental do hospital. Retirei meus brincos, minha gargantilha e o anel, dando para que ele segurasse.

Me deitei e a enfermeira começou a grudar uns adesivos em meu peito. Respirei fundo e com ele ao meu lado, tudo foi muito rápido, pois foquei minha atenção nele.

Recoloquei minha roupa e ele me levou para tomar um belo café da manhã. Já passava das onze, quando ele disse:

—Vou te levar para casa. Fique na cama, tome bastante suco de laranja e graviola hoje, coma carne no almoço e tudo o que for vermelho e verde escuro. Vou mandar um almoço reforçado para você com tudo o que você precisa. Tiraram muito sangue de você, hoje. Vamos ajudar seu organismo a repor isso da melhor maneira possível.

—Está bem, amor. — Concordei, pois me sentia fraca mesmo.

Em pouco tempo eu estava sendo depositada em minha cama e coberta, gentilmente.

—À tardinha eu volto, para ficar com você.

Ele me deu um beijo na testa, no nariz e na boca, colocou meu celular ao meu lado, na cama e adormeci na mesma hora.

Capítulo Dezoito

Deixei Ella adormecida, em seu quarto e fechei a porta devagar. Theo me esperava na sala.

—E aí? Como foram os exames? Tudo certo? — Theo perguntou, preocupado.

—Por enquanto, tudo bem. Vou ficar em cima para conseguir os resultados logo. Ella tem que descansar um pouco e comer bem hoje, por causa do sangue que tirou, para os exames. Vou mandar um almoço com tudo o que ela precisa, daqui a algumas horas. Ela está dormindo agora.

—Você esqueceu do chá de bebê do Rick hoje, né?

—Cacete! É hoje? Que horas?

—Às cinco e meia, mas chegue antes. Levo Ella, quando eu for. Pam já está lá, arrumando as coisas, com as outras mulheres.

—E, a gente tem que levar alguma coisa? Não entendo nada de bebês, cara.

—Olha, meu conselho é você ir em alguma loja de coisas pra bebês, dizer que você vai num chá desses e precisa de um presente. Geralmente as vendedoras sabem o que as pessoas dão nessas festas. Não esquece que são dois iguais e que eles não sabem o sexo dos gêmeos. Pam ficou na minha orelha com isso, para eu não esquecer, então estou repassando. Eu fui naquela loja, que tem no térreo do shopping. Vai lá.

—Valeu, cara. Deixe Ella dormir, tá? — Observei meu amigo mais atentamente. Ele estava inquieto. —O que foi Theo? Aconteceu alguma coisa? Por que você está suando?

—Vou fazer uma coisa hoje, importante pra caramba. Estou nervoso. — Ele me respondeu, passando as duas mãos pelo cabelo. Isso, ele só fazia quando estava quase perdendo o controle.

—Se acalme, cara. Escute. Apenas peça. Não pense nas consequências, se ela vai dizer sim ou não, apenas se empenhe para fazer o seu melhor.

—Ah, tá! E você sabe o que sobre isso?

Senti meu sorriso tomar conta do meu rosto, ao lembrar do momento em que pedi minha Pequena em casamento.

—Olhe na mão de sua irmã. Você vai ver que eu sei do que estou falando. — Me empertiguei todo. Com certeza estava na pose do pavão, me vangloriando de um feito extraordinário.

Os olhos de Theo se estreitaram em minha direção.

—Você pediu minha irmã em casamento? — Ele fez aquele tom ameaçador para mim, mas nem liguei. Minha felicidade era tanta, que o que ele pensava sobre isso não fazia a mínima diferença.

—Pedi. E depois de muito insistir, ela disse sim. — Aquele sorriso não saía do meu rosto. — Vamos ser cunhados em breve.

—Caralho, Guilherme! Eu não acredito! Você, mais do que ninguém, sabe da condição dela.

—Theo, eu a farei feliz pelo tempo que for. Se a medula não pegar e ela tiver apenas seis meses de vida, eu farei desses meses, os melhores da vida dela. E se tiver vinte, trinta anos, a farei mais feliz ainda...

—Você a ama mesmo, né?

—Sim Theo, tanto que daria minha vida por ela. Meu objetivo nessa vida, é fazê-la feliz e realizada. — Respondi a ele, com toda a sinceridade.

—Se é assim... Bem-vindo à família, em definitivo dessa vez. — Ele chegou perto e me deu aquele abraço de homem dele, ou seja, um apertão no ombro e um tapa no peito.

—Valeu, Theo. Relaxe, dará tudo certo. Até depois. — Me despedi dele com um tapinha no ombro.

Bem, aquilo não tinha sido tão difícil.

Entrei no carro e fui direto para o shopping. Caramba, comprar presente para bebês, não era a minha praia. Mas o que não fazemos pelos amigos!

No shopping, andei o andar térreo todo, até que encontrei a loja que Theo falou.

Meu Deus!

Olhei a vitrine e vi um monte de roupinhas minúsculas. Meu coração se aqueceu e, em minha cabeça, vi Ella grávida e barriguda como a Jess.

Uma certeza me invadiu!

Eu queria um filho também, com minha Pequena. A quimio podia deixar a mulher estéril, mas daríamos um jeito. Não abriria mão dela passar por essa fase tão especial.

Respirando fundo, entrei na loja.

—Em que posso ajudá-lo, senhor? — Uma vendedora, com um sorriso enorme no rosto, me atendeu.

Falei do que precisava e ela logo foi me mostrar um monte de itens.

—Faça um favor? Acho que uma cesta com dois itens de cada um desses que você me mostrou, seria perfeito. Mamadeira, chupeta, mordedor, essas coisas todas. Para presente.

A moça então fez um embrulho bem bonito e junto com a nota para pagamento, ela me entregou seu cartão.

—Se precisar de mais alguma coisa, é só me ligar. — Disse, toda sorridente.

Agradei e fui pagar. No caixa, entreguei meu cartão de débito e, depois de colocar a senha, empurrei o cartão que a vendedora havia me dado.

—Acho que deveria conversar com a sua vendedora. Junto com a nota, ela me passou um cartão com seu nome e número de celular. Isso não é ético. Obrigada.

Odeio mulher oferecida!

Além do que, sou muito bem comprometido com minha Pequena. Mas a pobre coitada não tinha como saber, já que eu não usava uma aliança. E pelo empenho dela, duvido que isso fizesse alguma diferença. O que havia com essas mulheres de hoje?

Saindo dali, passei na joalheria e comprei um par de alianças. Eu já havia pedido e dado um anel a ela, mas agora ela usaria minha aliança, junto com o anel. Se as mulheres se atiravam, o que se poderia dizer dos homens?

Mais relaxado, com as alianças bem guardadas em meu bolso, fui para o hospital. Tinha que ficar em cima, para obter os resultados, o mais rápido possível.

Pedi que entregassem o almoço para minha Pequena e me entreguei ao trabalho. Quando percebi, já estava quase na hora da festa.

Eu precisava de um dia com vinte e cinco horas!

Capítulo Dezenove

Cheguei um pouco atrasado, mas com uma ótima notícia para minha Pequena.

Fui direto para onde Rick e Jess estavam e entreguei o presente em meu nome e no de Ella.

—Hum, como estamos hein, Gui? Já entregando presentes em nome dos dois... — Jess brincou, rindo.

—Estamos noivos. — Contei, orgulhoso.

—Ai, meu Deus... e o Theo? Falou o que? — A expressão de Jess passou de empolgada, para apreensiva, em instantes.

—Conversei com ele hoje. Está tudo bem, não se preocupe. Ele também está com a cabeça meio cheia... — Olhei para Rick, que entendeu e mudou de assunto.

—O presente de vocês será muito bem aproveitado! Pelo o que li, eles vão usar muito tudo isso.

—Andou lendo livros de bebês, Rick? Caramba, como a paternidade muda um homem. — Ri da cara dele.

—Ah, seu belo filho da puta. Ria da minha cara! Quero ver quando chegar a sua vez. Sabia que se você cospe pra cima, a coisa volta e cai na sua cara? Espere e verá.

—Calma, cara. Estou só brincando.

—Eu sei que está, mas eu não. Quando chegar a sua hora eu vou te zuar também.

—Eu estava pensando nisso, hoje. Mas acho que teremos um problema, pois a quimio, na maioria das vezes, causa infertilidade.

— Comentei, meio chateado,

Jess chegou perto de mim e colocou a mão no meu ombro.

—Não fique assim. Vá conversar com Ella, eu tenho a impressão de que tem algo que vocês precisam conversar sobre isso. Vá lá... Olha, lá está ela. — Jess apontou em direção à casa da piscina, onde a maioria das mulheres estavam juntas, conversando.

—Vou lá, dar um oi para a minha Pequena. Parabéns pelos bebês. Precisando é só me avisar, que eu agilizo tudo no hospital com apenas um telefonema. — Dei um tchau com a mão para eles e me virei, indo em direção à Ella.

Cheguei por trás e a agarrei pela cintura, dando um beijo em seu pescoço. Ela se encolheu toda e se virou para me dar um beijo na boca, que me deixou duro na hora.

—Preciso conversar uma coisa com você. Vamos para um canto mais sossegado.

A puxei pela mão e fomos nos sentar, afastados de todos.

—Primeiro eu quero lhe dar isso. — Tirei a caixinha do bolso. —Hoje fui comprar os presentes, para os bebês do Rick e a vendedora foi muito, como vou dizer... atirada, cheia de sorrisos e foi logo me dando o cartão com seu nome e telefone. — Ella fechou a cara, mas não disse nada. —Então pensei que, se isso estava acontecendo comigo, poderia acontecer com você também e resolvi que precisamos mostrar ao mundo que somos comprometidos.

Abri a caixinha e retirei a aliança dela, pegando sua mão, juntei a aliança ao anel. Dei a minha aliança na mão dela e estendi a minha.

—Quer colocar em mim? — Com um sorriso gigantesco, Ella colocou a aliança em meu dedo e me abraçou forte. Seu corpo pequeno se sacudia levemente.

—Não chore, Pequena. Eu te amo. Tudo vai dar certo. — Afastei sua cabeça de meu ombro e segurando com as duas mãos, beijei de leve sua boca, enquanto limpava suas lágrimas com os polegares. —Isso me leva à notícia número dois. Fiquei no hospital até agora e em cima do pessoal do laboratório. Os resultados dos seus exames, foram bons, mas no limite. Então marquei a cirurgia para retirada da medula da Pam, para daqui a trinta e cinco dias.

Ella empalideceu.

—Já? Nossa! — Sua respiração ficou ofegante e seus olhos mais abertos.

—Calma, vou ficar com você o tempo todo. Exceto na hora da cirurgia dela, pois vai ser eu quem coletará o material.

—Eu... — Ella olhou para o chão e juntou as mãos, brincando com os polegares. —Eu vou ficar careca, Gui?

—Pequena, olhe para mim. Eu sei que você ama seus cabelos, mas cabelos crescem novamente. Você sempre vai ser linda para mim, com cabelos ou não. O que importa é você ficar boa. Te amo tanto, minha pequena. Meu amor por você é incondicional. — A abracei e deixei que ela chorasse. Era normal e até esperada, essa reação. —Ei, vamos ficar felizes, por tudo isso estar próximo ao fim, e um final feliz. — Afastei seus cabelos do rosto, colocando-os atrás da orelha. Ela mexeu na bolsa e retirou uma embalagem de lenços e secou o rosto e o nariz.

—Preciso arrumar minha maquiagem, devo estar toda borrada.

Beijei de leve seus lábios, para confortá-la. Eles ficavam tão macios quando ela chorava... sem me conter, aprofundei o beijo e ela se entregou totalmente. Caramba, isso me deixava louco de tesão.

Estava pensando seriamente em fugir com ela dali, quando escutei a voz do Theo nos auto-falantes. Uma comoção geral se seguiu, pois ele cantou e pediu Pam em casamento, no meio da festa. Rick e o filho da Jess estavam no palco improvisado, tocando, enquanto Theo se ajoelhava aos pés de Pam e fazia o pedido.

Fomos até lá, parabenizar os noivos.

—Agora sim, você está mais perto de ser minha irmã mesmo! Escutei Ella dizendo a Pam. Nos afastamos um pouco, para que as outras pessoas os cumprimentassem, quando escutei um assobio ensurdecedor. Olhei em volta e vi Pam abaixada ao lado de Jess, que suava e sorria.

Nisso, Rick chegou correndo como um louco. Havia rompido a bolsa da Jess!

Rick me olhou, apreensivo e fez um sinal afirmativo para mim, com a cabeça. Peguei o celular e liguei para a emergência do hospital.

—Oi, aqui é o Dr. Guilherme Santos, por favor preparem a sala de parto, com duas equipes de enfermeiros, nascimento de gêmeos. Paciente Jessica De Lucca Swanson, chegando em mais ou menos dez minutos. Avisem também à obstetra dela, ela está aguardando. Nome e telefone estão na ficha dela, na recepção. Obrigado.

Rick começou a distribuir ordens e pegou Jess no colo. Erick, ao seu lado, já estava com as chaves do carro na mão. Camy então, fez uma chamada geral e fomos todos em carreata para o hospital. Liguei para Bruno e avisei que Rick estaria chegando, mas ele já estava com o pessoal escalado para o parto, à espera.

Fomos para a sala de espera da maternidade e mais ou menos uma hora depois, Rick apareceu todo orgulhoso com dois montinhos

de gorro azul, nos braços.

Tive que me segurar para não chorar com a mãe e o pai do Rick. Esse momento era muito emocionante... Eu só pensava em quando fosse minha vez. Caramba, logo eu que, no ano passado só queria curtir, agora estou para casar e louco para ter um filho!

Passei a mão pelo rosto e respirei fundo. Isso não passou despercebido por Ella.

—Olha só, ficou todo bobo com os bebês. — Ela passou a mão pelos meus cabelos, bagunçando.

—É, quero ter os meus um dia.

—Então. — Ela suspirou. —Eu acho que tenho que te contar uma coisa. Quando me contaram que eu tinha câncer, a primeira coisa que me veio à cabeça foram as coisas que ouvi, sobre a quimio e radioterapia, que acabavam deixando as mulheres inférteis. Então fui a uma clínica de reprodução humana e congelei alguns dos meus óvulos. Assim, a possibilidade ainda existiria em um futuro distante. — Ella me deu um sorriso radiante. —Essa sua vontade pode vir a ser realidade.

O QUÊ?

Fiquei olhando para ela de boca aberta, apalermado.

Como assim?

—Você fez isso?

Ela confirmou com a cabeça, o sorriso crescendo ainda mais em seu rosto. A abracei e beijei com vontade. Não estava nem aí para quem estivesse perto ou olhando. Não sei por que, mas isso mexeu comigo, lá dentro.

Eu queria tanto assim ter filhos?

A resposta foi uma onda de calor em meu peito. Sim, eu queria!

—Pequena, agora temos que te deixar bem, para o transplante. Não vai ser fácil. Mas tenho fé em Deus que tudo dará certo e então, teremos nossos filhos. Juntos veremos eles crescerem, irem para a faculdade, se casarem e terem os próprios filhos.

Nos abraçamos e chegamos mais próximos ao vidro, para olhar os gêmeos.

Capítulo Vinte

Duas semanas depois, estávamos todos nos revezando e ajudando Jess com os bebês. Cuidar de gêmeos não era fácil e eu achava lindo o esforço dela em amamentar os dois. Digo esforço, porque realmente era, pois, quando um acabava de mamar no peito, ela complementava com uma mistura em pó para bebês e logo pegava o outro e repetia a operação.

Hoje eu estava de ajudante. Jess estava dormindo e um dos pequeninhos estava dormindo com ela, após mamar. O outro estava bem acordadinho e não me aguentando, peguei ele do bercinho. O aconcheguei no meu colo.

Tão pequenininho! Peguei sua mãozinha e ele apertou meu dedo. Cheguei pertinho e aspirei seu cheirinho... Existe coisa mais gostosa do que um bebezinho?

Ele me olhava, com aqueles olhos azuis, prestando atenção em mim. Então me sentei na cadeira e o segurei, entre meus braços, meio de pezinho.

—Oi, bebezinho. Sou sua titia emprestada, mas amo muito você pequeninho, como se fosse meu sobrinho de verdade. Quem é a coisa mais linda da titia? — Brinquei com ele, que mexia os bracinhos, fazendo barulhinhos, como se me respondesse, fazendo biquinho. Sempre achei besteira as pessoas fazerem voz diferente para falar com os bebês, mas era simplesmente impossível não fazer gracinha para aquelas coisinhas.

—Você gosta dessa titia bobona? É meu lindinho? — Ri e queria tanto que o Gui estivesse comigo para ver como ele tentava

conversar.

Fiquei brincando com ele e de repente subiu um cheirinho nada agradável.

Caramba, eu trocaria minha primeira fralda!

Com cuidado, me levantei e o levei até o trocador ao lado do berço. Ali tinha tudo. Separei o lenço umedecido e uma fralda, creme para assaduras... e comecei a tirar o macacão que ele usava.

Jesus, como uma criaturinha tão pequeninha podia fazer uma sujeira daquelas? A coisa vazou da fralda e estava por toda parte!

E agora?

Peguei vários lenços umedecidos e tentei limpar o que tinha vazado antes de tirar a fralda.

Ele balançava as perninhas e os bracinhos, não me ajudando em nada na tarefa de limpar todo aquele cocô. Com algum esforço tirei a roupinha dele e embolando, coloquei num cantinho. Peguei mais lenços e consegui limpar as costinhas e as pernas dele.

Abri a fralda e aquilo sim era uma sujeira total!

—Você é uma coisinha tão linda e tão pequeninho, mas realmente mostrou ao mundo à que veio hein?

Puxei minha camiseta sobre o nariz e com a ajuda de mais lenços consegui limpar ele todo. Coloquei a fralda embaixo dele e passei a pomadinha para assaduras. Eu tinha que ser mais rápida ou o bebê iria ficar doente, tanto tempo pelado, tadinho. Fechei a fralda e pegando ele no colo, fui até a cômoda pegar outro macacão e uma camisetinha.

Ele assim peladinho, parecia tão frágil em meus braços!

Achei rapidinho e o levei até o trocador novamente. Que medo de quebrar os bracinhos dele ou sei lá. Era tudo em miniatura ali!

Com mais cuidado do que tive em toda a minha vida, consegui colocar a roupa nele.

Levantei-o como um troféu!

—Viu, bebezinho? Tia Ella conseguiu! Você está cheirosinho outra vez!

—Muito bem, maninha! Isso foi legal de se ver! — A voz de Theo chegou até mim. Ele estava parado, na porta, me olhando.

—Que susto, seu praga! — Disse, abraçando o bebê.

—Ah, vem com o dindo, vem pequenino! — Ele estendeu os braços e entreguei o pacotinho a ele. — O dindo troca fralda como ninguém, né? Diz pra tia Ella, diz? Meu dindo lindo já me deu até banho, deu sim! — Theo brincava com ele e dava beijinhos no bebê.

Theo pegou a chupeta que estava no esterilizador em cima da cômoda e deu para o bebê, que logo foi fechando os olhinhos. Então ele, com uma perícia que eu ainda não tinha, o aconchegou e ninou de leve. Em minutos ele estava adormecido.

Theo se sentou na cadeira de balanço com ele nos braços.

—Ei, não vai colocá-lo no berço? —Sussurrei.

—Até parece que você não presta atenção, Ella. Se eu colocar ele agora no berço, ele acorda. Tem que ficar um pouquinho no colo, ele é assim. Alcança aquela mantinha que está no berço. Assim fica mais fácil para colocar ele lá depois, pois o calor fica no cobertor e ele não percebe.

—Está prontinho para ter os seus, hein? — Entreguei a manta e observei o cuidado que ele enrolava o bebê, sem afastá-lo de seu peito.

—Eu estou sim, mas Pam parece não estar muito empolgada. Falei pra ela que vamos com calma. Mais duas semanas e ela será

oficialmente minha mulher. A partir daí... é tentar e tentar... uma hora ela aceita. E com essas duas fofurinhas, quem não fica babando?

—É verdade, Theo, mas você tem que ver o lado dela também. É uma mulher que teve que ser independente muito cedo...

—Sei disso. E é um dos motivos pelo qual sou perdidamente apaixonado por ela. Não quero que ela vire bibelô, em casa. Ela é dona do próprio negócio, não deve satisfação a ninguém, do que faz ou deixa de fazer. Um filho iria mudar a rotina, mas mudanças são boas. Vou dar tempo ao tempo. — Ele me olhou, daquele jeito que ele fazia sempre que ia me perguntar alguma coisa séria. —Maninha, como você está com a coisa toda do transplante? Quer conversar? Sabe que estou sempre aqui pra você, seja a hora que for.

—Eu já fiquei abalada, quando Gui me deu a notícia, por eu ter que ficar careca durante um tempo. Mas ele me ama, acima de qualquer coisa e tenho certeza disso. Então estou bem. Sei que parece meio fútil da minha parte pensar só em meus cabelos, mas é o que pega, o que preocupa mesmo. Não tenho controle de nada sobre o que vai acontecer, tudo depende da genética da coisa. Só não queria, além de tudo, de ter que ficar internada e isolada, ficar feia.

Ele se levantou e colocou o bebê no berço, cuidadosamente, e veio me abraçar.

—Maninha, você é linda. E nós amamos você pelo o que você é, e não pelos seus lindos cabelos. — Me deu um beijo na testa. —Pare de besteiras. Tudo vai dar certo, confie. Você vai ficar curada e será uma titia babona, de seus sobrinhos reais.

—Você escutou essa parte também?

—Sim, a baba eletrônica estava ligada e eu escutei tudo lá de baixo.

Ah! A babá eletrônica! Ri baixinho e me abracei a ele.

—Pode ter certeza que serei. Vou treinar com os bebês do Rick e serei uma tia exemplar para seus rebentos!

Sáímos devagar e encostamos a porta.

É, se Deus quiser, tudo dará certo. E eu confio nisso .

Capítulo Vinte e Um

À noite, deitada com Gui em sua cama, eu fiquei pensando... Ele estava tão empenhado na minha nutrição e bem-estar físico, que tinha medo de me cansar.

Isso incluía o sexo.

A última vez que fizemos amor, foi bom, mas uma coisa morna, sem aquela parte selvagem e deliciosa que eu tanto amava. Nada de "Pequena, prepare-se". Que saudade que eu estava de escutar ele dizendo isso, com aquela voz cheia de tesão...

—Gui, posso pedir uma coisa? — Perguntei, acariciando seu peito.

—Claro que pode. — Ele se ajeitou e virou para mim, me encarando.

—Quero ir ao bar, antes do transplante. Quero sentir você puxando meus cabelos, enquanto mete em mim, bem fundo e rápido.

A expressão dele mudou e senti seu pau pulsando de encontro ao meu corpo.

—Pequena, você tem que estar bem e descansada...

—Eu sei que vou ficar sem um fio de cabelo por um tempo. Quero uma boa lembrança e recente. — Não pude evitar que um sorriso safado aparecesse em meu rosto.

—Hummm... Uma viagem até a praia e depois o ambiente do bar, seria muito cansativo pra você. Vou pensar em alguma coisa. Agora durma, Pequena.

Ele ficou acariciando meus cabelos até que adormeci.

Não sei quanto tempo eu dormi, quando senti a boca de Gui na minha. Sem querer saber que horas eram ou o porquê, me entreguei ao beijo, arqueando o corpo como uma gata, querendo proximidade, pele com pele.

Foi quando percebi que eu estava nua.

Mas... hein?

Seu pau duro em minha coxa, me tirou qualquer dúvida da cabeça. O fogo me consumiu, os dedos dele acariciavam de leve meus seios, como asas de borboleta, fazendo com que meus mamilos se enrijecessem.

Um gemido escapou de minha boca quando a dele escorregou pelo meu rosto, mordiscando o caminho até meus mamilos.

Ele observava minhas reações, seus olhos ardendo de desejo. Suas mãos que acariciavam tão de leve, ficaram mais brutas, apalpando a pele, apertando meu mamilo enquanto sua boca tomava o outro, chupando forte, me deixando louca de tesão.

Meu corpo parecia ter vida própria, tremendo e se arqueando em direção a ele. Quase gozei quando ele mordeu a pontinha do meu mamilo. Quando ele repetiu o gesto no outro, gritei enlouquecida. Ele era tão bom no que fazia! Sua mão deixou meu seio e se encaixou entre minhas pernas, apertando meu sexo, apalpando.

Sua boca em meu seio não dava trégua e eu nem queria que desse... queria mais, mais e mais.

Um dedo se aventurou em meu sexo, encontrando meu clitóris. Com a pressão e delicadeza exatas, ele circulou, acariciou meu botãozinho, fazendo tudo dentro de mim se contrair.

Sua boca passeava no caminho entre meus seios, colo e pescoço, sugando a pele, de leve. Tomou minha boca com paixão. Nossas

línguas dançando um balé erótico só delas.

—Te quero tanto, minha Pequena. Te amo tanto. — Sussurrou em meu ouvido, contornando-o com a língua.

Me arrepiei toda, gemendo deliciada.

Meu clitóris latejava, minha vagina pulsava, sentia a umidade aumentar e a tensão começou a tomar conta do meu corpo. Eu ia gozar, só com o dedo dele me acariciando.

—Quer gozar? — Assenti com a cabeça, emitindo um murmúrio baixo, que nem eu mesma entendi. —Ah, pequena... não vai não. Não agora.

Então ele fez uma coisa que nunca tinha feito antes. Agarrou meus cabelos e minha nuca, me fazendo ajoelhar na cama.

Uau!

Ficou de pé ao lado da cama e pegou uma caixinha na mesinha de cabeceira. Colocou um pouco daquilo na ponta de seu pau.

—Você tem que estar bem alimentada... Esquecemos da sobremesa.

Caramba! Olhando para ele, coloquei a língua para fora e lambi. Ai Meu Deus... era leite condensado! Contornei a cabeça de seu pau, tirando todo o doce com a língua, fazendo-o gemer e estremecer.

—Mais... — Sussurrei. Meu tesão era tanto que minha voz estava rouca e sentia minha umidade escorrendo em minha coxa.

Ele apertou a caixinha e agora uma quantidade maior do doce escorreu pelo seu comprimento. Ele segurava meu cabelo e restringia meus movimentos, mas permitiu que me abaixasse para lambar toda a base. Sem me conter mais, lambi todo seu comprimento, enfiando a ponta na boca e chupando mais forte.

Gui estava para perder o controle, então eu o tomei dele, agarrando-o pela bunda, fazendo com que entrasse todo na minha boca. Ele gemeu alto e eu me arrepiei com o som rouco. Ele tentou me puxar para trás, para liberar seu pau, mas fiquei firme, agarrando-o e chupando, brincando com a língua em toda a extensão... Deixava que ele pensasse que eu ia largar, tirando-o um pouquinho e o apertava contra mim novamente.

—Pequena, não quero gozar na tua boca. Pare.

Ele dizia as palavras, mas seu corpo me dizia outras... Seus movimentos de quadris, entrando e saindo de minha boca e sua mão em meus cabelos, me dizia que ele queria e muito!

Continuei assim, deixando sair e entrando fundo. Gui gemia baixinho. Me afastei um pouco, só lambendo, para olhar o rosto dele.

De olhos fechados, Gui jogou a cabeça para trás. Seu peitoral estava todo contraído, seu abdômen trincado estava brilhando, coberto por uma fina camada de suor.

Ah! Eu o queria dentro de mim!

O larguei e me virei de bunda para ele, me apoiando nas mãos. Era um convite mudo, que ficou mais evidente quando rebolei devagar.

—Pequena, sabe o que está me pedindo?

—Sei. E quero você, todo dentro de mim. — O olhei por sobre o ombro e vi meu amor, em seu estado mais cru e selvagem. Seus olhos cinza, brilharam na semiescuridão do quarto.

Pela minha ousadia, ganhei um tapa na bunda, rápido e estalado.

Senti sua língua em minha bunda e quase desabei na cama. Sua língua era macia e firme, me lambendo e estremeci da cabeça aos

pés quando a língua dele forçou entrada em meu ânus. A sensação era intensa e proibida... Deliciosa.

Ele me abria com as mãos e me lambia com fome, grunhindo como um animal faminto. O quarto estava tomado por gemidos baixos. Eu, assim como ele, não conseguia contê-los.

Quando meu corpo começou a tremer incontrolavelmente, ele se ajeitou para me penetrar. Achei que ele ia comer minha bunda, mas não, quem entrou ali foi seu dedo, enquanto ele se enterrava em mim.

Fundo.

Forte.

—Gui, mais... mais rápido... — Um novo tapa e gritei. —GUI!

Ele pegou o leite condensado e despejou um pouco em minha bunda. Senti o líquido escorrendo e mais um dedo me penetrou. Me apertei contra ele, querendo mais.

Implorando por mais.

Seus dedos entravam e saiam de minha bunda, enquanto seu pau fazia o mesmo em meu sexo.

—Vou comer essa bundinha deliciosa.

Seus dedos me deixaram e seu pau se encostou em meu cuzinho, que se contraiu todo com o toque.

Eu estava tão excitada, já aberta pelos seus dedos e escorregadia do leite condensado, que não senti nada além de uma sensação de plenitude, um preenchimento total e me senti absoluta e irrevogavelmente dele.

Ele se meteu todo em mim e gemi deliciada, encostando o rosto no colchão, me empinando para ele, numa entrega total.

Ele foi saindo devagar... entrando devagar...

Eu queria mais!

—Mais Gui... — Comecei a me balançar de encontro a ele, aumentando a velocidade em que ele me comia.

Ele se abaixou, sobre minhas costas e me agarrou os cabelos, virando meu rosto para ele. Grudou sua boca na minha, num beijo possessivo e devastador.

O tremor em meu corpo aumentou. Ele arrastou a boca até meu ouvido e sussurrou.

— Pequena, prepare-se.

Gemi arrastado... AAhhhhh... Era aquilo que eu tanto queria... Mas será que eu aguentaria?

Sua mão passou pela minha barriga, procurando até encontrar meu clitóris, e então meu Dr. Britadeira chegou! Metendo rápido e fundo, ele me levou a um êxtase arrebatador.

Sem fôlego, um grito escapou de mim e meu corpo convulsionou embaixo do dele.

—Pequena... Você.... Me.... Mata.... De tesão. — Ouvei ele dizer enquanto se metia em mim, outra e outra vez, aproveitando ao máximo as contrações de meu corpo

—Ahhh... que delícia Pequena... eu vou... uhmmm...— Senti ele estremecer e tirar seu pau de mim, gozando em cima da minha bunda.

Ele puxou uma toalha úmida e me limpou.

Deitou-se e me puxou para ele. Acariciou meus cabelos e suspirei, recostada em seu peito.

—Satisfeita, Pequena? Eu estava louco pra comer essa bundinha há tanto tempo...

—Muito, muito satisfeita. — Bocejei como um gato. Satisfeita era pouco, eu estava me sentindo plena.

Escutei seu riso e senti seu peito sacudir de leve, mas adormeci na mesma hora.

Capítulo Vinte e Dois

Minha vida agora era comer direito, tomar multivitamínicos, e descansar... Tinha três babás: Theo, Pam e Guilherme. Todos super preocupados e empenhadíssimos. Havia um nervosismo e uma apreensão no ar, que se intensificava conforme os dias iam passando. Logo chegaria o casamento civil de Theo e Pam e também o transplante de medula óssea ou TMO, como chamavam. Eles iriam para uma lua de mel relâmpago, enquanto eu me prepararia para o transplante.

As amigas da Pam faziam de tudo para me incluir nos preparativos e eu aproveitava cada brechinha para poder sair de casa. Era super cansativo ficar sem fazer nada, entediante na verdade.

Nem escrever eles estavam me deixando, pois diziam que meu cérebro consumia minha energia também, enquanto eu criava, assim como meus dedos, que voavam pelo teclado; mesmo que eu o fizesse sentada em minha cama. Mas sempre que eu estava com a Pam, eu escrevia. Ela tinha ótimas ideias e nos divertíamos muito construindo a história.

Mas tudo o que eu queria era ficar boa e eu só pedia a Deus que tudo desse certo e que a medula pegasse.

Capítulo Vinte e Três

Os últimos dias passaram voando.

Hoje havia sido o casamento de Theo e Pam, no civil. Foi emocionante de se ver. Fizeram um altar na sala da casa do Rick, com o juiz de paz. Pam estava linda, descendo as escadas enquanto meu irmão babava por ela. Erik, o filho da Jess surpreendeu muita gente, tocando *All of me, de John Legend*, no piano. Muito lindo! E que voz aquele menino tinha, por Deus! Com certeza, não teve uma só pessoa que não tenha ficado com os olhos marejados.

Logo após a cerimônia íntima, seguiu um jantar animadíssimo, pois além do casamento civil, estávamos comemorando o primeiro mês dos gêmeos.

Assim que Theo e Pam saíram para sua lua de mel relâmpago, Guilherme me trouxe para casa.

Agora eu estava morando sozinha.

Sozinha em termos, pois Guilherme ficaria todo o seu tempo livre comigo, o que incluía as noites.

Mal entramos e Gui me abraçou, acariciando meus cabelos.

—Vamos tomar um banho bem gostoso, de banheira e depois cama. Quero segurar seu corpo nu, bem agarrado ao meu. Vou te lavar, te secar e te abraçar até você dormir. E então ficar te observando, ouvindo sua respiração, até que nossos corações batam no mesmo ritmo e eu adormeça, abraçado a você, sentindo seu perfume... — Sussurrou em meu ouvido.

—Gui, isso não se faz. Eu estava bem quietinha e aceitando essa coisa toda imposta por você, de não me cansar, mas com você

falando assim, a única coisa que eu quero é que você me faça sua e sussurre em meu ouvido, "Pequena, prepare-se". — Disse, mordendo seu queixo.

—Bem, Pequena, você tem se comportado bem, se alimentado como deve, sem reclamar. Acho que merece uma recompensa. — Aquele sorriso safado apareceu em seus lábios e seus olhos escureceram, suas pupilas dilatadas, ficando com apenas um halo cinza.

Eu conhecia aquela cara. Ui ui ui...

Passei os braços por seu pescoço, oferecendo minha boca para um beijo, que foi prontamente aceita. O beijo começou suave, um roçar de lábios, olhos nos olhos... Sua língua contornou meus lábios, antes de encostar na minha. Estremeci em antecipação ao que me aguardava.

Com a casa só para nós, Gui começou a tirar minha roupa ali mesmo, na sala. Foi levantando minha blusa, apalpando minha barriga, meus seios, tomando-os em suas mãos, brincando com meus mamilos por cima da renda do sutiã.

Levantei os braços e ele tirou a peça, jogando-a no chão. Fiz a mesma coisa com ele, e com um movimento ágil, ele abriu meu sutiã e o fez escorregar pelos meus braços.

Pronto, sua atenção que estava toda em minha boca, passou para meus seios e segurei um gemido quando ele sugou meu mamilo, me fazendo arrepiar.

Deus, ele sabia como me deixar louca, só com aquela boca deliciosa! Meus dedos se enfiaram em seus cabelos, instigando-o a continuar.

Minha calça e calcinha ficaram pelo caminho e quando me dei conta estávamos atracados na parede, próximo ao meu quarto, eu totalmente nua, à sua mercê e ele ainda vestido com a calça, meio aberta.

—Me deixe cuidar de você, Pequena. Quero seu gosto em minha língua, seu cheiro impregnado em mim. Minha Pequena deliciosa, que me deixa louco de tesão. — Se esfregou em mim e senti seu membro duro como pedra em minha barriga.

Eu já não comandava nem meus próprios movimentos. Estava totalmente na dele, para que fizesse de mim o que bem entendesse. Ele me tinha nas mãos, com tão pouco esforço... e eu confiava totalmente nele e queria que fizesse mais, fizesse tudo...

Sua boca em minha pele, deixava um rastro de fogo por onde passava, minha respiração tão ofegante que já estava meio tonta. Um calor tomou conta de mim. Um que somente ele poderia aplacar. Nos beijávamos com selvageria, a urgência transparecendo em cada toque, cada gemido incontrolado e em cada arrepio.

—Pequena, essa sua entrega total, acaba comigo, me deixa além de tesudo e louco para te comer. Você satisfaz plenamente meu lado dominador e meu eu apaixonado. Quero que isso nunca acabe. Não me canso de ouvir seus gemidos, pelo contrário quero arrancar gemidos mais roucos e mais altos dessa boca linda. Te fazer perder o controle. — Lambeu o contorno do meu ouvido, arrepiando tudo. Sua boca passeava pela minha pele... — Diz pra mim, pequena. Diz que você é minha. — Sussurrou mordendo meu lábio.

Eu não me sentia capaz de formular uma só frase. Juntando o resquício de sanidade, encostei a cabeça na parede e respondi, enquanto ele sugava a pele do meu pescoço e mordiscava devagar...

—Sou sua, só sua e pra sempre sua...

—Sim, você é minha, pra caralho! — Sem aviso ele meteu a mão entre minhas pernas, me penetrando com dois dedos.

—GUI! —Gritei, sentindo meus músculos se contraírem em volta de seus dedos longos. Começou a mover os dedos dentro de mim de uma maneira deliciosa, encontrando um ponto nunca antes descoberto. Engasguei com a sensação e senti meus joelhos fraquejarem. Ele me agarrou com um braço pela cintura, me levantando, sem retirar os dedos de dentro de mim, que continuavam a me enlouquecer.

—Você vai experimentar um orgasmo alucinante, minha pequena. Quero seu gozo, todo pra mim. Só para mim. —Me deitou na cama, nunca me deixando.

Me segurei ao máximo e preendi a respiração. Não queria gozar, não queria que aquilo acabasse. Mas Gui movia os dedos de uma maneira...

Meu Deus, aquilo me racharia em duas!

Uma tensão tomou conta de minhas pernas que, ao mesmo tempo, tremiam incontrolavelmente. Uma vontade louca, sem limites, meu peito subia e descia rapidamente, minha respiração curta e ofegante, a boca dele na minha, consumindo cada gota de sanidade, bebendo meus gemidos e me dando os dele.

—Gui, ahhhh amor... — Gemi, sem saber o que falava. Então ele pressionou alguma parte dentro de mim e eu explodi num êxtase devastador. Senti alguma coisa espirrando em minhas coxas, enquanto meu corpo convulsionava de prazer. Perdi totalmente o controle do meu corpo e creio que a consciência, ainda que por alguns segundos, pois quando dei por mim, ele estava com a cabeça

entre minhas pernas, me lambendo devagar. Então me dei conta de que eu havia tido a tão falada ejaculação feminina. UAU!

—Você é tão doce, adoro seu sabor, seu cheiro... Hummm...

Esse tempo todo de espera valeu a pena, pois pelo jeito ele estava apenas começando.

—Vou te comer a noite toda, de todas as maneiras imagináveis. Estou tão louco por você. Eu preciso de você, como o ar que respiro.

— Escutei sua voz rouca, e tudo começou a voltar, meu corpo construindo um novo orgasmo. —Quero você gozando no meu pau. Ele ficou com inveja dos meus dedos. Quer todas as contrações dessa bocetinha gostosa só pra ele.

Desvencilhou-se da calça e escalou meu corpo, se afundando em mim. Cada investida de seu corpo grande e musculoso me levavam mais perto da borda do abismo. Saiu de mim e ajeitou-se ao meu lado, puxando minha perna por sobre as dele e me penetrou novamente. Abraçado a minha perna, me abriu mais e mais. Colocando uma mão em meu seio e a outra por baixo do meu pescoço, ele apertou.

Os dois ao mesmo tempo.

A privação do oxigênio e a pressão em meu seio, quase me mataram de tanto prazer. Sensações desconhecidas e urgentes tomavam conta de mim... Seus olhos comandavam os meus, me diziam o que fazer, silenciosamente.

Então, o que eu tanto esperava, toda vez que fazíamos amor, aconteceu. Ele encostou a boca em meu ouvido e sussurrou: “ Pequena, prepare-se!” Soltou meu seio, escorregando a mão pela minha barriga e mais para baixo, seus dedos começaram a acariciar meu clitóris, na mesma velocidade em que seu pau me penetrava.

Senti as contrações de meus músculos internos e a tensão tomar conta, me preparei para aquele orgasmo, que estava ali, tão perto...

Ele tirou os dedos de mim e parou com seus movimentos alucinantes. Olhou em meus olhos, com aquela expressão que não deixava dúvidas do quanto ele queria ser obedecido.

—Ainda não. Só quando eu deixar.

Assenti com a cabeça e respirei fundo, tentando me controlar. Recomeçou os movimentos lentamente e de repente meu Dr. Britadeira estava de volta.

Eu não aguentaria muito, aquilo era a coisa mais deliciosa da face da terra! Me vi implorando para que me deixasse gozar, com palavras e olhares. O suor começou a escorrer de nossos corpos e só então ele fez que sim com a cabeça e me deixei consumir pelas sensações... Escutei seu gemido e seus dentes se fecharam em meu ombro, enquanto me penetrava fundo e seu gozo quente se espalhava por dentro de mim.

Meu Dr. Tentação era tudo o que eu sempre quis e muito mais.

Pela manhã, eu estava exausta. Hoje eu começaria a quimio de condicionamento para o transplante. Após uma soneca, Gui me acordou e me carregou para o banho. Atendendo ao seu pedido de ontem à noite, deixei que me cuidasse e segurasse meu corpo junto ao dele o quanto quis. Depois nos arrumamos e fomos para o hospital.

Apenas quando me sentei na cadeira reclinável, para começar a quimio, foi que me dei conta do plano dele. Cansada como eu estava, adormeceria logo e nem me daria conta do tempo que ficaria ali.

—Você pensa em tudo, Gui. — Disse, quando ele me cobriu. A quimio me dava um frio terrível.

Ele me deu um sorriso meio triste.

—Apenas confie em mim, Pequena. Eu sei o que faço e faço sempre o melhor para você. — Me deu um beijo na testa.

—Descanse, quando acabar, eu te acordo. — Acariciou meus cabelos até que eu adormeci e não vi mais nada.

Horas depois, escutei a voz dele me chamando.

—Ei, acorde, já acabou. Vamos para casa.

Olhei para minha mão e não estava mais com o acesso. Me espreguicei. Essa noite seria difícil, como todas as outras, após a quimio.

Guilherme me ajudou a levantar e abraçada a ele, fomos embora.

Capítulo Vinte e Quatro

Passei a noite meio grogue, por causa do antialérgico que me deram antes da quimio. Até que não foi a pior noite da minha vida, pois Guilherme tinha o arsenal preparado, não queria que eu me esgotasse, precisava estar bem para o transplante, daqui há alguns dias.

Levantando da cama, devagar para que ele não acordasse, fui até o banheiro do Theo. Ele ainda não tinha levado suas coisas para a casa da Pam e rapidinho encontrei a máquina de cortar cabelo, que ele utilizava para aparar os pelos do peito. Peguei e levei para o meu banheiro, juntamente com uma tesoura.

Já que eu ficaria sem cabelos, não iria passar pela angustia de vê-los cair.

Fechei a porta e pegando a tesoura, fiquei em frente ao espelho, me encarando e peguei uma mecha entre os dedos. Respirei fundo e levei a tesoura até ela. Meus olhos ficaram marejados, um peso no peito me impediu de respirar, o pânico me tomando.

Caramba, como eu era covarde.

Deixei tudo ali em cima e voltei para a cama. Me aconcheguei a ele, que suspirou e me abraçou, moldando seu corpo ao meu.

Despertei com ele me beijando de leve.

—Bom dia. — Resmunguei, sonolenta.

—Pequena, você pode me explicar o que são essas coisas? — Ele perguntou, mostrando a máquina de cortar cabelo e a tesoura.

—Eu fiquei pensando que, já que eu iria ficar careca, era melhor cortar logo de uma vez, ao invés de vê-los cair. — Dei de ombros, mas já sentindo o nó se formando em minha garganta. —Mas não tive coragem. — Senti meus olhos arderem e sabia que ia começar a chorar se continuasse falando naquilo.

—Quer que eu faça pra você?

Arregalei os olhos e o encarei.

—Você faria isso por mim?

Vi quando ele engoliu em seco e confirmou com a cabeça.

—Sim, Pequena. Sei como é frustrante para meus pacientes verem os cabelos caindo. Não vai ser fácil, pra nenhum de nós. Mas se você quer, eu faço.

Me joguei em seus braços, chorando como um bebê.

—O que seria de mim sem você? — Falei, quando consegui controlar o choro. —Você é meu anjo de uma só asa. Deus te enviou para cuidar de mim e assim, quando nos abraçamos, eu com minha asa e você com a sua nos equilibramos e nos completamos, para juntos voarmos para onde quisermos. Amo você, com todo o meu ser, Gui. Agradeço a Deus por ter te colocado em meu caminho. — Beije aquela boca linda, demonstrando todo meu amor. A máquina e a tesoura foram parar no chão e ele me abraçou, acariciando meu corpo...

Horas mais tarde, tínhamos acabado de almoçar, quando Gui puxou o assunto novamente. Na manhã seguinte eu me internaria e aí sim, o bicho ia pegar.

—Pequena, vamos lá? Está preparada?

Aquela palavra, independente da frase onde ele a usava, me causava arrepios pelo corpo todo.

—Preparada para? — O olhei com a minha melhor cara de sem vergonha.

—Não se empolgue. Pode tirar esse sorriso safado do rosto. — Pegou em meu queixo, erguendo meu rosto para um beijo rápido. —Vamos cortar seu cabelo.

Aquilo causou um outro tipo de arrepio em mim e olhei em seus olhos.

—Gui, vou ficar parecendo uma bola de boliche...

—Pequena, eu já disse que o melhor de você é o que está aqui dentro. Seus cabelos são lindos, mas são apenas um adereço, te amo de qualquer jeito. Vamos lá. — Ele me virou e deu uma palmadinha em minha bunda, me impulsionando. Fui andando devagar. Parecia que estavam me mandando para a forca. Era idiotice minha, vaidade pura, mas no fundo eu tinha medo da reação dele. Chegamos ao quarto e ele pegou um pacote de dentro da sua mala de mão.

—Olha o que comprei pra você. — Estendeu o pacote para mim e peguei, apertando para ver o que poderia ser.

—Ei, e se é de comer e você está apertando assim? — Ele riu de mim. —Abra.

Rasguei o pacote e dentro tinha um lenço lindo, em uma estampa escura.

—Achei que, uma hora, você ia precisar. — Me abraçou, beijando de leve em minha boca.

Fiquei sem fala, olhando para o lenço. Que gesto mais lindo!

—As enfermeiras me ensinaram um jeito de amarrar que parece uma trança de lado. Vamos lá, depois que cortarmos o seu cabelo eu te ensino. — Entramos no banheiro e ele olhou em volta. —Espere só um pouco, vou buscar o banco que eu mandei para o Theo, deve estar no banheiro dele.

Gui havia mandado um banco para que Theo pudesse tomar banho, enquanto estava engessado, Bruno havia trazido e realmente havia sido de grande valia.

—Pronto. Sente-se aqui. Vou cortar bem rente e podemos mandar fazer uma peruca pra você ou então podemos doar para as crianças que fazem quimio. Você quem sabe. Pronta?

Eu estava muda. Um nó em minha garganta me impedia de dizer uma palavra que fosse. Caramba, eu nunca fui uma mulher covarde, mas agora... Só assenti com a cabeça e ele pegou a tesoura e uma mecha de meus cabelos. Me olhou no espelho a minha frente e assenti novamente.

Então ele fechou a tesoura, ficando com a mecha na mão. Estendeu-a para mim e eu peguei. Não queria chorar, mas meus olhos ardiam, dentro do meu nariz queimava... Meu pulmão parecia não querer funcionar direito. Pisquei algumas vezes, espantando as lágrimas que teimavam em se juntar ali.

E então outra mecha se juntou a primeira ... e mais uma... e outra. Não contive as lágrimas e chorei silenciosamente. Uma dor, uma tristeza sem igual tomou conta de mim, a cada mecha que se juntava as outras em meu colo. Em pouco tempo todo meu cabelo estava em minhas mãos. Só então eu levantei os olhos e me encarei no espelho. Eu ainda tinha um pouco de cabelo, curto, mas eu tinha. Então Gui colocou uma toalha no chão e outra sobre meus ombros e

ligou a máquina. Quando ele encostou o metal frio em minha nuca, um soluço escapou de minha garganta e deixei aquela dor toda escapar de mim e transbordar pelos meus olhos.

Olhei para ele, através do espelho e vi que ele também chorava, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto lindo, mas em nenhum momento sua mão fraquejou.

E então eu estava careca. Ele me deu um beijo em cima da cabeça, que estava lisinha e apoiou o queixo nela.

—Não disse que você é linda de qualquer jeito? — Sorriu para mim.

Bem, estava feito. E o resultado não era de todo ruim e ainda tinha o lenço que ele havia me dado.

—Pense, Pequena, agora não precisa se preocupar com shampoo, condicionador, chapinha, nem secador. — Ele fez gracinha, para me fazer rir. Ah, como eu o amava! —Vamos tomar um banho para tirar esses cabelinhos de você e então eu te ensino a usar o lenço.

Ele tirou minha roupa e, como eu sabia que ele gostava, deixei que me lavasse. Quando se deu por satisfeito, se lavou rapidamente, me secou e me levou para a cama. Aquilo não tinha sido fácil para nenhum de nós, como ele havia previsto, mas era uma coisa a menos.

Eu ainda não havia dito uma palavra. Passava a mão pela minha cabeça, agora lisinha, incrédula, tentando aceitar aquilo. Eu sabia que esse dia chegaria. Enfim suspirei e olhei para ele.

—Obrigada, amor. — O abracei, realmente grata por tê-lo comigo.

—Bem, vamos ao lenço. — Gui pegou o pedaço de pano brilhante e macio, o dobrou, juntando ponta com ponta, formando um triângulo.

E colocou sobre a própria cabeça.

Levei a mão à boca, para que ele não visse meu sorriso, que acabou se tornando uma risada gostosa.

—Você dá um nó apertado meio de lado, com as duas pontas do mesmo tamanho. — Eu não sabia se ele estava achando graça de mim ou dele mesmo, mas ele ria no meio das palavras, meio sem jeito. —Ajusta, une a ponta de trás com as duas do nó e trança, como você faria com o cabelo, só que dá um nó na ponta e pronto. Estou bonito?

—Você é muito habilidoso na trança, amor.

—Só Deus sabe o quanto eu treinei. Tinha que estar craque mesmo.

—Obrigada, nunca vou agradecer o bastante.

—Agora, a sua vez. — Ele tirou, desfez tudo e entregou o lenço em minhas mãos. Foi realmente fácil a parte da trança, mas a parte de ajustar o lenço liso em minha cabeça também lisa, foi barra!

—E então?

—Linda! Você é ainda mais habilidosa do que eu. — Brincou, pegando minhas mãos, dando um beijinho em meus dedos. Ele precisava me tocar, estar perto e eu também precisava mais dele do que o ar que eu respirava.

Capítulo Vinte e Cinco

Nunca ganhei tantos carinhos e beijos na cabeça, como hoje.

Quando nos deitamos para dormir, Gui me abraçou como sempre fazia, só que ao invés de enfiar os dedos em meus cabelos, ele ficou acariciando minha cabeça careca. Algumas vezes, durante a madrugada, eu acordei com ele me dando beijinhos na cabeça.

—Gui, você tem que dormir. —Resmunguei, sonolenta.

—Sabe quando você está com o bebê do Rick nos braços e o encaixa no ombro? Sabe aquela sensação? É a que estou sentindo. Eu te amo tanto, minha Pequena. E sua cabeça fofinha e macia fica me chamando a noite toda. Não consigo tirar minhas mãos dela. — Enquanto falava, distribuía beijinhos pelo meu rosto todo. Ri do que ele disse. Me comparando com um bebê!

—Vamos amor, você tem que dormir. Vem aqui. — O puxei para baixo e acomodei sua cabeça em meus seios. Comecei a fazer cafuné em seus cabelos e ele me abraçou pela cintura. Em minutos ele estava ressonando baixinho e eu caí no sono novamente.

Pela manhã, coloquei a camisola que Pam me deu na mala e mais algumas outras mais fresquinhas, algumas calcinhas, sutiãs e um chinelinho confortável.

E era isso.

Havia chegado a hora de me internar para o transplante. Seriam uns dias de quimio para “parar” meu sistema imunológico e então, após a retirada e preparação da medula, eu a receberia.

Que Deus me ajude, que a medula pegue e que dê tudo certo com a Pam também, pois nesse caso, quem vai para a sala de

cirurgia é ela. O transplante em si, ocorre através de uma bolsa de sangue, como se fosse uma transfusão de sangue.

Suspirei e fechei a mala, passando a mão em minha cabeça.

Gui chegou por trás de mim e me deu um beijo na careca. *Ah! Ele está adorando a minha carequinha!*

—Acho que vou aderir a esse novo corte, Gui. Estou ganhando tantos beijos! — Me virei e o abracei, sorrindo.

—Amo você de qualquer jeito. Pegou tudo? Vamos?

—Uhum. Vamos lá. Chegou a hora. Você vem dar uma olhada aqui, nesses dias que eu vou ter que ficar no hospital?

A preocupação com minha casa sozinha era o de menos, eu queria que ele tivesse algo para fazer fora do hospital, pois pelo o que eu conhecia dele, ia ficar comigo dia e noite, o que não faria bem para ele.

—Prometo que venho, Pequena. — Me deu um tapinha na bunda e pegou minha mala de mão. —Vamos.

Amarrei o lenço em minha cabeça e fomos. Em menos de vinte minutos depois, estávamos dando entrada no hospital. Respirei fundo novamente. Seriam vinte dias, no mínimo, internada nesse lugar.

—Não fique nervosa. Vou estar com você sempre. As visitas serão liberadas, apenas para a família, portanto você não vai ficar sozinha.

— Guilherme acariciou minhas costas e recostei minha cabeça em seu peito.

—Parece que a coisa é mais... real agora.

—É assim mesmo, Pequena. Mas dará tudo certo. Vou ficar em cima o tempo todo, de olho nos resultados. Assim que houver a pega da medula, eu te tiro daqui.

—Certo, meu Dr. Tentação. — Elevei a cabeça, oferecendo meus lábios para um beijo. Ah! Eu sentiria saudade daquela boca. Os beijos não seriam liberados tão cedo.

Nesse momento a enfermeira chegou até nós.

—Bom dia, Dr. Santos. Olá Rafaella, sou Andreia Filipa, a enfermeira do setor. Vamos? Vou te levar até seu quarto e logo mais começamos os procedimentos.

Seguimos a enfermeira até meu quarto.

—Deite-se, Rafaella. Vou conferir seus sinais e buscar o medicamento.

Andreia era uma morena sorridente, cabelos cacheados, com uma expressão tão cálida que me acalmou na hora.

Obedeci e deixei que ela medisse minha temperatura e aferisse minha pressão sanguínea. Gui só olhava de longe, mantendo sua postura de médico, com os braços cruzados sobre o peito e uma carranca séria, enquanto prestava atenção em como a enfermeira realizava os procedimentos. A cada momento ele procurava por alguma coisa, próximo ao pescoço e apostaria minha mão direita que ele estava louco para ele mesmo auscultar meu pulmão e coração.

Andreia anotou os resultados na ficha em sua prancheta e se despediu, dizendo que voltava em breve.

—Não se preocupe, Pequena. Andreia é a melhor aqui e pedi pessoalmente que ela cuidasse de você e, quando ela não pudesse, que mandasse alguém experiente.

Ele se aproximou e como se estivesse se segurando a algum tempo, me abraçou, tomando minha boca com urgência. O beijo foi louco e selvagem. Meu Deus, se não houvesse o risco da enfermeira

entrar por aquela porta, eu o montaria aqui e agora, sem querer saber onde estava.

—Só em saber que não vou poder te beijar, te amar durante todos esses dias, me deixa querendo ainda mais. — Ele confessou baixinho, próximo a minha boca e me beijou novamente.

—Amor, vai passar rápido. Você vai ver. — O acalmei. Bem, pelo menos tentei, pois, minha voz saiu rouca de desejo.

—Promete que, assim que você estiver bem, vamos atrás dos seus óvulos e vamos tentar ter nosso bebê? — Ele pediu sorrindo, seus olhos acinzentados, bem clarinhos, o sorriso chegando até eles.

—Gui! Vamos pensar nisso quando chegar a hora. — Ri dele e daquela carinha linda.

—Eu não te disse, mas até que Theo e Pam retornem, eu estou de folga. Deus sabe que, o que eu mais tenho nesse hospital, são horas sobrando! Vou ficar com você o tempo todo.

Sorri abertamente. Bem que eu desconfiei, até porque ele se identificou como acompanhante e não médico, na recepção. Nisso, Andreia voltou, com o saquinho da quimio e os apetrechos todos. Gui deu a volta na cama e, como quando ela conferia meus sinais, ele ficou de olho em como ela colocava o acesso e tudo mais. Ficaria vinte e quatro horas com a quimio, fraquinha, mas constante.

Assim que estava tudo em seu lugar, ela se despediu novamente e Guilherme se deitou ao meu lado. Acomodei-me em seu peito e ele me beijou a cabeça.

Com ele ao meu lado, eu enfrentaria o que quer que fosse.

Capítulo Vinte e Seis

Minha vida, nesses dias, se resumia a uma máscara sobre o nariz e a boca. Ainda bem que meu *note* não foi confiscado e pelo menos escrever eu podia.

Chegando aos capítulos finais do meu livro, a sensação de dever cumprido estava ficando cada vez mais forte. Logo que o terminasse, mandaria para revisão e publicaria no site de vendas de e-books. Minhas leitoras estavam ficando ansiosas e algumas não entendiam a demora pela postagem dos capítulos. Eu nunca diria pelo o que estava passando, pois queria que gostassem e me acompanhassem por amor à leitura.

Estava acabando de escrever um capítulo particularmente tenso e estava compenetrada, quando percebi um movimento ao meu lado. Gui estava ali, parado e me observando.

—Não escutei você entrar, amor.

—Já estou aqui há algum tempo, Pequena. Você fica linda assim, escrevendo. Qualquer hora, vou tirar uma foto sua assim, toda envolvida com o teclado e sua história. — Passou a mão pela minha cabeça e me beijou na testa.

Ah, como eu queria outro tipo de beijo. Um daqueles consumidores, apaixonados, que me deixam mole e querendo ele sussurrando em meu ouvido “Pequena, prepare-se.” Um arrepio me percorreu e ele me olhou com um sorriso naquela boca linda.

—Esse olhar e esse estremeção. Pequena, controle sua mente. Você sabe que não podemos e é muito arriscado...

—Sim, eu sei, mas não posso me ajudar nisso. Você assim tão próximo, sua boca na minha pele, evoca meu lado safado e bem, você sabe. Estava pensando em como eu quero você sussurrando em meu ouvido, com aquela voz rouca... o que eu mais gosto.

Um estremecimento o percorreu e, numa olhada rápida, percebi que ele ostentava uma bela ereção. Não pude evitar sorrir, mesmo que ele não pudesse ver, por causa da máscara.

—Bom saber que sou o culpado por esse sorriso lindo, que chegou aos seus olhos. Meus lindos olhos verdes, minha Pequena linda. — Ele chegou perto e por cima da máscara encostou seus lábios nos meus. Senti seu calor e todo o sorriso, se transformou em lágrimas frustradas. Eu estava tão sensível!

—Bem, Pequena, passei aqui para dizer isso, que você quer tanto escutar. Prepare-se. — Ele sorriu para mim. —Logo mais será seu transplante. Já colhi a medula e ela está sendo preparada. Chegou a hora.

—Como a Pam está?

—Ela está se recuperando, surgiram alguns contratemplos no centro cirúrgico, mas tudo foi controlado. Theo está com ela agora, então ele não poderá vir aqui. Eu disse a ele que te avisaria. Ele não poderá ficar, mas eu vou. O tempo todo. Só vou sair para ver como está a Pam e voltar. Sou responsável por ela. — Ele estava sério, em seu modo "médico".

— Certo, espero que logo ela possa vir me ver.

—Pequena, ela tem que se recuperar, vai ficar alguns dias internada também.

—Está bem. Ah, Gui, essa espera é terrível! Essa coisa toda é demais. Eu estou uma pilha de nervos, com as emoções

descontroladas. Uma hora eu choro, em seguida estou rindo, e logo chorando outra vez. Que merda isso! — Desabafei, pois aquilo estava me matando.

—Olha essa boca... E eu sei que é assim mesmo, mas é uma espera pela cura, tenha paciência. Chegamos até aqui. Falta muito pouco, para tudo acontecer. — Ele pegou minha mão e roçou a boca sobre meus dedos. —O mais difícil aconteceu, você achou um doador, a medula está sendo preparada e agora é só colocar em seu corpo. Um pedaço da Pam, em você, um pedaço que pode salvar sua vida, Pequena. Tenha um pouco mais de paciência. Pense que em alguns dias, a medula vai pegar, se Deus quiser e poderemos viver nossa vida, casar e começar a planejar nossos filhos...

Ele foi distribuindo beijos pelo meu braço, subindo devagar, até meu pescoço. Ele sabia muito bem, como mudar meu foco, minha atenção agora toda voltada a ele e seus beijos embriagadores. Suspirei quando ele roçou os lábios em minha orelha e gemi de leve quando senti sua respiração em minha pele sensível e me arrepiei toda.

O celular dele vibrando, fez com que ele se afastasse de mim.

—Tenho que ir ver a Pam. Volto já, já, para te levar para o transplante. — Deu um beijo rápido em minha testa e se foi.

Recostei a cabeça no travesseiro, fechando o *note*. Respirei compassadamente, tentando me acalmar. Eu estava impaciente.

Minutos mais tarde, Andreia entrou no quarto, com uma cadeira de rodas, dizendo que me levariam para a preparação, que o Dr. Santos me encontraria mais tarde. Fechou o acesso e retirou o soro, me ajudando a sentar na cadeira.

Logo chegamos a uma sala estéril. Na antessala, ela me auxiliou no banho e me passou uma daquelas camisolas de hospital, trocou minha máscara e eu estava pronta. A porta da sala se abriu e outra enfermeira me auxiliou, me sentando em uma poltrona e achando minha veia, conectou a bolsa de sangue a mim. Pela vidraça que havia na sala, pude ver Gui me observando. Sua presença me acalmou e relaxei.

Estava feito. A bolsa de sangue chegou ao fim. Agora era esperar que pegasse e que minha medula voltasse a produzir sozinha.

Os dias passaram lentamente, todos os dias eu recebia uma bolsa de sangue intravenoso, pois eu precisava de hemoglobina, plaquetas, leucócitos... e tudo isso estava baixo demais. Não sei quanto sangue eu recebi, por isso, desde o dia do transplante, comecei uma campanha em minha rede social para a doação de sangue, tentando conscientizar as pessoas.

No décimo dia, Pam veio me visitar e me contou tudo o que aconteceu com ela. Caramba, coitadinha! Quase morreu enquanto tentava me salvar. Foram cinco dias, desacordada e havia tido duas paradas cardíacas! Guilherme só me olhava, e nada dizia. Eles haviam combinado assim e eu fiquei todos esses dias sem saber de nada!

— Acalme-se, eu estou bem, não está vendo? Tudo já passou. O importante agora é você ficar bem também. — Pam me assegurou, com um sorriso.

Ah, ela era mesmo um anjo! Tinha me dado a vida e estava fazendo meu irmão feliz também. Não podia ter chegado em hora melhor. Realmente, Deus escreve certo, por linhas tortas...

Capítulo Vinte e Sete

Hoje, é o décimo quarto dia após o transplante e eles estavam aqui, colhendo uma amostra de meu sangue, para conferir meus números. Guilherme estava confiante de que teríamos alguma melhora em meus resultados... Ele pediu urgência no resultado, era um hemograma completo e normalmente não demorava muito, mais ainda assim ele insistiu.

Como meu Dr. Tentação era mandão e controlador! E eu amava isso nele...

Horas depois, após uma breve batida na porta, Andreia entrou, trazendo meu exame.

—Aqui, Dr. Santos, o resultado do exame que o senhor solicitou. — Entregou o papel na mão dele e veio verificar como eu estava, saindo em seguida. Gui ficou quieto, me olhando com aquela cara de paisagem, até que ela se foi.

—Pequena, caramba... não sei como dizer isso a você... — Chegou perto de mim e passou a mão pelos cabelos.

Aquilo me gelou de cima abaixo, me arrepiando.

Então ele me abraçou e encaixou a cabeça em meus ombros, chorando como criança.

—Ai meu Deus, Gui, não me assusta assim! — Entrei em pânico, lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.

—Minha Pequena linda, meu amor, minha vida... — Ele distribuiu beijos pelo meu rosto todo. —Está pegando amor, sua medula está pegando e já está começando a produzir sozinha. Muito pouco, mas é um início promissor. — Voltou a chorar, me abraçando e chorei

abertamente, mas agora, de felicidade. Eu ia ficar bem! —Nem precisaremos te dar sangue hoje. Vamos refazer o exame amanhã e ver como sua medula reage. — Ele me brindou com aquele sorriso lindo.

—Nem sei o que dizer, estou tão feliz! Não, feliz é pouco, estou radiante!

O futuro agora tinha uma cor diferente para mim... de tons de cinza, ele passou a ter todas as cores do arco íris, nuances únicas e pela primeira vez, desde que ele falou em filhos, isso me parecia realmente possível.

Liguei para Theo e contei a novidade. Ele ficou exultante e disse que mais tarde viria me visitar, com a Pam.

—Ok, Pequena... deu de estripulia! Se acalme e descanse. É primordial que se resguarde. Vou diminuir a claridade para que descanse. — Fechou as persianas e o quarto ficou na penumbra. — E vai descansar em meu peito. Venha aqui... — Se deitou ao meu lado e me aconchegou em seus braços.

Despertei com Gui beijando meu rosto.

—Pequena, você tem visita. — Abri os olhos e vi que Theo estava com a cabeça apontando na porta. Sorri, feliz em ver meu irmão.

Então a porta se abriu e ele entrou, trazendo um bolo, com a vela já acesa.

—Parabéns pra você... — Ele começou a cantar, entrando no quarto, seguido de Pam, Rick, Jess, os bebês e Bruno.

Caramba que coisa mais linda!

—Assopre a vela maninha e faça um pedido. Hoje é o primeiro dia de sua nova vida. Daqui pra frente, você terá dois aniversários por

ano!

Secando as lágrimas que insistiam em cair, respirei fundo e pedi uma vida de paz e muito amor com meu Dr. Tentação, que os desejos dele se concretizassem e que conseguíssemos ter pelo menos um filhinho para amarmos. Assoprei a vela, super emocionada. Hoje era o dia de surpresas, de boas surpresas!

Eles ficaram por algum tempo, mas logo Rick e sua família foram embora, pois não era permitido tanta gente assim de uma só vez e fiquei sendo paparicada pelos três anjos da minha vida. Meu irmão, que sempre me apoiou, meu amor e minha anjinha salvadora.

Mais tarde, quando me preparei para dormir, comecei a sentir uma dor na lombar, que seguiu noite adentro. No meio da madrugada, enquanto Gui dormia no sofá cama, me virei de costas para ele, enfiei o rosto no travesseiro e deixei as lágrimas caírem silenciosamente. Essa dor, segundo ele, era minha medula produzindo leucócitos, o que indicava a pega da medula. Se fosse assim, que doesse! Era uma dor, mais do que bem-vinda...

Uma mão em minha testa, me fez sobressaltar e quase ter um ataque cardíaco.

—Está chorando, Pequena. Por que não me avisou? A dor está forte demais?

—Uhum. — Apenas resmunguei, não tinha forças para articular uma palavra.

—Espera um pouco, já volto. Vou acabar com isso, você não precisa passar tanta dor. — Me beijou a testa, enfiou os sapatos e saiu, porta afora.

Em minutos, Bruno entrou, com a prancheta nas mãos, verificou meus sinais e injetou alguma coisa no soro e conectou ao acesso em

minha mão, deixando que pingasse bem lentamente.

—Ella, coloquei você na morfina. Já sabe que tem que pingar lentamente, para que você não passe mal. Se for rápido demais, você vai ter ânsias e pode vomitar. Não queremos arrumar uma coisa estragando outra. Juro que se eu pudesse colocaria para ir o mais rápido possível, para acabar sua dor. O Gui aqui, pode confirmar tudo isso. — Bruno apontou para Guilherme, que estava na sua postura de médico, costas eretas e braços cruzados sobre o peito. —Já já isso passa.

Bruno afagou minha mão e se virou, para ir embora.

—Qualquer coisa, estou de plantão até de manhã, não hesitem em me chamar. — Deu um tchau com a mão e fechou a porta atrás de si.

Gui tirou os sapatos, com os pés e se deitou ao meu lado. Ficou acariciando minha cabeça, até que eu parasse de chorar.

—Sua cabeça está parecendo um tapetinho macio, com os cabelinhos nascendo. Melhorou um pouco, a dor?

Fiz que sim com a cabeça. O cansaço batendo forte quando percebi a dor diminuindo... Um relaxamento em meus músculos, fez com que eu começasse a tremer, incontrolavelmente. Guilherme me abraçou mais forte.

—Esse tremor também vai passar, Pequena, é só agora com o efeito inicial da morfina.

Cerrei os dentes, para que eles não batessem tanto e perdi a batalha para a exaustão, adormecendo em seus braços.

Capítulo Vinte e Oito

Depois de muitos dias de altos e baixos, hoje, vinte e oito dias após o transplante, eu estava indo para casa. Com várias recomendações, exames agendados, mas em casa.

Deitar em minha cama, em meu quarto... Ah! Isso não tem preço! Ainda não posso sair fazendo aula de zumba, mas estou liberada para viver minha vida normal e sem sinal da leucemia.

Amanhã, Guilherme voltará ao trabalho, o quer dizer que é minha última noite com ele só para mim. E imagina se eu não iria aproveitar cada segundo ao lado dele?

Em casa, todos me esperavam, com uma festinha surpresa de boas vindas. Como eu amava cada um deles! Os bebês do Rick estavam tão lindinhos e tão crescidos! Essa recepção em casa foi uma delícia e só demonstrou o carinho que eles tinham por mim. Depois do jantar improvisado, Pam e Jess se enfiaram na cozinha e lavaram a louça. Falei para largarem tudo ali que depois daríamos um jeito, mas não me deixaram nem terminar.

—Ei, não senhora. Você acabou de voltar do hospital. Nem pense que deixaremos toda essa bagunça pra você arrumar. Vá lá pra sala e deixe tudo com a gente. Você teve alta, mas nada de abusar.

Não tive escolha a não ser dar razão a elas. Um pouco depois de acabarem de arrumar a cozinha, elas vieram para a sala e com jeitinho, levaram seus maridos embora,

—Bem, já vamos. Amanhã eu venho ficar com você, tá? Na hora do almoço, venho te fazer um pouco de companhia. — Pam disse,

empurrando Theo porta a fora. Rick e Jess, cada um com um bebê no colo, se despediram e seguiram os dois.

— Bem, Pequena, depois de um dia como hoje, precisamos dormir, né? Vamos lá. Banho e cama. — Me deu um tapinha na bunda, me incentivando a andar. Ri e fomos para o quarto. Tiramos os sapatos e como ainda eram nove da noite, ligamos a TV e nos deitamos.

Estávamos na cama, deitados, minha cabeça em seu ombro. Meus cabelos estavam crescidinhos e ele ficava acariciando, dizia que parecia um tapete fofinho. Aproveitando o momento, e esquecendo totalmente o que se passava na televisão, deixei meus dedos percorrerem seu peito, desabotoando sua camisa lentamente. Devagar para não chamar muita atenção, fui passando os dedos nos pelos de seu peito, descendo por seu abdômen e mais para baixo um pouco, brincando com o cós da calça. Guilherme suspirou e me beijou a testa.

Olhei para ele, nossos olhos se prendendo. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, provavelmente para que eu não tivesse ideias, mas não deixei ele dizer nada e coleí minha boca na dele.

Ah! Que saudade daquele beijo! Nossas línguas também estavam com saudade e se tocavam enlouquecidas, dançando juntas, explorando... Monteí sobre ele, sem desgrudar nossas bocas. Reboleí lentamente sobre seu pau duro, fazendo-o gemer. Eu não deixaria que ele viesse com o papo de que “não devemos”.

Sem vergonha e tarada.

Duas palavras que me descreviam nesse momento, perfeitamente. Arrasteí minha boca pela mandíbula dele, em direção ao seu ouvido.

—Estou com tanta saudade de você. Louca pra te sentir dentro de mim. Sou sua Pequena, Senhor. Farei o que mandar.

O pau dele, entre minhas pernas, reagiu instantaneamente ao que eu disse e então o jogo mudou. Num movimento ágil, ele nos girou, ficando por cima de mim, agora era sua boca que percorria minha pele.

—Você não sabe o poder que essas palavras têm sobre mim, Pequena. — Sussurrou enquanto mordia o lóbulo da minha orelha, me arrepiando. Seu tom, rouco, provocou uma pequena inundação em minha calcinha.

—Sou sua, Senhor.

Ele gemeu baixinho, lambendo meu pescoço.

—Minha pequena, minha vontade de você é tamanha, que tenho medo de gozar quando a cabeça do meu pau entrar em seu calor...

—Não tema, Senhor, porque do jeito que estou hoje, terá seu pau ordenhado até a última gota pelas contrações do meu orgasmo.

—Ella, não fale essas coisas! Mal me aguento estando assim aninhado no calor do seu corpo, com esse monte de pano entre nós. Não quer que isso dure? Pois se continuar assim, meu apelido vai mudar de Dr.Tentação para Papa-léguas ou Ligeirinho.

Não me contive e ri de sua ideia absurda.

—Gui, arranque minha roupa, me lamba, me chupe, me coma de todas as maneiras que você souber. Não aguento mais de vontade e não me importo se da primeira vez você for o Ligeirinho. Sei muito bem do que é capaz. Não me deixe assim, sofrendo com vontade de você.

Com um grunhido, ele arrancou minhas roupas, abriu a calça e sem cerimônias, se meteu em mim, me fazendo gritar de tesão e

meu corpo todo estremecer. Puxei o ar pela boca e tentei conter o orgasmo.

—Gui... Ah, amor! — Meu Dr. Britadeira apareceu sem avisos e me levou ao delírio. Todo o papo de Ligeirinho, pura conversa fiada.

Guilherme sussurrava palavras safadas em meu ouvido, elogiava meu corpo, chupava minha pele, desesperado pelo meu gosto. Perdi a conta de quantos orgasmos eu tive. Estava supersensível, após todo esse tempo de espera. Meu corpo era um brinquedo em suas mãos. Ele me posicionava como queria, fazendo meu prazer chegar a níveis inimagináveis.

Apenas quando eu estava quase sem forças, ele se permitiu gozar, apertando meus seios e chamando meu nome.

— ELLAAAA! Você me deixa louco, Pequena. Louco e imensamente satisfeito. Nunca, antes de você, eu havia me sentido assim. Te amo tanto. — Confessou, agarrado a mim, ainda dentro de meu corpo.

Ficamos assim por um tempo, nossas respirações se acalmando.

—Quer comer alguma coisa? Eu trago pra você.

—Para de se preocupar com isso, amor. Eu só quero ficar assim, grudada em você, sentindo seu cheiro, seu calor...

—Sabe quando eu vou parar de me preocupar com você? Nunca, Pequena. Você é minha e é minha obrigação te fazer feliz, não deixar que nada te falte. Então, como seu irmão diz, acostume-se a isso. — Me beijou carinhosamente na testa.

Sorri e uma sensação de plenitude me tomou...

Horas mais tarde, acordei com o cheirinho do café.

Me levantei e olhei pela janela. O céu estava começando a clarear, devia estar na hora do Gui ir para o hospital. Passei no banheiro e depois de fazer xixi e lavar as mãos, fui até a cozinha, descalça.

Como era bom não me preocupar com nada e estar curada!

Lá estava ele, colocando o café nas xícaras. Cheguei por trás, o abracei e dei um beijo em suas costas.

—Bom dia, amor.

—Bom dia, Pequena. Eu ia levar o café pra você, na cama. — Ele virou e me beijou na cabeça. —Vamos, venha comer.

Depois que comemos, Gui me pegou no colo, feliz, rindo e me fazendo cócegas, me levando para o quarto. Me deitou na cama e me cobriu.

—Durma um pouco mais. Vou tomar banho e me trocar. Tenho que estar no hospital em meia hora. Mais tarde a Cida chega e te acorda. Não se esqueça das recomendações do seu médico. Descanso e nada de abusar mais por hoje. Você ainda está se recuperando, seu corpo precisa de repouso. Durma.

Com um beijo e uma carícia leve em meu rosto, ele entrou no banheiro.

Hoje começaria a nossa vida, pra valer. Sem a sombra da doença pairando sobre nós, como seria a rotina agora?

Capítulo Vinte e Nove

Estávamos acabando de almoçar, quando Pam bateu a mão na testa.

—Caramba, Ella. Esqueci de te falar! Você conhece bem o controlador que seu irmão é. No dia em que eu saí do hospital, estávamos em casa e ele veio com a história de que tínhamos que nos casar na igreja. Me deu três meses para arrumar tudo. Agora que você saiu do hospital também, podemos começar a planejar! Os três meses acabam dia doze de janeiro. Será que dá tempo? Ele quer igreja, festa, vestido de noiva, tudo isso. Temos dois meses e pouquinho...

—É, eu sei como ele é. E sempre soube que ele queria isso. Casamentão, festança... Não se preocupe, eu te ajudo. E também tem as suas amigas. Me passe o telefone delas, que eu dou uma coisa para cada uma procurar e num piscar de olhos, estará tudo encaminhado. Vou ter que ficar de molho um pouco mesmo. Gui diz que posso fazer de tudo, mas não me deixa fazer nada.

—Pois é, ele e Theo conversaram um dia desses e Theo insistiu para que a Cida viesse cuidar da casa e que cozinhasse pra você. Na realidade ele não deu opção, disse que ela viria e pronto. Naquele jeito dele. — Pam riu e seus olhos brilharam ao falar do meu irmão.

Os lobos estavam encaminhados. Quase todos, ainda faltava Bruno, mas aquele lá eu acho que nunca vai se aquietar. Até hoje ele nunca teve uma namorada duradora. Todas as mulheres que ele apresentava para nós, durava tempo suficiente para que a gente

guardasse o nome dela e quando percebíamos, a mulher já havia rodado e ele já estava nos apresentando outra e assim ia...

—Estava pensando em Bruno. Dos quatro, ele é o único que continua sozinho.

—Então, ele estava de olho na minha amiga, a Diana. Acho até que rolou alguma coisa entre os dois, mas ele não ligou mais pra ela. Até dei uma perguntada pro Theo, um dia desses, mas ele disse que com Bruno é assim, né?

—É. Bruno é, como eles dizem, indomável. Coração de pedra. Amante das mulheres. Quem sabe um dia ele encontra alguém, né? Por que, pensando bem, agora ele está sozinho. E tem o bar. Theo já te contou sobre o bar que Bruno e Guilherme tem na praia?

—Não, ele nunca disse nada. Mas pela sua cara, é um super lugar.
— Pam se empertigou na cadeira, curiosa.

—Pam, acho melhor você perguntar pra ele. Se ele abrir o jogo com você, eu conto mais. — Não consegui conter o riso e um fogo se apoderou de mim, ao me lembrar do bar. —Estou louca pra voltar lá. Faz assim, vamos programar uma visita a casa dos meus pais. Nós quatro. Jess ainda está com os bebês pequeninhos demais, não sei se Rick vai querer ir, mas quem sabe? Podemos convidar também. Uma vez que já vamos estar na praia, nós pedimos para eles nos levar ao bar. Theo vai entender e não vai ter como escapar. Eu acho que você vai adorar o lugar. Tem música ao vivo e outras coisinhas mais.

Pam estreitou os olhos.

—Nem pense em me deixar com a pulga atrás da orelha. Começou, agora termina. Me conta, como é o bar deles?

—Ah, é um lugar muito gostoso. Todo escurinho, tem o palco para as bandas que tocam lá, uma pista de dança grande, onde a gente pode dançar até não aguentar mais. Os garçons tratam a gente muito bem, afinal querem mostrar serviço. Você vai gostar do lugar.

—Pela sua cara, achei que tinha alguma coisa a mais. Sei lá, alguma sacanagem rolando. A cara que você fez quando falou que estava louca para voltar lá, me fez pensar isso.

Pam se recostou na cadeira, o entusiasmo dando lugar a uma leve decepção. Mas eu não podia sair contando tudo. A brecha já estava aberta. Pam precisava conhecer aquele lugar. Eu precisava falar de tudo aquilo com alguém que entendesse, que estivesse passando pela mesma experiência que eu. E não tinha ninguém melhor do que ela.

Continuamos a falar sobre os planos para o casamento e fomos para meu quarto, procurar na internet por algum site que nos desse ideias e quem sabe até conseguir achar um salão para a recepção.

À noitinha, já tínhamos uma porção de nomes e telefones de vários lugares para a recepção. No dia seguinte eu telefonaria para marcar uma visita em cada um deles.

—A lista de convidados, vocês já fizeram? Porque isso temos que agilizar.

—Vou ver com Theo hoje. Nossa, quanta coisa! Decoração, convite, salão, buffet, flores... Meu Deus!

—Não se desespere, Pam. Rick disse que Jess fez uma festa, lembra? Acho que para o ex-marido. Ela deve saber dessas coisas todas. Vamos falar com ela. Não custa perguntar.

—Eu já deixei a Solaris sozinha por muito tempo. Theo não me deixou voltar a trabalhar, logo que saí do hospital, me fez ficar uns

dias em casa. E antes teve a lua de mel e tudo mais. Eu tenho que dar atenção à minha empresa, afinal é o olho do dono que engorda o gado.

—Ei, maninha, você fez mais do que qualquer pessoa poderia ter feito por mim. Fica tranquila, vou ver isso tudo.

Nesse momento a porta de casa bateu e ouvimos as vozes de Theo e Guilherme, nos chamando.

—Aqui no quarto! — Gritamos juntas e rimos.

Eles vieram e se deitaram conosco. Começamos a mostrar para eles, o que tínhamos procurado.

—Vá vendo mesmo, Pequena, pois logo logo é o nosso casamento que vocês estarão planejando.

—Neném, você não tinha visto nada ainda? Te dei três meses para nosso casamento e até agora não viu nada? Caralho, eu não acredito.

—Ah, pode parar Theo, Ella estava no hospital, você acha justo eu ficar procurando por salão e tudo mais, com ela lá?

—Certo, mas fique sabendo que eu já reservei a igreja. Dia doze de Janeiro, às 19h, você estará lá, linda e toda de branco, me dizendo sim, no altar, em frente ao padre.

—Não disse? Controlador. Total! — Pam riu e todos rimos juntos.

Assim era Theo. Mandão. Mas o homem mais doce e romântico que eu conhecia, com exceção do meu Dr. Tentação.

Cida tinha deixado o jantar pronto e os meninos se encarregaram de aquecer e servir. No meio do jantar, Pam soltou a bomba.

—O que acham de irmos visitar seus pais, final de semana que vem? Até lá, Ella já estará bem recuperada. Eles vão gostar de rever vocês.

Caramba, ela não perdia tempo. Fiz minha melhor cara de paisagem.

—Verdade, Theo. Vamos? — Me virei para o Gui e falei baixinho.
—Vamos amor? Tô louca para voltar à praia.

Guilherme me olhou com uma cara que, se Pam tinha suspeitas de que o bar tinha alguma sacanagem escondida, agora ela teria era certeza.

—Tudo bem. Por mim, sem problemas. Vou pegar plantão esse final de semana, assim no outro estou livre.

Theo me fuzilou com o olhar, pois ele sabia muito bem que não teria como escapar.

—Ok, ok, vou avisar que vamos para lá, então.

—E eu nem vou perguntar o que está rolando aqui. — Pam riu, fazendo com que o olhar fulminante de Theo ficasse mais intenso.

Eu balancei a cabeça, de leve e ele suspirou aliviado. Ele teria que se virar para contar a ela. Ou não, sei lá, isso já era com ele.

Mais tarde, eles se despediram e se foram. Mal fechei a porta e Gui me agarrou, me encostando a ela.

—Então minha Pequena está armando para voltar à praia... — Me olhou nos olhos e me perdi naquele cinza, intenso. —Quer voltar ao nosso quarto?

Ele me segurou pela bunda e me levantou, a saia do meu vestido, subiu e suas mãos se embrenharam por debaixo, acariciando minhas coxas e puxando minhas pernas para sua cintura, me mantendo presa entre seu corpo e a porta. Senti seu pau duro em mim e estremei.

Ao invés de responder, grudei minha boca na dele. Meu corpo amoleceu e me moldei ao dele, num abraço delicioso, enfiando meus

dedos em seus cabelos e aprofundando o beijo.

—Diga, Pequena. Diga que me quer. — Sussurrou em meu ouvido e desceu a boca sobre a pele sensível do meu pescoço, lambendo e sugando de leve.

—Eu quero, te quero sempre amor. — Puxando-o pelos cabelos, o fiz me olhar. — Te quero aqui e agora.

—Ah, Pequena! Não sabe quantas vezes fantasiei em te comer aqui, de pé encostada nessa porta. — Ele se afastou um pouquinho, o suficiente para abrir o zíper e deixar seu pau pular, duro e pronto, para brindar meu corpo. Afastou minha calcinha para o lado e segurou seu pau, pincelando a cabeça em minha abertura, subindo, roçando meu clitóris e repetindo, me deixando louca e gemendo baixinho, pedindo por mais.

—Amor, não judia de mim... — Supliquei, mordendo o lábio.

Ele me beijou, puxando meu lábio e mordendo de leve, enquanto entrava em mim, lentamente, centímetro a centímetro, indo e voltando, entrando mais um pouquinho a cada arremetida. Eu estava agarrada aos seus ombros, meu corpo tenso e trêmulo, à beira do orgasmo. A boca dele em minha pele, me tirava do sério, seu pau me preenchendo tão completamente, me levava ao delírio. O orgasmo ali, tão perto e Gui metendo devagar e fundo, meu Deus!

—Não Pequena, não goze. Estou louco pelo seu sabor, não pensei em outra coisa hoje. Você vai gozar na minha boca.

Um estremelecimento forte me percorreu e senti meu sexo se contrair fortemente em torno dele, a tonturinha gostosa me tomando... Fechei os olhos, encostei a cabeça na parede e gemi. Como parar aquilo? A sensação me consumia... Um tapa estalado em minha bunda me fez gritar e abrir os olhos.

—Em minha boca, Pequena. — Me segurou mais forte e andou alguns passos, me sentou no braço do sofá e escorregou pelo meu corpo, caindo de boca entre minhas pernas. Aquela boca quente, me chupando e lambendo, me tirou o restante do pingo de controle que eu ainda tinha e gozei agarrada aos cabelos dele.

—Mais, eu quero mais de você. — Seus dedos me invadiram, sua língua ficou mais suave, mas não parou de circular meu clitóris. Colocou uma mão sobre meu púbis e então ele começou a mexer os dedos, a mão e eu fiquei sem ar. Pela primeira vez eu soltei um palavrão e senti o riso dele em minha pele molhada. Em menos de um minuto ele me levou a um orgasmo tão forte que meu corpo convulsionou e perdi o controle de minhas pernas. Teria caído no chão se não fosse pelos braços dele, me segurando. Sentia as contrações da minha vagina, tão intensas! Eu estava fora de controle. E tudo isso com ele usando apenas dois dedos em mim!

Sem deixar de me segurar, ele agarrou minhas pernas e voltou para dentro de mim, no meio desse turbilhão de sensações. Seus olhos presos aos meus, eu vi seu rosto se transformar em uma máscara de prazer, sua respiração ofegante o obrigou a abrir a boca e um gemido delicioso saiu dela, junto com um estremecimento. Sentia meu corpo o ordenhando forte. Tão forte que chegava a doer. Ele cerrou os dentes e fechou os olhos, visivelmente segurando o orgasmo, mas não se aguentou e senti seu gozo quente me tomando por inteira e escorrendo pela minha bunda.

—Meu deus, Gui, o que foi isso! — Perguntei quando consegui coordenação suficiente para juntar as letras e formar as palavras.

—Essa é a Yoni. A massagem tântrica do orgasmo. Nunca tinha sentido em mim. É uma coisa louca. — Ele respondeu ainda

ofegante.

—Não se mexa Gui ou vou gozar de novo. — Gemi baixinho. As sensações não paravam, minha vagina ainda estava pulsando.

—Posso te fazer gozar assim de novo. — Falou rindo e me beijando.

—Ah, amor, eu não duvido...

Sem esforço ele ficou de pé, me levando com ele para o banheiro, onde me deu banho, me enxugou e depois nos deitamos, exaustos e dormi em seus braços.

Capítulo Trinta

Passei a semana procurando um salão para o casamento da Pam e enfim achei o lugar perfeito. Com o assunto resolvido, partimos para outras questões. Dividi com as amigas dela, todos os afazeres.

No final de semana, fui com Theo e Pam para a casa do Rick, em mais um de seus churrascos divinos. A casa deles era muito aconchegante e ali, eu me sentia em casa, já estava mais familiarizada com os bebês e a troca de fraldas já não era mais um bicho de sete cabeças. Eu queria ficar craque em cuidar dos bebês, para poder então, ter os meus próprios. Demoraria um pouquinho, mas um dia eles viriam.

Gui estava de plantão esse final de semana e eu não via a hora de chegar o próximo, meus pais já estavam avisados e tudo estava acertado. Somente um sentimento me definia: ansiedade!

Já era quase noite, quando Gui chegou com Bruno. Era tão raro dar certo de todos eles se encontrarem!

Sentamos em volta da piscina e o papo fico animado.

—Final de semana que vem vamos todos pra casa dos meus sogros. Vamos também grandão? Vamos levar meus afilhadinhos para conhecer o mar! Eles vão adorar e o mar lá é tão calminho...

—O que você acha, Anjo? Vamos?

—Eu adoro o mar! Vamos sim. — Jess respondeu, toda animada.

Theo olhou para Rick com uma cara nada boa e olhou para Pam. Depois os dois olharam para Guilherme, que assentiu com a cabeça. Rick passou as mãos pelo rosto e olhou para Jess. Meu Deus, tudo

isso por causa do bar? Como se as mulheres não soubessem os maridos que tinham!

—Na noite do sábado, nós poderíamos sair, ir dançar um pouco, sei lá... — Joguei a isca, só para ver Theo e Rick suarem frio.

—Ah! Quanto tempo eu não saio pra dançar... Vamos amor! Eu quero dançar a noite toda! — Jess se entusiasmou.

Rick deu uma olhada para Guilherme, como que dizendo: “Controle sua mulher!” Eu comecei a rir e me recostei no peito do meu amor.

—Amore, o que você tem? De repente ficou com essa cara amarrada. — Pam perguntou para Theo, que estava com aquela cara emburrada.

—Nada não, Neném. Vai ser muito bom sair pra dançar um pouco, não acha? — Theo abraçou Pam e lhe beijou os cabelos.

Coitado do meu irmão, não tinha escapatória. E nem Rick.

—Ah, se todos vão, vou dar um jeito de ir também! — Bruno era o mais animado dos três. Meu Gui, nem preciso dizer que estava louco com a perspectiva de me levar para nosso quarto novamente. Eu sentia o pau dele em minhas costas, duro e pulsando. Fingi arrumar minha camiseta, só para passar a mão nele. De repente me deu uma vontade de ir para casa... O calor do pau dele em mim estava me deixando em brasa.

Senti seu hálito quente em minha orelha e o escutei sussurrar.

—Chegando em casa, vou te dar uma prévia do final de semana. — Beijou de leve meu pescoço e apoiou o rosto em meu ombro, como se não tivesse me deixado à beira do orgasmo com aquela insinuação. Senti tudo dentro de mim revirar, meu estômago se encheu de borboletas e minha vagina pulsou. Meu Deus!

Conversamos mais um pouco, mas depois do papo da dança, os homens ficaram mais possessivos e sérios, abraçando suas mulheres, sempre as tocando e logo Theo se levantou, levando Pam com ele.

—O papo está bom, mas já estamos indo.

Mais do que depressa, Gui se levantou também e em minutos todos estamos indo embora.

—Você é uma capetinha, mexendo com eles daquele jeito. — Gui me disse, ao entrarmos no carro.

—Uhum, sei muito bem o que está se passando pela cabeça deles, nesse exato momento. — Não me contive e caí na gargalhada.

—Malvada. Você sabe muito bem o que vai acontecer. Elas vão se surpreender, assim como você, quando virem tudo lá. — Sei que a intenção de Gui era me dar uma bronca, mas nem ele conseguia ficar sério.

—Quem vão se surpreender, serão eles. Já conversei muito com as duas e sei que vão se amarrar em tudo. As duas são chegadas na coisa...

Eu estava doida para tê-lo só pra mim e pousei minha mão em sua perna. Meus dedos foram traçando pequenas carícias, por cima do jeans, chegando cada vez mais perto do que eu queria. Então, meus dedos vagaram para sua ereção e ele deixou escapar um suspiro. Abri a calça dele e seu pau delicioso escapou de seu confinamento, duro com a cabeça rosada. Me abaixei rápido, para que ele não pudesse me impedir e abocanhei, deixando-o entrar todo de uma vez. Gui soltou um palavrão e diminuiu a velocidade.

Continuei chupando até que chegamos em casa. Assim que ele parou o carro na garagem e o portão se fechou, ele saiu e andou até minha porta. Eu estava hipnotizada e muito excitada, vendo ele andar com o pau para fora, todo empinado. Ele me deu a mão e eu saí. Fechou a porta e me levou com ele, mas não chegamos até a porta de casa. Ele me agarrou pela nuca e me beijou. Um beijo possessivo e nada delicado. Seus olhos cinza faiscavam. Sua postura mudou e então meu jeans foi aberto e puxado para baixo, junto com a calcinha. Me apoiou no capô do carro e deixando minhas pernas presas na calça, levantou-as colocando meus pés em seu ombro. Sua mão se aventurou pelas minhas dobras, seus dedos me testando.

—Diga que você é minha, Pequena. — Sua voz estava rouca e ele lambia os lábios.

—Sou sua, meu Senhor.

Vi seu corpo estremecer e ele empunhou seu pau, me penetrando, arrancando de mim um grito de puro tesão. Ele levantou minha camiseta e subiu meu sutiã, agarrando meus seios.

Segurando minhas pernas, ele me rolou, deixando-me de bruços, sem sair de dentro de mim.

—Você foi uma pequena muito má. Me pegando de surpresa no carro. — Então sua mão desceu em minha bunda, estalando. Me fodia forte e batia na minha bunda. Meu corpo todo pulsava, meus seios inchados, com os mamilos duros, se esfregavam contra o metal do capô do carro, a cada investida, eu sentia meu sexo pulsar e apertar contra ele.

Minha pele pinicava e eu estava doida para gozar, mas sabia que só aconteceria quando ele mandasse. Meu corpo sabia e aguardava

a ordem.

Gui grudou seu corpo no meu e com a boca em meu ouvido, falou todo tipo de safadeza deliciosa.

—Quer gozar, Pequena?

Eu não conseguia falar, tamanha a minha concentração, segurando o orgasmo e apenas assenti com a cabeça.

—Então goza no meu pau. Goza pequena, me ordenha com essa bocetinha deliciosa.

Meu corpo, obediente, relaxou e gozei. Fiquei ali parada, tentando recuperar o fôlego. Ele saiu de mim e me pegou no colo, levando-me para dentro de casa.

—Eu não acabei ainda. — Disse, com um sorriso safado.

Estremeci, os resquícios do orgasmo ainda em meu corpo.

Ai ai, eu não poderia querer mais nada nessa vida! Meu homem, delicado, amoroso, possessivo e insaciável...

Capítulo Trinta e Um

—Mamãe, eu estou bem agora!

Havíamos chegado à casa dos meus pais há mais ou menos meia hora e quando minha mãe me viu, quase enlouqueceu.

—Olhe seus cabelos! Eu tinha que estar junto! Vocês dois mereciam umas boas palmadas! Como assim, minha filha quase morre e ninguém me conta nada! Não só vocês dois, vocês todos! — Minha mãe estava muito brava.

—Mãe, fizemos isso para não preocupar você e o papai. — Tentei argumentar.

—Que nada. A família tem que ficar junto num momento desses. Nós fomos ver a Pam, então foi por isso que ela ficou tão mal. Vocês são desalmados! Nossa Ella estava ali também e ninguém falou nada. NADA! — Minha mãe se sentou no sofá e colocando os cotovelos no joelho, enfiou as mãos nos cabelos, inconformada.

—Mãe. Eu estou bem. E cheia de vida! — Me arrisquei a chegar perto dela e me sentei ao seu lado. —Eu pedi que não contassem nada. A saúde do papai já é frágil, o diabetes dele é emocional mamãe, já pensou o que poderia acontecer se soubesse? Eu estou curada, graças a Pam. Gui cuidou de mim o tempo todo e Bruno era o enfermeiro mais atencioso do mundo... — A abracei e encostei a cabeça em seu ombro.

—E você, Guilherme, vocês dois estão juntos... Ah, é muita coisa pra minha cabeça...

—Então, quero aproveitar que estamos aqui e pedir a mão de Ella em casamento oficialmente para vocês. A ela eu já pedi. — Gui

pegou minha mãe e mostrou aos meus pais. —Ella já carrega meu anel e em breve levará meu nome no dela. O que me dizem, Seu Sérgio, Dona Sirley, me concedem a mão de Ella em casamento?

—Menino eu já lhe tenho como filho há anos. Seja bem-vindo, oficialmente, à família. — Escutei meu pai dizer, sorrindo. Minha mãe, que estava toda brava, ficou com os olhos marejados. A braveza, esquecida.

Nisso, Theo entrou na conversa.

—Ótimo, vamos todos sair hoje para comemorar.

Só em me lembrar que iríamos ao bar, minha pulsação acelerou. E isso não passou despercebido por Gui, que segurava a minha mão.

—Isso, nós ficamos com os bebês, Rick. Pode ficar sossegada Jess, que eu tenho muita habilidade com bebês. Criei esses dois! — Minha mãe brincou, secando as lágrimas. —Tem a minha benção, meu filho. — Minha mãe se levantou e abraçou Guilherme.

Graças a Deus, Guilherme mudou o foco da conversa. Sei que fiz errado em não contar aos meus pais, mas errei tentando acertar e no final foi o melhor para eles.

À tarde fomos passear na praia e as lembranças do nosso mergulho me atingiram com força total. Hoje à noite, descontaria todo meu tesão quando estivéssemos em nosso quarto... Hummm.... Um estremecimento percorreu meu corpo e meu Dr. Tentação me abraçou mais forte, me puxando para seu corpo.

—Está com frio, Pequena?

Olhei para ele, que sorria descaradamente.

—Vai ver o meu frio hoje à noite... — Me virei e mordi de leve seu peitoral.

—Ella, não seja má, conte pra nós duas o quê tem de tão especial nesse bar, para que nossos maridos ficassem tão arredios a cada vez que perguntamos sobre isso! — Pam tentou saber, pela milésima vez hoje!

Eu ri e balancei a cabeça.

—Se eles não disseram nada, eu é que não vou abrir minha boca. Já dei um jeito para que vocês conhecessem, agora é com eles. — O sorriso idiota que surgiu em minha boca assim que comecei a me arrumar, continuava presente.

—Rick me deu uma dicazinha. Disse que hoje eu serei sua menina. — Jess falou, ficando com as bochechas rosadas ao tentar disfarçar a excitação em sua voz.

—O que? Rick também é assim? — Pam arregalou os olhos, encarando Jess no espelho.

Eu não me contive e caí na gargalhada.

—Pam, você nunca percebeu o jeito que Rick a mantém em rédea curta? Como faz tudo por ela e está sempre em cima?

—Eu sempre percebi que meu primo era mandão, mas um Dom? Cacete! Theo não gosta que eu o chame de Senhor. Uma vez eu o chamei assim, ele só faltou espumar de raiva. Mas de resto... — Pam contou, rindo também.

—Gui fica doido. E se eu falo umas coisinhas a mais então, ui ui ui! — Eu estava gostando daquela brincadeira. Jess era a mais tímida para falar sobre isso, Pam já era mais solta.

—Uma vez, logo que começamos, eu me algemei, coloquei uma venda e fiquei esperando por ele só de sapatos de salto. — As bochechas de Jess ficaram ainda mais vermelhas.

Pam arregalou ainda mais os olhos.

—Não acredito!!! Você, com essa carinha Jess! Cacete!

— Acho que, porque eu estava doente, ele nunca pegou pesado mesmo comigo, mas eu percebo que ele está cada vez mais intenso e mandão. Quem sabe... — Me calei antes que eu revelasse tudo, sem perceber.

Pam piscou para nós duas, com uma cara de safada que cheguei a ficar com dó do pobre do meu irmão. Bem, quase.

—Bem, então eles que nos aguardem.

—Vou amamentar os pequenos. Se a coisa vai ser assim hoje, não quero ficar como uma vaca leiteira. — Jess deu uma ajeitada nos cabelos, verificando sua maquiagem no espelho.

—Se precisar de uma mão, logo que eu acabar aqui vou lá te ajudar. — Pam ofereceu.

—Eu vou também, já, já.

Jess saiu e ficamos só nós duas no banheiro dos meus pais, terminando a maquiagem.

—Não vai abrir mesmo? —Ela tentou novamente.

Eu apenas fechei minha boca e fingi passar um zíper nela.

—Você vai amar o lugar. Sei disso.

Terminamos e fomos ajudar com os gêmeos. Em três o trabalho de amamentar e trocar os bebês foi finalizado rapidinho e deixamos os dois dormindo como anjinhos.

—Bem, vamos logo, aqueles três devem estar andando de um lado para o outro na sala. — Pam disse baixinho, nos empurrando em direção à porta.

Chegamos na sala e PUTA QUE O PARIU! Os três estavam em suas calças de couro negro e camisa branca. Um suspiro coletivo se seguiu a essa visão.

Gostoso! Meu Dr. Tentação estava... Uau!

Sem palavras.

Meu tesão foi às alturas, só de olhar aquela calça. Qualquer dúvida sobre o que iria acontecer depois, certamente estava descartada. Não, definitivamente descartada.

—Vamos Pequena. — Escutei meu Dr. Tentação dizer e foi seguido por um "Vem, Anjo." E um "Você tá uma delícia, meu Neném lindo."

Nos olhamos e nenhuma de nós conseguiu dizer uma palavra, apenas pegamos as mãos estendidas para nós.

Fomos cada casal em seu carro, mas chegamos juntos ao bar.

Entramos e como todos já estávamos bem quentes, fomos direto para a pista. Logo o garçom chegou trazendo nossas bebidas.

—Já tinha deixado avisado o que iríamos querer, para poupar um pouco de tempo. Estou louco para te levar ao nosso quarto. — Gui falou em meu ouvido.

Olhei em volta e, Rick e Jess estavam bem envolvidos na dança, assim como Theo e Pam.

Bruno chegou, acompanhado por uma loira, de cabelos compridos, enfiada em vestido vermelho justíssimo. Nos apresentou e percebi o olhar de Gui para ele, como se perguntando "Tenho que guardar o nome? ", Bruno apenas sacudiu a cabeça negando. Bruno era mesmo indomável.

Dançamos umas três músicas e eu aproveitava cada momento para atirá-lo ainda mais. Sentia seu pau roçando em mim e já estava quase pedindo por favor, que me levasse, quando ele pegou minha mão. Olhou para Rick, que cutucou Theo. Fomos todos até o balcão do bar e Gui estendeu a mão.

—Henrique, as chaves.

—Sim, Senhor Santos.

Logo três chaves, uma negra e duas coloridas foram entregues em sua mão.

Gui se virou e entregou uma chave para Theo e outra para Rick.

Bruno não se deu ao trabalho de pegar uma chave e estava sussurrando alguma coisa para a loira.

Arrisquei uma olhada para as meninas, que estavam olhando para seus maridos com os olhos arregalados.

Fomos andando pela multidão até a porta ao lado do palco e entramos, Bruno à nossa frente e com os quatro atrás de nós. Eu queria ver a reação das meninas, então parei de lado e segurei a mão do Gui. Ele percebeu e deixou que eles passassem.

Jess assumiu uma postura submissa na hora e Rick pareceu crescer ainda mais, ficando ereto, a olhando de uma maneira que ateavam fogo no ar, tamanho o tesão que havia entre eles. Theo e Pam, eram um pouco diferentes. Ele abria as cortinas e olhavam lá dentro, abraçando-a por trás e falando alguma coisa em seu ouvido. Bruno, que havia entrado primeiro, conduziu a loira pela cintura e seguiu direto para um dos quartos dos fundos, aqueles com cenários. Com ele era assim, pá pum!

Rick era todo senhor da situação, conduzindo Jess pela nuca, apontando para as cortinas e seguindo em frente, acho que devia estar explicando, como Gui fez comigo. Meu irmão, nem olhei muito, eca. Depois eu ia querer saber o que elas tinham achado do lugar. Mas agora, eu queria meu Dr. Tentação. Muito. E de todas as maneiras!

—Vamos Pequena, estou morrendo um pouco aqui, parado.

Gui me colocou a sua frente e me segurou pela cintura.

—Você já sabe o caminho. Vamos para o nosso quarto, minha pequena e doce menina.

Foi me guiando, desviando dos casais que se beijavam ou procuravam um lugar por ali, até que chegamos ao final e em frente da porta negra. Ele passou os lábios pelo meu pescoço e se inclinou atrás de mim esticando a mão e, colocando a chave na fechadura, girou, empurrando a porta.

—Bem-vinda, Pequena, ao nosso quarto. — Andou, me levando com ele para dentro...

Capítulo Trinta e Dois.

Caminhei até o meio do quarto enquanto Gui trancava a porta.

Eu tremia toda, em antecipação ao que iria acontecer. Como seria hoje, sem o fantasma da doença pairando sobre mim?

Guilherme se virou e seus olhos brilhavam. Ele estava com aquela cara de quem não estava de brincadeira. Seu olhar me deixou em chamas.

Tesão...

Arrepios...

Uma tonturinha gostosa tomou conta de mim e ali naquele momento, eu não era capaz de lhe negar nada. Eu estava totalmente entregue a ele, somente com a força daquele olhar.

Veio em minha direção, todo senhor de si, parecendo ainda maior em sua postura Dominante. Chegou bem pertinho e passou os dedos pelo meu rosto. Segurando com a mão em concha em meu queixo, ergueu meu rosto e encostou os lábios nos meus.

Leve, muito leve... Se afastou e me prendeu com seu olhar.

—Tire a roupa pra mim. — Seu tom de voz, imperativo e rouco não dava lugar para nada e sob seu olhar atento, retirei minhas roupas, ficando de calcinha e sutiã.

Guilherme não mexeu um músculo.

—Tudo, Rafaella.

Meu corpo todo tremia incontrolavelmente, mas obedeci.

Por um tempo que me pareceu uma eternidade, ele me observou e eu ali, parada e tremendo, esperando sua próxima ordem.

—Muito bem, minha Pequena. Paciência e obediência. Duas coisas fundamentais. Agora vou foder você, nesse balanço, amarrada. — Seus olhos brilhavam na semiescuridão do quarto.

Meu tesão subiu às alturas. Minha boca ficou seca.

Ele abriu as algemas que estavam conectadas em cima, bem no meio do balanço e as dos tornozelos. Me pegou no colo e me sentou entre as tiras de couro acolchoado, elevou meu braço e prendeu uma alema em meu pulso; fez a mesma coisa ao outro e em meus tornozelos. Atou uma faixa pela minha barriga, prendendo-me as faixas laterais.

Me rodou no balanço e me senti leve... Ri, deliciada. Agarrando uma das tiras, ele me puxou e tomou minha boca, num beijo possessivo. Me inclinei para frente, querendo mais, mas ele apenas se afastou e me girou novamente. Parando, sua boca agora chupou meu mamilo. Gemi, com a sensação. Outro giro e sua boca foi para meu outro seio, sua mão deslizando pela minha pele, até o meio das minhas pernas.

Eu estava com os braços para cima, com as mãos atadas e com as pernas abertas, presas pelos tornozelos, sem conseguir fechá-las, completamente aberta para ele.

Ele impulsionou o balanço e cada vez que eu chegava perto dele, eu era penetrada por seu dedo. Então ele abriu o zíper da calça e seu pau pulou, duro. E o que me recebeu, desta vez, foi ele.

Gritei com a investida, na altura exata, rápido e profundo, nossos corpos se chocaram uma, duas, cinco vezes... A sensação de flutuar, fazia com que meu fogo se alastrasse sem contenção e saber que ele estava ali, me amparando e cuidando, fazia com que eu me entregasse totalmente as suas vontades.

—Confia em mim, Pequena?

—Com a minha vida, Senhor.

Gui puxou o ar entre os dentes e me arrepiei.

Ele prendeu uma outra faixa, pela minha frente, abaixo dos meus seios e outra acima deles e entre meus tornozelos ele prendeu uma barra. Com um mexer de cordas, o balanço virou, me deixando na horizontal, olhando para o chão. Me assustei, mas sabia que ele não me deixaria cair.

—Você é perfeita, Pequena. Nem um grito. Perfeita. — Acariciou minha bunda.

A próxima coisa que senti foi sua boca em mim. Em minha bunda! Gemi, incapaz de conter. Eu não podia ver o que ele fazia em mim, mas olhando por baixo, eu via seu pau lindo, empinado, grosso... eu o queria em minha boca. Eu poderia pedir? Ou deveria deixar com que ele fizesse o que bem entendesse comigo?

Minha vontade foi esquecida quando ele meteu dois dedos em mim e começou com aquela massagem do outro dia. Em minutos eu estava gozando alucinadamente. Ele tirou os dedos de dentro do meu corpo.

—Pequena, prepare-se.

Mal tive tempo de pensar e ele se meteu em mim, segurando pelas faixas laterais do balanço, ele começou a meter forte e rápido. *Ah, o meu Dr. Britadeira!*

Meu orgasmo não tinha fim. Gemia, choramingava... mas não queria que aquilo acabasse.

—Rafaella, vou comer sua bundinha. Esse rabo gostoso está me atentando. Você quer? — Guilherme perguntou, enquanto passava o polegar em meu ânus, pressionando, me deixando com vontade.

Eu não tinha me recuperado do orgasmo devastador que sua massagem tinha me proporcionado e realmente eu não me via capaz de articular uma palavra.

Um tapa ardido em minha bunda, me fez voltar à realidade.

—E como eu quero... Não demore, Senhor. Te quero de todas as maneiras. — Ele saiu de mim e abaixou um pouquinho mais o balanço. — Mas antes, eu o quero em minha boca.

Guilherme gemeu. Um gemido rouco, torturado. Então ele deu a volta e ajustou a altura, para que eu o chupasse, arrastando as algemas pelas tiras, deixando meus braços abertos e me segurei nas faixas laterais.

Como uma criança que recebe seu pirulito preferido, lambi aquele pau delicioso. Comecei a me balançar sozinha, me impulsionando lentamente, ele indo cada vez mais fundo em minha boca. Ele ali parado e eu, mesmo amarrada àquele balanço, o tive para mim e aproveitei cada instante daquela chupada deliciosa.

Quando eu o coloquei todo em minha boca, Gui parou o balanço. Fui ficando sem ar, flutuando naquele balanço, um calor se apoderou de mim, senti meu rosto esquentando... e então ele saiu da minha boca. Respirei fundo e quase gozei novamente. Meu Deus, amei aquilo.

—Outra vez, Senhor. Faça outra vez. Por favor. — Implorei.

—Eu criei uma monstrinha...

Encostou seu pau em meus lábios e foi entrando devagar, movendo o balanço lentamente, fodendo minha boca, até que estava todo dentro dela e fez novamente. Eu seria capaz de gozar daquela maneira. Ele tentou sair da minha boca, mas suguei mais forte, deixei que saísse apenas o suficiente para que eu conseguisse

respirar novamente e impulsionei o balanço. Continuei até que ele me parou, gemendo.

—Tem certeza de que quer isso? — Sua voz estava rouca e a respiração ofegante.

Para confirmar, suguei novamente. Com a língua acariciei a base de seu pau. O balanço recomeçou seu movimento e quando ele estava novamente todo dentro da minha boca, gemeu meu nome, gozando fundo em minha garganta.

Acariciando meu rosto, ele se afastou, se abaixou e me beijou a boca, com paixão.

—Você testa todos os meus limites, Pequena.

Recolocou o balanço em posição normal e começou a me soltar. Me pegou no colo e me levou para a cama. Alcançou um hidratante na prateleira e massageou meus braços e pernas, até que eu estava molinha e sonolenta.

Então se deitou ao meu lado e me abraçou.

—Te amo tanto, Pequena... Você me completa. Parece que foi feita para mim, em todos os sentidos. Aceita tão bem esse meu lado louco... Suas reações, suas vontades, apenas complementam quem eu sou.

—Também te amo, meu Dr. Tentação. Muito muito.

Ele levantou meu rosto, fazendo que o encarasse. Ele estava muito sério, mas seus olhos brilhavam divertidos.

—Rafaella, você sabe que vou ter que te punir, não sabe?

Estremeci. Não por medo, mas de tesão. Me lembrei da cadeira e do que aconteceu da outra vez e aquela bobeira e sonolência fugiram para as montanhas...

Meu olhar correu para a cadeira. Guilherme riu de mim.

—Não Pequena, essa não é a única maneira de punição, embora eu perceba que, pela sua reação, seria muito bem absorvida e aproveitada. — Seus olhos se estreitaram e o cinza quase sumiu. — Hoje você vai aprender um pouco mais sobre punições.

Cacete! Minha pele se arrepiou, com seu tom de voz ameaçador.

Foi até a prateleira e voltou com umas fitas e começou a prender meus braços, juntos, em uma variedade de nós intrincados.

Eu observava seus músculos se mexendo ali, tão perto, que fiquei com vontade de lambê-lo. Aquilo acrescentaria um pouco mais à minha punição? Louca para aticá-lo, coloquei a língua para fora e lambi a pele exposta.

—Rafaella! Não queira aumentar ainda mais seu castigo. — Seu tom de voz estava realmente muito sério.

Resolvi obedecer e respirei fundo. Ele pegou a ponta da fita e prendeu-a na cabeceira da cama.

Retornou à prateleira e de costas para mim começou a mexer por ali e escutei um clique. Um cheiro gostoso de canela tomou conta do quarto... Ele se virou para mim e em suas mãos estavam um chicote de camurça e um recipiente de vidro com uma vela acesa dentro.

Um sorriso safado surgiu em seu rosto e creio que o medo no meu era visível também.

—Está pronta para sua punição, Rafaella?

Engoli em seco, antes de responder.

—Sim, Senhor.

Minha voz saiu rouca, meu corpo traindo meu medo, excitado ao extremo.

—Olhe sempre em meus olhos.

Assenti com a cabeça e vendo sua cara de desaprovação, emendei.

—Sim, Senhor. — Eu havia começado com essa coisa de Senhor e teria que levar adiante. *Concentre-se Ella!* Ordenei a mim mesma, em pensamento.

Ele começou a passar o chicote por minha pele e a excitação cresceu em mim. Então sem aviso ele deu uma chicotada em meu seio, repetindo no outro. A partir daí uma saraivada de açoites percorreram meu corpo todo... Eu estava preparada para a dor, mas o que senti foi como uma massagem pelo meu corpo que começou a formigar em todos os lugares tocados pelas pontas.

Seus olhos escurecidos me encaravam, atentos à minha reação. Um sorriso malvado surgiu em seu rosto e engoli em seco. Minhas paredes internas contraíram-se.

Ele ficava muito gostoso dessa maneira! Meu Deus!

Virando o chicote ao contrário ele girou a base, que vibrava e encostou alternadamente em meus mamilos até me ter gemendo e me contorcendo na cama. Desceu-o pela minha barriga e o encostou no V entre minhas pernas.

—Abra as pernas para mim, Rafaella.

Como negar? Meu corpo obedeceu antes que eu tomasse consciência das palavras. O cabo do chicote escorregou entre minhas dobras e meu corpo estremeceu fortemente.

Quando eu estava a segundos de um poderoso orgasmo, ele parou, colocou o chicote ao meu lado na cama e pegou a vela que já estava bem derretida dentro do recipiente, assoprou apagando a chama.

Se abaixou e lambeu meus lábios. Minha boca foi seca para um beijo, mas esse beijo não aconteceu. Gemi frustrada.

Foi descendo e senti sua língua em meu mamilo, rodeando e sugando um após o outro... Ergueu o recipiente com a vela, me mostrando e aquele sorriso malvado voltou aos seus lábios.

Cara de safado. Meu safado!

Olhando-me nos olhos, ele virou um pouco de cera derretida em meu mamilo. Puxei o ar entre dentes e seu sorriso cresceu. Fez uma trilha de gotas até meu outro mamilo, onde derramou mais uma porção de cera. Aos poucos foi deixando uma trilha de cera pelo corpo e, levantando a vela bem alta, deixou cair uma cachoeira de gotas entre minhas pernas, deixando que apenas uma pequena quantidade encostasse em meu clitóris...

O calor me consumiu, junto com um orgasmo delicioso. Gemi seu nome e me entreguei às sensações.

Estava recuperando o fôlego quando o som de um clique me chamou a atenção. Ah! Meu Dr. Tentação e seu fetiche por fotos. A câmera devia estar ligada desde o início... Sorri, incapaz de conter. Fazia algum tempo que ele não tirava fotos assim e eu já estava começando a estranhar.

—Aqui está a segunda parte da punição. — Ele retirou a cera endurecida de meus seios e onde antes estava morno, ficou gelado; me arrepiei.

A cera endurecida virou um molde perfeito dos meus seios. Gui os colocou sobre a prateleira, como troféus. Retirou toda a cera de meu corpo e comecei a tremer, pela sensação de abandono do calor sobre a minha pele. Sobre meu sexo se formou um molde também, que foi parar ao lado dos outros na prateleira.

Novamente me soltou e desfez os nós de meus braços. Outra massagem em meus ombros e ele se deitou ao meu lado. Sem uma palavra, ficamos abraçados, presos em uma magia só nossa, no nosso momento, em nosso quarto do prazer.

Capítulo Trinta e Três

Horas depois, saciados e felizes, saímos do nosso quarto e voltamos para a casa dos meus pais. Aparentemente fomos os primeiros a voltar. As meninas deveriam estar doidas lá ou adormecidas, como eu, na minha primeira vez.

Eu iria querer saber tudo o que elas sentiram, se gostaram do lugar, enfim, TUDO!

Fomos direto dormir. Gui me deixou na porta do meu quarto e foi para o sofá da sala. Meus pais eram meio antiquados e por não sermos casados, não podíamos dormir juntos, enquanto estivéssemos aqui, na casa deles. Guilherme já os conhecia bem, já que frequentava a casa desde a adolescência.

Encostei a cabeça no travesseiro e adormeci no mesmo instante.

Pela manhã, tomei um banho, coloquei o biquíni, um vestidinho, chinelos e fui para a cozinha, tomar café. Quando cheguei à porta da cozinha, dei de cara com a bagunça de todos conversando, sentados à mesa, comendo. Os bebês estavam no carrinho, mexendo as perninhas e os bracinhos.

Fui para a cadeira vazia, ao lado de Guilherme, que se abaixou em minha direção, encostando os lábios nos meus, me olhando de um jeito cúmplice.

—Bom dia, Pequena.

—Bom dia, amor. Bom dia para todos! — Sorri e olhei para as meninas, com cara de quem diz. *Eu sei o que vocês fizeram ontem à noite!* As duas enrubesceram e voltaram a atenção para a comida

em seus pratos. Eu ri baixinho e Guilherme apertou minha perna por baixo da mesa, me advertindo.

Comemos e conversamos banalidades, mas eu estava louca para irmos logo à praia. Eu queria saber! Ah, essa minha curiosidade!

Cerca de meia hora depois do café, estávamos saindo em direção à praia, os homens carregados de coisas, pois tinham que levar as cadeirinhas de descanso dos bebês, guarda-sóis, cadeiras e cooler, entre outras coisas, enquanto nós, mulheres íamos atrás. Jess e Pam seguravam os bebês e eu ia sem nada.

Que mania de acharem que eu ainda estava doente. *“Você está em recuperação, Ella. Não vai carregar peso, na realidade não vai levar nada, me dê isso aqui.”* Foi o que minha mãe me disse quando estávamos saindo e colocou minha bolsa no ombro do Gui. Como eu não queria contrariar, pois estava me sentindo culpada por não ter contado nada para ela sobre minha doença, deixei. Guilherme sorriu para mim, aceitando e entendendo o que minha mãe havia feito, então, paciência.

Os rapazes colocaram as cadeiras, esteiras e os guarda-sóis de forma em que todos ficássemos na sombra, principalmente os bebês.

Caramba, esses homens estavam possessivos demais hoje! Eu queria uma brechinha para poder conversar com as meninas, mas eles estavam terríveis! Não saíam de perto um segundo, sempre cuidando, trazendo coisinhas, comidinhas, sucos, num paparico daqueles. Nós três querendo conversar e nossos respectivos Senhores não deixavam.

Estavam em modo “ela é minha e ninguém toca”. Rick estava mais do que todos, pois ele tinha seus filhos também e estava em

modo homem das cavernas, tocando Jess o tempo todo, parecia um gavião em volta deles. Theo assumiu seu posto ao lado de Pam, de mãos dadas, ele acariciava o dedo dela o tempo todo e os olhares estavam mais do que quentes. Pensei “*é acho que a noite deles foi boa, para estarem desse jeito hoje*”. Pam que normalmente era faladeira e toda dona da situação, estava dócil e nas mãos de Theo.

Meu Gui também estava assim, mas ele era o tempo todo, então não era surpresa para mim.

A tarde passou e a noite chegou. Todos jantamos a comida maravilhosa da minha mãe e de repente, todos resolveram dormir mais cedo. Eu não queria me afastar de Gui e fomos passear pela cidade. Passamos em uma sorveteria e compramos um pote de sorvete e calda de chocolate. Ele pediu colheres extras e fomos embora.

Continuamos com nosso passeio e então ele parou o carro.

—O que aconteceu, Gui? Por que estamos aqui? — Olhei em volta e estávamos em frente ao hotel, que ficamos da outra vez que fomos ao bar.

—Porque vamos tomar esse sorvete. E você vai ser minha taça. — Tomou minha boca com uma paixão que me vi rendida a ele em um instante. Tão rápido quanto começou o beijo, acabou e ele saiu do carro, vindo abrir minha porta. Saí do carro e ele entregou a chave para o manobrista. Chegou na recepção, se apresentou e pegou a chave. Fiquei olhando, abobada para ele, que se explicou.

—Eu já havia ligado e reservado, vamos Pequena, não aguento mais de vontade de te ter só para mim.

Ah, aquele fogo de ontem me consumiu e me vi querendo tanto quanto ele.

Pegamos o elevador e ele me puxou pela mão até o quarto, abrindo a porta, com pressa.

—Pequena, vamos tomar um bom banho de banheira. — Guilherme disse, rindo, horas depois. Estávamos totalmente melecados de sorvete e calda de chocolate. A cama então, meu Deus! Teríamos que pagar um adicional só para reposição da roupa de cama!

—Uhum. — Lambi seu peitoral, pegando um pouco da calda que estava ali.

Guilherme riu mais alto e me deu um tapa na bunda.

—Insaciável.

—Culpa sua. Eu era uma anjinha. — Brinquei com ele, me espreguiçando.

—Sim, eu sei. Agora eu tenho uma diabinha, uma monstrixinha. — Se abaixou e me beijou na boca. —Vamos, Pequena. Levante-se.

Gui foi até o banheiro e escutei o barulho da água enchendo a banheira. Então ele voltou e vendo que eu não havia me levantado, me pegou no colo. Já no banheiro, entrou na banheira comigo ainda em seus braços e se sentou, me colocando entre suas pernas. Me lavou com cuidado e me entreguei ao seu carinho, me recostando em seu peito.

—Isso, Pequena. Você é minha e vou te cuidar sempre, zelar pelo seu bem-estar, pela sua felicidade.

—Sim, amor, sou sua e só sua.

Nesse momento, felicidade era meu nome.

Capítulo Trinta e Quatro

O tempo voou, com todos os preparativos, e hoje o dia seria de princesa para todas nós. Estávamos na casa da Diana, sua sala tinha sido transformada em um salão de beleza e estávamos nos arrumando para o casamento de Theo e Pam. Os bebês estavam sendo cuidados pela minha mãe e os filhos de Jess, só os veríamos na igreja.

Jess, Diana e eu ficamos junto com Pam até a hora em que Rick veio buscá-la. Estávamos todas de vestidos lilases bem clarinhos, pois éramos as madrinhas. Pam estava linda em seu vestido de noiva branco de decote reto, tomara que caia, rendado com detalhes de rosas, que era ajustado até a cintura, de onde saía uma saia ampla e cheia, com uma calda discreta. Cristais *Swarovski* ornamentavam todo o vestido. Os cabelos estavam presos, com cachos emoldurando seu rosto e com uma tiara de ouro branco toda com detalhes de mini rosas e ramos e um véu não muito longo. Ela estava deslumbrante! A coitada passou mal o dia todo, nós sabíamos muito bem o motivo daquilo tudo, mas ainda bem que tinha passado.

Na hora combinada, a campainha tocou e era Rick, com a limusine. Fomos para a igreja com Diana, seguindo-os.

Quando chegamos à igreja, Camy e Erick estavam nos esperando com os pequenos. Diana e eu nos postamos a frente de todos, pois entraríamos carregando os bebês, que eram os pajens.

A porta se abriu e a marcha nupcial começou a tocar. Entramos, seguidas por todas as amigas de Pam e ao final da fila, ela e Rick.

A cerimônia foi linda e emocionante. Logo após fomos para o salão, onde seria a recepção. O salão estava primorosamente decorado.

Os noivos chegaram bem depois de todos e foram recebidos com palmas. Eles estavam radiantes e felizes. Sei que meu irmão ficaria exultante em pouquíssimo tempo!

—Minha Pequena, me dá a honra dessa dança? — A voz de Guilherme me surpreendeu.

—Claro, meu Dr. Tentação. — Dei a mão para ele, que me conduziu até a pista, me prendendo em seus braços.

—Logo mais seremos nós, dançando nossa primeira música como marido e mulher. — Sussurrou em meu ouvido.

Olhei em seus olhos.

—Te amo Guilherme Santos. Com cada fibra do meu ser, eu te amo. Pode marcar a data, que me caso com você quando quiser.

—Bem, então vamos nos casar no dia dos namorados. Doze de Junho. Está bom? Dará tempo para seus cabelos crescerem mais um pouco, como você queria, para providenciar tudo o que precisa, sem pressa... — O interrompi com um beijo e escutamos o riso de Pam, e olhamos para os dois.

Theo a girava nos braços, beijando todo o rosto dela.

—O que está acontecendo ali?

—Pam contou a novidade para meu irmão.

—Ela e ele vão ter... — Ele olhava com a boca aberta para os dois.

—Sim, seremos titios em breve.

—Ah, eu quero os nossos também! — Ele me pegou nos braços, imitando meu irmão, me rodando, rindo.

—Logo após nosso casamento, começaremos a tentar. — Me beijou com paixão.

—Até lá, vamos treinando... — Disse entre beijos.

—E muito. A prática leva a perfeição! — Me prendeu entre seus braços, num abraço delicioso.

—Eu também te amo, minha Pequena, minha menina, minha vida, meu tudo!

Olhei em volta. Todos estavam felizes e dançando. Até Bruno estava acompanhado da loira do bar. A doença e a morte não me rondavam mais e em seu lugar a felicidade imperava.

Nos braços de meu Dr. Tentação, o futuro agora tinha uma perspectiva ...

Epílogo

Nove meses depois.

Há um mês atrás, fizemos nossa primeira sessão de fertilização. Hoje iríamos fazer a ecografia, para ver se eu estava grávida.

Eu sentia borboletas em meu estômago e estava muito apreensiva.

—Calma, Pequena. O que tiver que ser, será. Sua menstruação está atrasada. Eu tenho certeza de que seremos papais em breve. — Guilherme aparentava estar calmo, mas não me convenceu.

—Essa calma toda, vem de onde?

—Vem de anos de prática. — Ele riu, demonstrando seu nervosismo. — Vamos tomar um banho e nos aprontar. Já, já vamos ver nosso pontinho na TV, igual a ecografia da pequena Gigi.

Deixei que me levasse para o banheiro e me lavasse, como ele gostava de fazer. Em meia hora estávamos prontos e no carro, a caminho da clínica.

Eu não tinha comido nada, pois se estivesse mesmo grávida, já faríamos os exames necessários para o pré-natal, apenas tomado água para poder fazer a ecografia. Estava louca de vontade de fazer xixi, mas teria que esperar, já que era uma exigência para a realização da eco.

Suspirei. Será que eu estava grávida? Será que tinha dado certo? Dúvidas infundáveis ecoavam em minha cabeça...

—Calma, Pequena. Respire fundo e conte até dez. Estamos chegando e em menos de quinze minutos teremos a confirmação.— Pegou minha mão e beijou minha aliança.

Chegamos e Guilherme estacionou o carro, na maior lerdade da terra! Eu queria sair correndo, entrar na clínica e ir direto e reto para a sala de exames.

Entramos, a recepcionista pegou nossos dados e nos encaminhou para a sala de espera da eco. Nos sentamos e a vontade de fazer xixi aumentou ainda mais. Fiquei ali, balançando as pernas, cruzadas, até que nos chamaram.

— Senhora Rafaella Santos.

Nos levantamos e entramos na sala.

—A Senhora pode se trocar por favor. Tire toda a roupa, da cintura para baixo e se deite ali. Pode se cobrir com o lençol. Coloque uma perna em cada lado, aqui em cima. O doutor já vem.

— A enfermeira nos disse, saindo.

Rapidamente fiz o que me foi dito e me deitei na mesa, ao lado da máquina, de frente para uma televisão.

Meu corpo tremia de nervoso.

Guilherme se postou atrás de mim e começou a massagear meus ombros.

—Calma, eu estou aqui com você.

Ele me deu um beijo na testa e a porta se abriu.

—Bom dia! Como estamos hoje? Prontos para o que der e vier? — O Dr. Cesar era um homem grisalho e sempre muito bem-humorado.

— Lembrem-se, se não for dessa vez, tentaremos novamente. A chance de sucesso é alta, foram implantados cinco embriões.

Ele se sentou à frente da máquina e começou a digitar os dados no computador e eles foram aparecendo na tela.

— Vamos lá? Relaxe, isso não vai doer nada. — Chegou com a sonda, revestida com um preservativo, no meio das minhas pernas.

Uma imagem desfocada e cheia de ranhuras apareceu na tela da TV a nossa frente.

— Uau! Parabéns! Vocês vão ser papais! Estão muito bem implantados.

O ar me faltou e tive que respirar fundo.

— Como é doutor? Implantados?

Guilherme apertou meus ombros e uma gota pingou em meu rosto. O olhei e ele chorava, olhando a tela da TV.

—São três, Pequena! — Ele disse, emocionado, com a voz embargada.

— Isso mesmo. Três embriões se implantaram perfeitamente. Você vai ser mãe de trigêmeos. Parabéns!

Óbvio que sabíamos da possibilidade de uma gravidez de múltiplos, mas aquilo me pegou de surpresa e comecei a chorar e rir ao mesmo tempo. Guilherme deu a volta e me deu um beijo na boca.

—Três! Passamos a perna no Rick e no Theo! Yes! — Ele deu um soco no ar, feliz da vida.

Dr. Cesar imprimiu a foto dos nossos pontinhos e nos entregou.

—Pode se limpar e se vestir, Rafaella. Espero vocês no meu consultório.

Saiu, nos deixando sozinhos.

Guilherme estava com um sorriso de orelha a orelha. Meu Deus, três bebês de uma só vez! Que Deus nos ajudasse!

Fim

A Autora

KACAU TIAMO



Kacau Tiamo nasceu em 76, na cidade de São Paulo e atualmente mora no interior. Morou 15 anos em Porto Alegre, onde se formou em Educação Física. Acredita que o amor ultrapassa barreiras, distâncias ou preconceitos. É uma mulher que corre atrás do que acredita e não para até conseguir o que quer. Então, em outubro de 2013, ela resolveu dar vida a uma antiga vontade, escrever. Assim nasceu *Calor Latente*, seu primeiro romance adulto.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais para saber mais sobre os projetos e próximos lançamentos:

[**Blog oficial**](#) | [**FanPage**](#)

Instagram : @kacautiamo

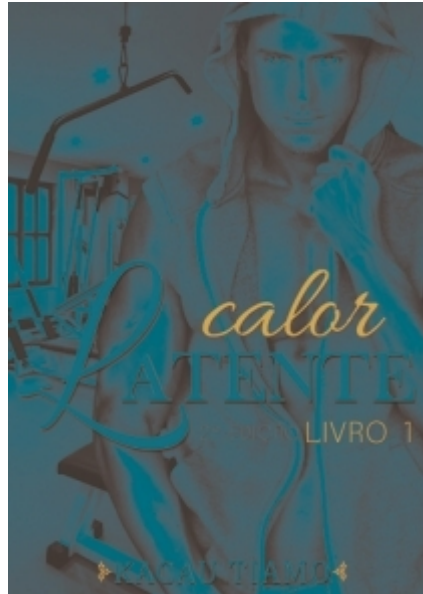
Wattpad: @KaCauTiamo

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Outras obras na Amazon

Conheça outros romances da autora:

CALOR LATENTE



JÁ À VENDA NA AMAZON EM E-BOOK.

Jessica, uma mulher de 37 anos e acima do peso, resolve tomar as rédeas de sua vida e algumas atitudes.

Mudar seu corpo e deixar seu marido.

Na academia conhece Patrick, lindo e carinhoso, que sonhava com ela desde sua adolescência.

Em suas aulas (e entre elas) eles se veem presos a uma atração selvagem, que os impedem de manter as mãos longe do outro.

Traição, amor, romance e sexo apimentam essa estória deliciosa!

INEVITÁVEL



JÁ À VENDA NA AMAZON EM E-BOOK.

Uma amizade...

Um olhar...

Um desejo insano...

Uma atração irresistível...

Pamela, uma mulher bem sucedida, encontra-se com o inevitável.

Theo, com seus cabelos revoltos e olhos verdes, tira seu sono e agora também sua concentração no trabalho...

Além de um grande amor, a oportunidade de salvar uma vida, faz com que Pam tome uma atitude inesperada...

O que será que o destino reserva a esses dois?

Muitas surpresas o aguardam em Inevitável!

Sedutor, erótico , emocionante e delicioso, esse romance vai prender você!

CONTO CAMINHOS DO CORAÇÃO



JÁ À VENDA NA AMAZON EM E-BOOK.

Um único encontro, pode transformar duas vidas?
Luana é uma mulher solitária, que vive para seu trabalho.
Um dia, Roberto entra em sua vida, de maneira nada convencional.
Através de uma rede social, eles se tornam amigos e se falam
diariamente.
A amizade cresce e um dia, Roberto aparece. Após um dia
maravilhoso e uma noite melhor ainda, eles se descobrem
apaixonados.
Mas o destino tem outros planos para esse amor...

Descubra em caminhos do coração!
Um conto romântico, hot e emocionante.